

EDMOND HAMILTON

---

# A CIDADE DO FIM DO MUNDO



[WWW.ELIVROS-GRATIS.NET](http://WWW.ELIVROS-GRATIS.NET)

# A Cidade do Fim do Mundo

Por  
Edmond Hamilton

Este livro digital não pode ser vendido e foi criado como parte do Projeto 1000 Livros, por pessoas que acreditam no livro digital gratuito como ferramenta de democratização da leitura.

Se você também acredita, **COMPARTILHE !**

**Edição Criada e Formatada por:**

**<http://www.elivros-gratis.net>**

Tradução de Ubiratan Jardson dos Montes

Contato: [ubiratandosmontes@hotmail.com](mailto:ubiratandosmontes@hotmail.com)

Conheça o Projeto 1000 Livros em:

**<http://www.elivros-gratis.net/projeto1000livros>**

**CAPÍTULO UM****CATACLISMA**

Kenniston percebeu, depois, que era como a morte. Você sabe que vai morrer algum dia, mas você não acredita nisso. Ele sabia que havia perigo de uma guerra atômica há muito temida, começando com algum incidente menor, mas ele realmente não acreditava nisso.

Não até aquela manhã de junho, quando o míssil caiu em Middletown e, então, não havia tempo para compreender o que aconteceu. Você não ouve nem vê uma coisa que vem mais rápido do que o som. Num momento, ele estava caminhando pela Mill Street e pretendia falar com o policial, que vinha em sua direção. No momento seguinte, o céu se abriu e pareceu se romper, realmente. No espaço acima de toda a cidade, se formou um clarão tão rápido, tão violento, que parecia que o próprio ar tinha explodido em chamas, instantaneamente. Naquela fração de segundo, quando o céu se acendeu e o chão subiu violentamente sob seus pés, Kenniston soube que o ataque surpresa tinha chegado, e que a primeira das bombas superatômicas, há muito temidas, explodira bem acima da sua cabeça ...

Agora vem a onda de choque, pensou Kenniston, enquanto sua boca se esmagava, contra a calçada suja. Esperando o choque que impede o moribundo de sentir dor, ficou ali, esperando pela destruição final. A primeira onda de luz, que cega quem olha para ela, passou pelos céus e desapareceu, fulminante. Tudo ficou imóvel e terminou, tão rápido quanto começou.

Ele deveria estar morto, mas não se sentia assim. Então achou muito provável que estivesse agonizando e tentava entender aquela luz, que se desvanecera, além daquele silêncio sinistro. Mas, apesar disso, conseguiu erguer a cabeça e, em seguida, com as pernas bambas e o coração em disparada, ficou de pé e, estranhamente, sentiu uma imensa vontade de correr.

Kenniston olhou para a Mill Street, esperando ver edifícios pulverizados e crateras fumegantes, além de uma terrível devastação. Mas o que viu foi mais impressionante do que isso, pois de uma forma estranhamente horrível, Middletown parecia inalterada e pacífica. Tranquila à luz do sol.

O policial, ao qual ele se dirigira antes do clarão, ainda estava alí, bem à sua frente, olhando-o, enquanto ele se levantava desnorteado. O policial também estava assustado, tanto que se encontrava boquiaberto e sem o boné, que voara para longe. Ambos estavam esbugalhados e assustados. Além deles, havia, também, uma senhora com um xale sobre a cabeça, que vinha caminhando próxima a Kenniston, antes do estranho evento. A senhora estava apoiada em uma parede, enquanto que as compras de mantimentos, que ela carregava, se rompera, esparramando pela calçada cebolas e latas de mantimentos. Afora esses detalhes, além de alguns carros que ainda se moviam lentamente, nada parecia diferente do normal. Nada...

O policial veio até Kenniston. Parecia ser um oficial jovem e eficiente, apesar das condições em se encontrava. Então ele perguntou com voz rouca:

- O que aconteceu?

As palavras de Kenniston pareciam estranhas e improváveis, quando ele respondeu:

- Nós fomos atingidos por uma bomba. Uma superatômica.

O policial respondeu, assustado:

- Você enloqueceu?

- Sim, disse Kenniston, acho que talvez eu tenha enlouquecido... É a única explicação!

Kenniston sentia o cérebro triturar. O ar tornou-se, repentinamente, frio e estranho. O sol, tornou-se escuro e vermelho, parecendo não mais aquecer a terra, como antes. A senhora do

xale, chorando nervosa, ajoelhou-se no solo, mas não para orar e sim, para tentar recolher suas compras e guardá-las na bolsa rasgada.

- Olhe, disse o policial, eu li alguma coisa sobre essas super bombas atômicas, nos jornais. O que se diz é que elas são milhares de vezes mais poderosas do que as bombas atômicas, que chamamos de convencionais. Se uma delas, eventualmente, atingir qualquer lugar, não haverá de sobrar nada! Sua voz estava ficando mais forte e ele parecia estar se recuperando. - Então, nenhuma super bomba atômica poderia ter nos atingido. Não seria possível.

- Você viu a luz no céu, não viu? - Disse Kenniston.

- Claro que eu vi, mas ... - o policial tentava ser coerente - me parece que foi uma espécie de simulacro. É o que me pareceu, pois se fosse uma dessas super bombas, não estaríamos mais aqui... Deve ter sido algum simulacro. Ele riu ruidosamente, com grande alívio.

- Isso não é fantástico? Eles falam por anos, que coisas terríveis vão fazer e acontecer, e então, quando acontece, não passa de um grande rojão, que mais se parece com um foguetório de quatro de julho!

- Pode ser verdade, pensou Kenniston com cheio de esperança. Pode ser verdade...

E então ele olhou para cima e observou o sol.

- Era talvez um blefe, o tempo todo - disse o policial - Eles talvez não tenham, realmente, nenhuma super bomba atômica.

Kenniston, sem baixar o olhar, falou em um sussurro seco:

- Eu acho que eles tinham as bombas, de verdade. E eles usaram uma em nós. E acho mesmo que estamos mortos e ainda não sabemos. Ainda não percebemos que somos apenas fantasmas e que não vivemos mais na terra.

- Não vivemos mais na terra? - perguntou o policial com raiva. - Agora escute...

E então, sua voz silenciou, quando ele, acompanhando o olhar de Kenniston, olhou para o sol.

Não era o sol. Não o sol que ele e todas as pessoas conheciam como uma bola dourada e deslumbrante. Era possível olhar diretamente para aquele sol, sem queimar a retina, pois ele não passava de uma bola vermelha muito grande e chata, com pequenas chamas se contorcendo em suas bordas. O sol, agora, estava mais alto no céu do que antes, enquanto o ar estava frio.

- Está no lugar errado, disse o policial, e parece diferente...

Ele tentou encontrar uma explicação nos seus conhecimentos científicos do ensino médio:

- ...Refração. Só pode se a poeira que foi levantada pela explosão daquele simulacro de bomba.

Kenniston era um cientista e sabia que o policial estava enganado, mas se calou, para não ferir o amor próprio do pobre homem. Ele sabia que nenhuma refração poderia dar ao sol, aquela aparência.

- Talvez você esteja certo.

- Certo, estou certo, disse o policial, em voz alta, parando de olhar para cima, como se desejasse acreditar em algo difícil de se acreditar e esperar que nada de mal tivesse acontecido.

Kenniston voltou a caminhar pela Mill Street. Ele estava a caminho do Laboratório, quando isso tudo aconteceu e resolveu continuar, para procurar Hubble e os outros cientistas. Queria ouvi-los, mas não pode deixar de rir um pouco, pensando:

- Eu sou um fantasma e vou conversar com outros fantasmas sobre nossas súbitas mortes.

Então, ele disse a si mesmo, com cara de mau: - Pare com isso! Você é um cientista. Que ciência é essa, que vira piada, tão logo surge um fenômeno inexplicado?

Isso, certamente, era um eufemismo. Uma super bomba atômica detonara sobre uma pequena e tranquila cidade americana, do meio oeste, de cinquenta mil pessoas, e não mudou nada? Nada, exceto algum aspecto do sol no céu? E você ainda chama isso de um mero fenômeno inexplicado?

Kenniston caminhou pela rua e caminhou rápido, pois o ar estava realmente frio. Ele não parou para conversar com os conhecidos, a maioria homens, que trabalhavam nos moinhos de milho da cidade, pois estava aflito para falar com seus colegas cientistas sobre o acontecido. Todos na rua falavam sobre o repentino relâmpago e o choque, que para o cientista, era um ataque nuclear. A palavra que Kenniston ouviu muitas vezes foi terremoto o que, aliás, soava bem

mais ameno do que um ataque com uma super bomba atômica. Um terremoto fraco teria como efeito, algo pouco mais do que um incômodo, para a rotina diária da cidade, mas o que ninguém conseguia entender era o que estava acontecendo com o sol.

O ar estava frio e mofado, enquanto que a luz vermelha e escura era, realmente, muito estranha. Mas isso não perturbou demais as pessoas, afinal, isso não era muito mais estranho do que o frio e a luz sinistra que, muitas vezes, prenunciavam uma tempestade no meio-oeste. Kenniston se aproximou do portão de um prédio de tijolos, onde uma placa informava: "Laboratório de Pesquisa Industrial". O vigia do portão acenou com a cabeça e, sem dificuldades, o deixou passar.

Nem o vigia e nem nenhuma das cinquenta mil pessoas de Middletown, exceto algumas autoridades da cidade, sabiam que este suposto laboratório industrial hospedava, na verdade, um dos principais centros nervosos do sistema de defesa atômica da América.

- Muito inteligente, pensou Kenniston, muito inteligente instalar um laboratório chave, como esse, aqui em uma prosaica cidade do meio oeste, de onde tudo o que se espera é uma boa produção de milho moído. Realmente insuspeito. Mas talvez não o suficientemente inteligente, pensou ele, pois algum inimigo desconhecido descobrira o nosso segredo e nos atingira de surpresa, para esmagar o nosso centro de defesa logo no início da guerra, mas, ao que parece, o ataque fracassara ou, talvez, se tratasse de uma nova arma desconhecida, devido à estranha aparência do sol e do resfriamento repentino do ar.

Crisci, um jovem cientista do complexo, veio encontrar-se com Kenniston na entrada do grande edifício de tijolos. Crisci era o mais jovem da equipe, era alto e de cabelos negros e, por ser o mais novo, desejava mostrar serviço e, assim, procurou parecer calmo.

- Parece que começou, disse Crisci, tentando sorrir, parece que começou o Armagedom Atômico. O fogo final - parando de tentar sorrir, o rapaz acrescentou - Por que não fomos exterminados, Kenniston? Por que?

Kenniston perguntou:

- Os contadores Geigers não mostram nada?

- Nada, respondeu o rapaz - nada mesmo.

- Nada de radiação – pensou Kenniston – isso só aumenta a loucura dessa história toda.

Onde está o Hubble? – pergunta, finalmente, ao jovem.

Crisci gesticulou vagamente.

- Por aí. Ele me pediu para contactar Washington mas nada consegui, parece que as comunicações estão mortas. Tanto as redes de fios, quanto as de rádios.

Kenniston atravessou, confuso, as instalações do laboratório. Hubble, seu chefe, estava olhando para o céu escuro e para o fraco sol vermelho, que podia ser observado, diretamente, sem proteção para os olhos. O cientista tinha apenas cinquenta anos, mas parecia mais velho naquele momento, talvez devido aos cabelos grisalhos, desordenados e ao rosto fino, bem desenhado, porém abatido.

- Não há nenhuma maneira de descobrir de onde esse míssil veio, disse Kenniston.

Então ele percebeu que os pensamentos de Hubble não eram sobre isso, pois o outro apenas assentiu com a cabeça, distraidamente.

- Olhe para aquelas estrelas, Kenniston.

- Estrelas? Estrelas, durante o dia?

E então, olhando para cima, Kenniston percebeu que se podia ver as estrelas, em pleno dia. Elas apareciam no céu, estranhamente escuro, como pontos fracos e brilhantes, mesmo perto do sol sombrio.

- Elas estão erradas, disse Hubble. Elas estão muito erradas.

Kenniston perguntou:

- O que aconteceu? Será que o ataque atômico foi, realmente, um fiasco?

Hubble baixou o olhar e piscou para ele.

- Não, meu amigo, ele disse suavemente, o ataque não foi um fiasco. Foi real.

- Mas Hubble, se o ataque foi real, como pode?...

Hubble ignorou o questionamento e dirigiu-se para o seu escritório no Laboratório, onde

começou a procurar por volumes de astronomia. Para a surpresa de Kenniston, ele os abriu nas páginas de diagramas astronômicos e começou a fazer cálculos rápidos, em uma folha de papel.

Kenniston agarrou-o pelo ombro:

- Pelo amor de Deus, Hubble, não é hora de teorizar cientificamente! Talvez a cidade não tenha sido atingida, mas algo grande aconteceu e ...

- Afaste-se de mim, disse Hubble, sem se virar.

Chocado com a resposta grosseira do chefe, Kenniston se calou, enquanto Hubble continuou com seus cálculos, nervosamente. O escritório estava tão silencioso, como se nada tivesse acontecido. Finalmente, Hubble se virou para o subordinado e, com a mão trêmula, apontou para as figuras nos livros e em seus cálculos.

- Vê isso, Ken? Esses cálculos são provas. São provas de algo que não pode ser. O que faz um cientista, quando enfrenta esse tipo de situação?

Ken podia perceber o medo no rosto preocupado de Hubble, enquanto sentia crescer o seu próprio medo. Ia dizer algo, mas antes que pudesse falar, Crisci entrou.

Ele disse:

- Ainda não conseguimos entrar em contato com Washington e não estamos entendendo a causa. As nossas chamadas não são respondidas e nenhuma estação, fora de Middletown, parece estar transmitindo. Hubble olhou para seus cálculos e disse:

- Tudo se encaixa. Sim, tudo se encaixa.

- O que o senhor pensa disso tudo, doutor? - perguntou Crisci, ansiosamente.

- Essa bomba foi lançada sobre Middletown, mesmo que não nos tenha ferido. No entanto, é como se todo mundo fora de Middletown fosse silenciado!

Kenniston, tenso pelo que tinha visto no rosto de Hubble, esperou que o cientista sênior lhes dissesse o que sabia, ou que pensava. Mas o telefone tocou, de repente, interrompendo a conversa. Era o interfone do vigia do portão. Hubble atendeu e, depois de um minuto, ele disse:

- Sim, deixe-o entrar e desligou.

- É Johnson, o electricista. Aquele que fez algumas instalações para nós e que vive no limite da cidade. Ele disse ao vigia que era por isso que precisava me ver, porque ele mora no limite da cidade e alguma coisa aconteceu por lá.

Quando Johnson entrou na sala, era um homem assustado e demonstrava um medo maior do que Kenniston estava imaginando, que estaria acontecendo na cidade. O homem foi logo falando:

- Eu vim aqui, porque pensei que o senhor poderia me ajudar... - disse ele a Hubble - Espero que alguém possa me explicar o que aconteceu, ou eu vou perder a cabeça. Eu tenho um campo de milho, Sr. Hubble, é um campo longo, e há uma cerca, que me separa do meu vizinho. O homem começou a tremer e Hubble disse:

- E o seu campo de milho?

- Parte dele se foi, disse Johnson, quanto a cerca e o celeiro, Sr. Hubble, foi tudo embora...

- Consequências de uma explosão, disse Hubble educadamente, uma bomba atingiu a cidade, ainda a pouco.

- Não, disse Johnson, eu estava em Londres na última guerra e sei o que uma explosão pode fazer. Não foi isso, que aconteceu. Foi... O homem procurava uma palavra, mas não conseguia encontrá-la.

- Eu pensei que o doutor poderia saber o que é.

Kenniston sentiu um calafrio e um medo crescente começou a tomar conta do seu ser. O calafrio parecia invadir-lhe os ossos. Para aliviar a tensão ele disse:

- Vou sair e dar uma olhada.

Hubble olhou para ele e acenou com a cabeça e, em seguida, se levantou lentamente, como se não desejasse sair, mas que precisasse fazê-lo:

- Nós podemos ver tudo da torre da caixa d'água. Acredito que seja o ponto mais alto da cidade. Vamos até lá Ken, enquanto você, Crisci, continue tentando se comunicar com o exterior.

Kenniston e o chefe caminharam para fora do laboratório, pegaram a Mill Street e depois a trilha para a enorme torre da caixa d'água, rodeada de palmeiras de Middletown. O ar ficava cada vez mais frio, enquanto que o sol vermelho não esquentava, e quando Kenniston segurou o corre

mão de ferro da escada, para começar a subir, sentiu que eram como barras de gelo. Os dois homens começaram a subir a escadaria, que era bem longa e cansativa, obrigando-os a parar uma vez, para recuperar o fôlego. Foi uma longa jornada e o vento soprava com mais força, na medida em que eles subiam. Uma mancha seca de mofo, na escadaria, fez Kenniston pensar no ar que sopra das rocha antigas, jogando sobre eles, a poeira do passado.

Eles, finalmente, chegaram na plataforma montada em torno da enorme caixa d'água e Kenniston olhou para a cidade, com uma visão panorâmica. Do alto podia-se observar grupos de pessoas, reunidas nas esquinas da cidade, bem como ao lado dos carros, estando alguns deles, ainda, em movimento, mas a maioria parados e bloqueando as ruas. Havia um curioso silêncio. Hubble não se incomodou em olhar para a cidade, exceto por um breve exame geral, no qual ele olhou rapidamente para a circunferência de Middletown, com todos os seus edifícios ainda de pé, como sempre e com a estátua de ferro do soldado da Guerra Civil, rigidamente montando guarda na praça e, ainda, as fumaças saindo das chaminés dos moinhos de milho. Então ele olhou para o horizonte, sem nada dizer, enquanto que Kenniston também procurou olhar para além da cidade, na esperança de observar alguma coisa que pudesse ajudar a solucionar o mistério.

Os dois cientistas observaram por um longo tempo, antes de começar a conjecturar. Suas retinas transmitiam as imagens, uma e outra vez, mas os cérebros se recusavam a entender o sentido daquelas imagens. Era inacreditável, impossível ... Não! Deveria ser o pó, ou a refração, ou uma ilusão criada pela luz solar vermelha e escura, qualquer coisa, mas não a verdade que parecia ser. Não esta verdade. Não poderia, por qualquer lei conhecida da Criação, existir uma verdade como esta!

Todo o campo em torno de Middletown tinha desaparecido. Os campos, os campos verdes e planos do meio oeste, o rio, os córregos e as antigas fazendas dispersas...

A fumaça aumentava constantemente, devido ao trabalho dos moinhos. Então eles procuraram olhar para mais distante e permaneceram mudos por um longo tempo... Todos se foram, e a paisagem que se estendia para além da cidade, estava completamente diferente do que eles conheciam. O que se via, agora, no horizonte, era alguma coisa totalmente alienígena. As planícies ondulantes e verdejantes, que ali existiam e corriam em direção às colinas, estavam agora tristes e vazias, apresentando uma coloração ocre-amarelada. O vento soprava sobre aquele mundo estéril e sem vida, mexendo as ervas daninhas amareladas, levando pesadas nuvens de poeira e deixando-as cair de volta sobre a terra.

O sol parecia olhar para baixo, como se tivesse grandes olhos aborrecidos, com cílios de fogo contorcido, enquanto as estrelas cintilantes pulsavam, solenemente, no céu. Todos os astros, a Terra, as estrelas, o sol, tinham uma aparência de morte e uma quietude de espera pelo fim do mundo. Kenniston agarrou a grade de proteção com força, sentindo toda a realidade se desfazendo debaixo dele e procurando, freneticamente, por uma explicação, por qualquer explicação racional, para essa cena impossível.

- A bomba, de alguma forma, explodira no campo lá fora, em vez de Middletown? Isso levaria um rio e traria, em troca, as colinas e aquele esfoliante amarelo? Disse Hubble.

- Qualquer explosão de bomba atômica faria isso? Mas, pelo amor de Deus, então o que nos atingiu, Kenniston? Esse artefato desconhecido foi lançado diretamente sobre Middletown, e fez alguma coisa muito estranha...

Ele vacilou e depois disse: -

- Ninguém realmente sabia o que seria uma super bomba atômica. Havia teorias lógicas e pressuposições sobre isso, mas Ninguém realmente sabia nada, exceto, que a força mais violenta concentrada na história seria repentinamente liberada. Bem, ela foi lançada em Middletown. E foi violenta. Tão violenta que ...

Ele parou, novamente, como se ele não pudesse reunir a coragem para expressar a certeza que sentia. Ele gesticulou para o céu escuro.

- Este é o nosso sol, o nosso próprio sol – mas ele está velho agora, muito velho. E a terra que vemos lá fora, é velha também, estéril, erodida e agonizante. E as estrelas... Você olhou para as estrelas, Ken, mas não prestou a devida atenção nelas. Elas estão diferentes, as constelações estão distorcidas pelas trajetórias das estrelas, mas são trajetórias que só ocorreriam ao longo de milhões de anos.

Kenniston comentou:

- Milhões de anos? Então você pensa que a bomba...

Ele se calou, pois percebeu finalmente, o que Hubble estava sentindo.

- Você disse algumas coisas, com as quais eu nunca me preocupei antes...

- Sim, a bomba - disse Hubble - uma força, uma violência, maior do que qualquer coisa antes imaginável. Um poder grande demais para ser confinado nos limites comuns da matéria. Especial demais para desperdiçar sua força na destruição, simplesmente, de coisas físicas. Em vez de destruir edifícios, quebrou o espaço e o tempo.

A resposta de Kenniston foi quase um grito rouco:

- Hubble, não! Isso é loucura! O tempo é absoluto.

Hubble responde:

- Você sabe que não é. Você sabe, pelo trabalho de Einstein, que não existe tal tempo por si só, que, em vez disso, há um contínuo espaço-tempo, o qual é curvilíneo sendo que, uma força suficientemente grande, poderia causar problemas de uma parte da curva para outra.

O mestre apontou com uma das mãos, tremendo, a paisagem morta e alienígena, que via fora da cidade, e disse:

- Essa é a força gerada pela super bomba atômica, meu amigo. Ela lançou esta cidade para outra parte da curva espaço-tempo, para outra época, milhões de anos no futuro, para uma terra moribunda do futuro.



## CAPÍTULO DOIS

### O INACREDITÁVEL

A equipe toda esperava por eles, quando eles voltaram para o Laboratório. Uma dúzia de homens, com idade variando entre Crisci e velho Beitz, esperavam tremendo de frio em frente ao prédio. Johnson estava com eles, esperando por sua resposta. Hubble olhou para ele e para os outros, e disse:

- Eu acho que seria melhor entrarmos.

Eles não fizeram as perguntas que estavam clamando por respostas. Silenciosamente, com os movimentos desajeitados de homens amarrados, tão tensos se encontravam, todos seguiram o Dr Hubble. Kenniston foi com eles, mas não o tempo todo, pois quando chegaram ao seu escritório, ele disse:

- Eu tenho que descobrir se Carol está bem.

Hubble disse, agitado:

- Não diga a ela, Ken. Ainda não

- Não, disse Kenniston. Não, não direi.

Kenniston entrou em sua pequena sala e fechou a porta. Olhou para o telefone na mesa e o pegou, mas largou como se tivesse tomado um choque. O medo já havia se transformado em algo quase fora de controle, uma espécie de entorpecimento, como se fosse muito grande para ser contido dentro de um corpo humano e tivesse desaparecido, carregando consigo toda força de vontade, da mesma maneira que a água carrega a areia. Olhando para o aparelho preto, tão familiar, pensou o quão improvável seria que ainda existissem aparelhos de telefones e listas telefônicas fora de Middletown. As listas com os nomes e números pertencentes a pessoas que viveram nas cidades vizinhas seriam, agora, uma mera lembrança do passado, uma vez que todos morreram!

Kenniston sentou-se na cadeira atrás da mesa, pensativo. Ele tinha trabalhado muito sentado naquela cadeira, mas agora, todo esse trabalho deixou de ser importante. Muitas coisas deixaram de ser importantes. Planos, idéias, onde iria em sua lua de mel, exatamente onde gostaria de viver, e em que tipo de casa. Florida, Califórnia ou Nova York tornaram-se palavras tão sem sentido como "ontem" e "amanhã". Tudo se foi, o tempo e os lugares. Não havia mais nada, a não ser a Carol, sendo que a própria Carol talvez estivesse morta, caso ela tenha saído da cidade, para visitar uma tia, o que ela desejava fazer, já há algum tempo.

Nervoso, ele pegou o telefone com ambas as mãos e disse um número repetidamente. O operador tentou ser paciente, pois todos em Middletown pareciam estar chamando outra pessoa, naqueles momentos difíceis. Sentindo a pressão daquela fantástica confusão de vozes na linha, Ren conseguia ouvir as batidas do seu próprio coração, agitado dentro do peito. Em dado momento e por essas coisas incríveis da alma humana, ele achou que não tinha o direito de desejar que Carol estivesse viva, quando bilhões haviam morrido. Porque ele, um ser humano como outro qualquer, desejaria ter tamanho privilégio?

- Ken? - Disse uma voz no outro lado da linha - Ken, é você? Alô!

- Carol... respondeu ele. A sala pareceu girar à sua volta, tamanha a emoção. Nada mais interessava e nada mais havia, além daquela voz na linha.

- Estou tentado falar com você a muito tempo, Ken! O que aconteceu com a terra? Toda a cidade está excitada - eu vi o clarão de um relâmpago, mas não houve tempestade, e então esse terremoto ... Você está bem?

- Estou bem, não se preocupe ...

Ela não parecia muito assustada. Ansiosa, chateada, mas não assustada. Um relâmpago e um terremoto, era o que todos pensavam. As coisas pareciam alarmantes sim, mas não aterrorizantes, ou seja, não o fim do mundo ...

Com dificuldade, ele respondeu:

- Ainda não sabemos o que está se passando, Carol...

- Mas você pode descobrir? Alguém deve saber de alguma coisa.

Ela não imaginava, é claro, que Kenniston fosse um físico nuclear. Ele não tinha permissão para contar isso a ninguém, nem mesmo à sua noiva, para a qual, não passava de um técnico de pesquisa, em um laboratório industrial, vagamente envolvido com tubos de ensaio e coisas assim. A moça jamais o questionara muito sobre o seu trabalho e, aparentemente, ela se sentia contente em deixar as coisas do jeito que eram, sem procurar problemas enquanto que ele, cômico da sua responsabilidade, sentia-se grato pelo comportamento da noiva pois, assim, não precisava contar-lhe mentiras. Nesse momento, Ken sentia-se ainda mais agradecido porque, aparentemente, sua noiva nem sonhava que ele pudesse ter informações especiais. Dessa forma, ele poderia poupá-la um pouco mais, entregando-se à pesquisa da questão, antes de contar-lhe o que tinha, realmente, acontecido.

- Vou fazer o meu melhor, disse ele, mas até que tenhamos certeza, gostaria que você e sua tia ficassem em casa, fora da rua, porque não dá para se saber o que as pessoas poderiam fazer, em uma situação como essa, quando estão muito assustadas. Promete? Você promete? Sim, sim, terminarei tudo e irei para casa, assim que puder.

De repente, Ken sentiu uma enorme vontade de largar tudo e sumir, mas, reagindo, levantou-se e ficou algum tempo de pé, ao lado da mesa, pensando nas palavras de Hubble, no sol que tinha observado, as estrelas e a triste terra alienígena. Tudo parecia impossível, mas não havia como negar que era real. Após meditar bastante, o cientista decidiu que nada havia a se fazer, senão dirigir-se ao escritório do Dr. Hubble.

Todos estavam lá, os doze homens da equipe e Johnson, que estava sozinho em um canto da sala. Ken e Hubble tinham visto o que acontecera além da cidade, mas os outros não e Ken estava tentando entender o que vira e as coisas que Hubble estava dizendo, mas não era fácil. O cientista olhou para os outros e pensou que os conhecia, pois trabalhavam juntos e, salvo melhor juízo, aqueles homens, exceto Johnson, faziam parte de um projeto secreto e estavam preparados para suportar uma grande carga de stress, mas agora, diante daquela situação

inusitada, ele percebeu que eram todos estranhos, uns aos outros, além de estarem sentindo um medo quase incontrolável.

O velho Beitz comentou, com alguma dificuldade:

- Mesmo que a sua teoria esteja correta, doutor, não será possível precisar o quanto nós avançamos no tempo, apenas analisando as estrelas...

Hubble respondeu:

- Eu não sou um astrônomo, mas qualquer um pode perceber que há alguma coisa errada, observando-se as tabelas de movimentos de estrelas conhecidas, e a mudança nas constelações.

- Mas se o contínuo espaço-tempo estiver realmente quebrado e se esta cidade realmente pulou milhões de anos ...

A voz de Beitz se apagou. Sua boca começou a se contrair e ele pareceu de repente perplexo com o que estava dizendo e todos, ficaram olhando para Hubble, em um silêncio interrogador.

Hubble balançou a cabeça.

- Vocês não vão acreditar, até verem por si mesmos. Eu não os culpo. Entretanto, vocês terão que aceitar a minha declaração, por enquanto, como uma hipótese de trabalho.

Morrow limpou a garganta e perguntou:

- E as pessoas lá fora? A cidade? Você vai contar para eles?

- Eles terão que saber pelo menos parte disso, disse Hubble, ficará mais frio, durante o dia e muito mais frio, de noite, e eles terão que estar preparados para isso. Mas não deve haver pânico. O prefeito e o chefe da polícia estão a caminho daqui agora, e vamos trabalhar em equipe.

- Eles ainda não sabem de nada mesmo? - Perguntou Kenniston, e Hubble disse: - Não. Johnson se moveu nervosamente e dirigindo-se a Hubble, disse:

- Eu não consigo entender toda essa conversa científica, sobre espaço e tempo. O que eu quero saber é se o meu menino está seguro?

Hubble olhou para o lavrador, preocupado:

- Seu filho?

- Ele foi até a fazenda do Martinsen, hoje cedo, para emprestar um cultivador. São duas milhas da estrada norte. O que o senhor acha, Dr. Hubble? O lavrador estava muito preocupado.

Hubble respondeu atencioso:

- Eu diria que você não precisa se preocupar com ele, Johnson.

Johnson suspirou aliviado, mas ainda parecia preocupado.

- Obrigado, Sr. Hubble. É melhor eu voltar para casa, agora. Deixei minha esposa muito nervosa.

Um ou dois minutos depois que ele partiu, Kenniston ouviu o som de uma sirene, vindo do lado de fora. Um veículo entrou no estacionamento do laboratório e parou.

- O prefeito chegou, disse Hubble.

Kenniston tinha uma boa impressão do prefeito Garris e achava que não havia nada de errado com ele. O prefeito não era uma pessoa antipática ou pedante. Era bastante eficiente e não era venal, como se costuma dizer que o são os prefeitos médios de cidades pequenas. Ele gostava de boa comida, discursos e se preocupava em manter a gravata alinhada, além de ser considerado um bom marido e um bom pai.

O prefeito estava consideravelmente perplexo e chateado, mas também bastante entusiasmado com a perspectiva de algo importante acontecendo, na sua cidade. Kimer, o Chefe da Polícia, era outro assunto. Ele era um homem grande, que inspirava respeito e que, por força de seu trabalho, já tinha visto muitas coisas sujas e aprendera com essas coisas, uma espécie de sabedoria endurecida.

O chefe de polícia não era um homem brilhante, pensava Kenniston, mas era alguém que conseguia fazer as coisas e, além disso, ele parecia mais preocupado com a situação do que o prefeito que, por sua vez, dirigiu-se imediatamente ao Dr. Hubble. Era óbvio que o político tinha um grande respeito pelo professor e que se sentia orgulhoso de estar em pé de igualdade com uma pessoa tão importante, como um dos principais cientistas atômicos da nação.

- O Sr. tem alguma notícia concreta, Dr. Hubble? Nós não conseguimos obter uma palavra vinda de fora da cidade e, naturalmente, isso está gerando rumores, os mais desconexos, sobre o que possa estar acontecendo. De início, tive medo de ter acontecido uma explosão aqui no laboratório, mas ...

Kimer o interrompeu.

- Estão dizendo que o que está acontecendo, mesmo, é que fomos atingidos por uma bomba atômica, Doutor Hubble. Algumas pessoas estão ficando assustadas. Se essa história crescer o suficiente, para as pessoas acreditarem, teremos um pânico nas mãos. Já coloquei os meus oficiais nas ruas, para prevenir algum distúrbio, mas gostaria muito de ter uma versão concreta do que está acontecendo.

- Bomba atômica? - Disse o prefeito Garris - Absurdo. Estamos todos vivos, e não houve danos. O Doutor Hubble irá dizer-lhe o que as bombas atômicas ...

Pela segunda vez, ele foi cortado. Hubble o interrompeu bruscamente.

- Não estamos lidando com uma bomba comum. E os rumores são verdadeiros...

Ele fez uma pausa e continuou mais devagar, fazendo com que cada palavra fosse bem digerida pelos outros:

- Uma super bomba atômica explodiu, há uma hora atrás e pela primeira vez na história, aqui mesmo, em Middletown.

Hubble esperou, até que as suas palavras fizessem o efeito desejado, lenta e dolorosamente, enquanto Kenniston observava através da janela, que o céu se tornara sombrio e sol fortemente avermelhado. Ele sentiu um nó no estômago, pois como cientista que era, sabia que algo muito grave tinha acontecido, a ponto de modificar a aparência da atmosfera.

- Fomos avisados, pensou ele. Sabíamos por anos, que estávamos brincando com forças muito grandes para nós.

- Não nos destruiu, continuou Hubble, tivemos sorte, por esse ponto de vista. Mas existem certos efeitos...

- Eu não entendo, disse o prefeito preocupado, eu simplesmente não entendo ... Certos efeitos? Como o que?

Hubble respondeu tranquilamente, que toda a cidade fora projetada a milhões de anos no futuro, devido ao impacto da super bomba. Simples assim.

O prefeito e o chefe de polícia de Middletown, homens normais de uma cidade normal, ajustados à vida em um mundo normal, ouviram aquela explicação incrível e tentaram compreender, mas não conseguiram e, naturalmente, rejeitaram-na completamente.

- Isso é loucura! - disse Garris nervoso - Middletown lançada no futuro? O que o senhor está tentando dizer, Doutor Hubble?

Muito ainda precisava ser dito, principalmente pelo chefe de polícia, mas Hubble não se sentia disposto, no momento, a tecer muito mais comentários sobre aquele triste assunto e, para resumir a tragédia, silenciosamente, ele apontou para a paisagem alienígena ao redor da cidade, referiu-se ao frio anormal e excessivo, ao sol vermelho e envelhecido e ao desaparecimento das comunicações de rádio e telefone, com o mundo exterior. O cientista tentou explicar a natureza do tempo e do espaço, e como eles podem ser quebrados, muito embora o prefeito e o policial não tivessem condição de compreender os pontos científicos das explicações, mas eles deveriam aceitar o que o doutor estava dizendo e, ainda, que até onde eles eram capazes de entender, já era o suficiente para perceber o tamanho da luta que se iniciava e a responsabilidade das pessoas, que se reuniam naquela sala, com relação à população de Middletown.

Finalmente, o prefeito Garris, com a mente em desatino, se afundou em uma poltrona. Seu rosto não tinha mais aquele tom rosado de sempre, enquanto que a voz mais parecia um gemido, quando perguntou:

- O que vamos fazer?

Hubble tinha uma resposta pronta, para atender parte dessa pergunta, pelo menos.

- Nós não podemos permitir que se estabeleça o pânico. As pessoas de Middletown devem ser informadas de tudo, aos poucos. Isso significa que ninguém deve sair da cidade, ainda, para que tenhamos algum tempo para estudar melhor a situação. Bem, eu sugiro que o prefeito faça um pronunciamento, para avisar a todos que a área fora da cidade, possivelmente, se encontra contaminada pela radioatividade e que será melhor ninguém sair. Pelo menos por enquanto.

O chefe de polícia Kimer, objetivo como era começou, imediatamente, a traçar planos de ação, para impedir que as pessoas saíssem da cidade.

- Posso colocar homens e barricadas em todos os finais de ruas e, felizmente, temos homens e material suficientes para fazer isso.

- Os nossos voluntários da Guarda Nacional já devem estar se reunindo, agora, na praça central da cidade, colocou o prefeito Garris. Sua voz estava trêmula, seus olhos ainda estavam atordoados.

Hubble perguntou:

- E quanto aos serviços públicos da cidade?

- Tudo parece estar funcionando – a polícia, os serviços de gás e água, etc - respondeu o prefeito.

- Ainda bem... – pensou Kenniston.

- Os alimentos e combustíveis, devem ser racionados, disse Hubble. O senhor precisa avisar isso, como uma medida preventiva de emergência.

O prefeito Garris parecia se sentir um pouco melhor, ao ser informado sobre o que fazer.

- Sim. Vamos fazer isso imediatamente.

Então ele perguntou, timidamente:

- Não há nenhuma maneira de entrar em contato com o resto do país?

- O resto do país, recordou Hubble, são alguns milhões de anos no passado morto. Não podemos nos esquecer dessa realidade.

- Sim, claro. Eu continuo me esquecendo, disse o prefeito. Acho que estaremos bastante ocupados, nas próximas horas.

Após a partida do prefeito, Hubble olhou para seus silenciosos colegas.

- Eles vão falar, é claro. Mas se a notícia se espalhar devagar, não será tão ruim. Isso nos dará a chance de descobrir algumas coisas.

Crisci começou a rir, um pouco nervoso.

- Se for verdade, essa história toda... A cidade lançada para o fim do mundo e ninguém percebeu nada de diferente... Caramba! Cinquenta mil pessoas e ninguém percebe nada!

- Será melhor que eles não percebam nada, disse Hubble. Ainda não. Não, até que possamos saber o que estamos enfrentando, nesta terra do futuro.

Ele continuou, pensando em voz alta.

- Precisamos ver como está lá fora, fora da cidade, antes que possamos planejar qualquer coisa. Kenniston, você vai pegar um jipe e trazer até aqui, ok? Traga gasolina sobressalente e roupas quentes também. Nós vamos precisar disso lá fora. E Ken... Traga, também duas armas!

## CAPÍTULO TRÊS

### MORTE DO PLANETA

Kenniston caminhou pela Mill Street, até a oficina do Bud Martin, onde tinha deixado o seu carro um bilhão de anos atrás, quando essas coisas ainda eram importantes. Ele sabia que era mantido um jipe lá, para o trabalho de campo do laboratório, mas talvez o jipe não fosse mais útil, porque não haviam mais estradas, fora da cidade. Além do mais, era preciso não se esquecer dos agasalhos, pois o ar já começava a esfriar e logo estaria abaixo de zero.

Literalmente, ele começou a sentir como se estivesse vivendo um pesadelo. Acima dele existia um céu alienígena, de onde vinha uma estranha luz vermelha, que se refletia nas familiares paredes de tijolos, que não foram alteradas pelo impacto da bomba e isso era uma coisa, realmente, chocante - a aparência cotidiana da cidade. Quando o tempo e o espaço se abrem, pela primeira vez na história, e você passa pelo fim do mundo, você espera que tudo fique diferente, mas Middletown não parecia diferente, exceto por aquela luz estranha, que vinha do sol vermelho.

Havia muitas pessoas na Mill Street, como sempre. Era uma rua de fábricas movimentadas e pequenas vias, que ligavam aquela parte de Middletown com o lado sul da cidade. Nem sempre haviam ônibus, carros ou pedestres. Talvez o tráfego estivesse um pouco mais desorganizado do que o habitual, ou os grupos de pedestres mais entusiasmados, discutindo o que teria acontecido, mas isso era tudo.

Kenniston conhecia um bom número daquelas pessoas, mas não parou para falar com ninguém. Ele não queria olhar as pessoas no olhos pois, em certa medida, se sentia culpado por não dizer logo a verdade para todos, pois se dissesse, o que eles fariam? Era grande a tentação de livrar-se daquele segredo, mas, ele sabia que ainda não era o momento

Havia pessoas como o velho Mike Witter, o homem gordo e de rosto vermelho, que ficava o dia inteiro sentado na varanda da sua pequena cabana, no cruzamento ferroviário, brincando com um ratinho de estimação. O ratinho parecia assustado, como se adivinhasse que alguma coisa muito errada, estava acontecendo. Porém o velho Mike não parecia estar preocupado com nada.

- Frio, em junho! – disse ele, saudando Kenniston.

- O mais frio que já vi. Estou indo acender um fogo. Nunca vi um frio tão fora de época!

Na esquina seguinte, havia um grupo de trabalhadores da fábrica de tubos, em frente ao restaurante do Joe, discutindo calorosamente, e dois ou três deles que conheciam Kenniston, se viraram para ele.

- Aqui está o professor Kenniston, um dos caras do Laboratório Industrial. Talvez ele saiba de alguma coisa!

Com as faces intrigadas, eles perguntaram:

- Começou uma Guerra? O senhor sabe de alguma coisa?

Antes que Ken pudesse responder, alguém afirmou em voz alta:

- Com certeza é uma guerra. Algum de vocês viu a bomba atômica, que caiu e fez uma clarão? Vocês não viram o clarão?

- Vá pro inferno, cara! Aquilo foi apenas um relâmpago... - respondeu alguém, do grupo.

- Você está maluco? Aquilo quase me cegou.

Kenniston procurou contornar os ânimos.

- Me desculpem, rapazes mas, no momento, eu não sei muito mais do que vocês. Assim que soubermos de algo, nós, do Laboratório, informaremos à população.

Enquanto o professor se retirava do local, uma voz desnorteada perguntou:

- Mas se uma guerra começou, quem é o inimigo?

O inimigo, Kenniston pensou amargamente, é uma nação que ficou na poeira de muitos milhões de anos atrás...

Várias pessoas estavam reunidas na ponte da Mill Street olhando, assustadas, para o rio. Elas não conseguiam entender como o rio secara, de repente. Isso mesmo, a água do rio desaparecera subitamente!

Nas cervejarias das ruas haviam mais homens reunidos, do que o normal para aquele horário. Eles gritavam e discutiam em altas vozes, mas não compreendiam nada que se passava com a cidade.

Uma mulher, que estava na janela, chamou a outra dona de casa, que varria uma varanda vizinha à sua, para falar da novela do rádio.

- Estou perdendo a minha novela de hoje, no rádio! As estações estão, todas, fora do ar...

Kenniston ficou feliz quando chegou a oficina do Bud Martin, um homem alto e magro, que montava um carburador com eficiência e competência, ao mesmo tempo em que criticava o seu jovem ajudante.

- Ainda não aprontei o seu carro, professor, disse o mecânico, eu falei que ficaria pronto às cinco, o sr. se lembra?

Kenniston balançou a cabeça, concordando, mas disse ao mecânico que precisava de um carro e Martin sugeriu:

- O sr. pode levar o jipe. Para mim será melhor, por que não estou conseguindo trabalhar direito. Parece que tem alguma coisa errada no ar...

Ele não parecia particularmente interessado no que Kenniston pretendia fazer com o jipe, pois parecia mesmo estar muito nervoso. Um homem com um avental de padeiro, enfiou a cabeça na oficina.

- Ei, Bud, ouviu a notícia? Os moinhos simplesmente desligaram ... todos eles.

- Ah, as notícias, disse Martin, eu estava ouvindo novidades de manhã. Os caras estavam dizendo coisas muito estranhas e eu não prestei atenção, porque estou muito ocupado para isso.

Kenniston entendeu porque as coisas estavam tão calmas, apesar de tudo. É que os homens de Middletown são muito ocupados e, por isso, não prestaram atenção nas coisas diferentes que estavam acontecendo, como o sol vermelho e o frio excessivo, por exemplo. Martin suspirou.

- Bud, disse ele, estou com medo dessa história ser verdade. Se os moinhos fecharam, realmente, será o fim dos nossos negócios.

O que era muito difícil de se dizer àqueles dois homens, pensou Kenniston, era que os moinhos foram desligados para economizar combustível, mas que nunca mais voltariam a funcionar. O professor não podia ficar na oficina conversando e, assim, encheu alguns galões de gasolina, como reserva, arrumou os galões no jipe e partiu para o norte.

Na rua principal começavam a aparecer pessoas agasalhadas, devido ao frio estranho. Havia grupos de pessoas nas esquinas e pessoas à espera de ônibus, todos olhando, curiosamente, o sol vermelho e o céu escuro. Entretanto as lojas continuavam abertas, as donas de casa carregando sacolas de compras e as crianças andando de bicicletas. Nada parecia ter mudado. Ainda não.

Também não havia silêncio na Walters Avenue, onde Ken tinha seu apartamento, embora fosse muito estranha a cor avermelhada da luz do sol, as pessoas continuavam apreciando o dia. Kenniston ficou feliz que sua senhoria estivesse fora, porque ele não achava que poderia enfrentar mais questões sobre o fatídico clarão.

Ken pegou seu kit de caça - um rifle .30 e uma espingarda de repetição, calibre 16, além das caixas de munição - e arrumou tudo no jipe. Vestiu sua jaqueta especial de campo e mais um casaco de couro, para o amigo Hubble, além das luvas. Então, antes de voltar a entrar no jipe, ele correu até a casa de Carol Lane, à meio quarteirão de distância, onde foi recebido por sua tia, a sra. Adams, uma mulher forte, rosada e preocupada.

- John, estou tão feliz que você veio! Talvez você possa me dizer o que fazer. Devo cobrir minhas flores? - ela balbuciou ansiosamente - parece tão bobo, em um dia de junho. Mas está muito frio. Eu acho que as flores vão se ressentir com as geadas...

- Eu as cobriria, Sra. Adams, a previsão é de que o frio vai aumentar.

Ela levantou as mãos.

- O tempo, estes dias! Nunca costumava ser assim.

Ela se apressou para garantir a cobertura das flores, as flores que tinham horas para viver. Isso atingiu Kenniston com outro desses pequenos choques de percepção. Não haverá mais rosas na Terra, depois de hoje. Não haverá mais rosas, nunca mais.



- Ken ... você descobriu o que aconteceu?

Era a voz de Carol atrás dele, e ele sabia, mesmo antes de se virar para encará-la, que não conseguiria evadir-se com ela, como tinha feito com os outros. Carol não sabia muito sobre ciência e sobre coisas como a curva espaço-tempo, ou sobre um tal de “continuiuns” ser quebrado. Essas coisas nunca tinham entrado em sua cabeça. Mas ela o conhecia, e não lhe deu nenhuma chance de enrolar a história.

- Elas são verdadeiras, as histórias sobre uma bomba atômica que caiu sobre Middletown?

Carol estava, realmente, assustada. Ela tinha cabelos e olhos escuros. Era magra, robusta e, segundo Kenniston, tinha lábios sensuais. Ela gostava de crianças, cães pequenos, e de casa bem arrumada e agradável e, principalmente, cozinha perfumada. Também de conversas e risos discretos. Parecia uma coisa terrível para Kenniston, que ela estivesse de pé, em um jardim agonizante, fazendo perguntas sobre bombas atômicas.

- Sim, ele disse. A bomba é real... - ao observar a cor sumir do rosto da moça, Ken acrescentou apressadamente: ...ninguém foi morto. Não há efeitos de radiação na cidade, portanto, nada a temer.

- Existe alguma coisa. Posso ver na sua cara

- Bem, há coisas de que ainda não temos certeza. Hubble e eu vamos investigar agora - Ele pegou suas mãos - não tenho tempo para conversar, mas ...

- Ken, disse ela, por que você? O que você saberia sobre coisas tão terríveis?

Ken percebeu que chegara a hora de contar a Carol, o que sempre temia um pouco, e esperava que fosse adiado para sempre. Chegara o momento de falar com a noiva, sobre o seu trabalho. O seu verdadeiro trabalho. Com que olhos ela o olharia quando soubesse? Ele não tinha certeza, não mesmo. Mas se sentia feliz por poder acabar com aquele segredo, de uma vez. Mas, naquele momento, não havia tempo para isso e ele sorriu.

- Contarei tudo sobre isso, quando voltar. Fique em casa, Carol, prometa-me e, então, não vou me preocupar.

- Tudo bem, disse ela devagar, e então, bruscamente, "Ken ..."

- O que?

- Nada. Tenha cuidado.

Ele a beijou e correu para o jipe. Graças a Deus, ela não era do tipo histérico. Essa teria sido a última gota... Enquanto dirigia para o laboratório, Ken se perguntava o que isso tudo faria com Carol e consigo mesmo. Se ambos estariam vivos amanhã ou nos dias seguintes e, em caso afirmativo, que tipo de vida seria. Pensamentos ruins. Ele tinha tudo tão bem planejado, antes que este pesadelo acontecesse. A solidão acabaria, bem como a vida sem rumo, sempre se mudando de um lugar para outro. Haveria uma casa novamente, o que o rapaz não tinha tido, desde que seus pais morreram. Era o sonho de paz de um homem moderno. Eram as coisas normais, que um homem precisava para mantê-lo firme na luta pela vida, além de dar sentido aos seus anos. E agora...

Hubble esperava do lado de fora do laboratório, segurando um contador Geiger e vários outros instrumentos. Tudo foi cuidadosamente arrumado no jipe e, após vestir o casaco de couro, o cientista se ajeitou no assento ao lado de Kenniston.

- Tudo bem, Ken ... vamos para o extremo sul da cidade. Das colinas poderemos ter uma visão panorâmica de toda a terra à nossa volta.

Eles encontraram uma barricada da polícia municipal, na extremidade sul da cidade e lá ficaram detidos, até que o prefeito telefonasse, autorizando a saída dos dois cientistas, com a finalidade de inspecionar a área contaminada.

O jipe rodou por uma boa estrada, entre pequenas propriedades verdes, por menos de uma milha. Então a estrada e as terras verdes terminaram de repente. A partir deste ponto, as planícies, levemente onduladas, desapareceram do cenário. Nem uma árvore, nem uma mancha de verde, quebrava a monotonia. Apenas o balanço do jipe, o pó e o vento.

Hubble, estudando seus instrumentos, disse:

- Nada. Não é nada. Continue.

Em frente a eles, as colinas baixas pareciam magras e nuas, e acima, um vasto céu escuro e frio, que tocava o solo no horizonte. Estrelas fracas, e sob elas nenhum som, exceto o

gemido do vento. Com o barulho do motor do veículo rugindo, enquanto a carcaça balançava, devido às irregularidades do terreno, o jeep levou-os em frente, através do silêncio da terra morta.

## CAPÍTULO QUATRO

### UMA CIDADE MORTA

Kenniston concentrou-se no volante, agarrando-o até as mãos doerem. Ele olhou atentamente para o terreno à frente, observando todas as rochas e guiando o jipe cuidadosamente, através de declives perigosos. Dirigia como se não houvesse nada no universo, senão o ato mecânico. Os dois homens não estavam de bom humor.

Hubble apertava uma mão contra a outra, o suficiente para doer, mesmo através luva grossa.

- Não, Ken...

Kenniston virou a cabeça e viu que o rosto de Hubble estava contraído e tenso, além de que seus olhos quase imploravam.

- Desculpe, disse ele, tentando acalmar o amigo.

Hubble balançou a cabeça.

- As coisas estão difíceis de serem entendidas, Ken, estou tentando me concentrar para chegar a uma conclusão racional.

Eles atravessaram a planície vazia, em direção às colinas baixas e sem vegetação, que faziam lembrar a morte. O jipe subia as inclinações monótonas roncando e saculejando e, de alguma forma, o som familiar do motor só servia para enfatizar o fato de que, ao seu redor, só havia o silêncio e o crepúsculo vermelho do fim do mundo. Kenniston esperava que Hubble dissesse algo, qualquer coisa, mas, nada. O homem mais velho permanecia calado e Kenniston sentia sua própria língua ficando congelada. Sentia-se perdido em um pesadelo, e não havia nada a fazer, além de dirigir.

De repente, eles ouviram um barulho estranho, como se fosse um assobio, que vinha em sua direção, o que fez com que Ken, no impulso, freasse o veículo abruptamente. Os dois homens logo perceberam que o barulho nada mais era do que uma raposa assustada, com a presença deles, que ficara um tanto desorientada e corra em direção ao carro e que, agora, corria em direção contrária. Um animal correndo livre pela planície, de certa forma, trazia um alívio para a tensão que eles sentiam.

Kenniston respirou fundo e susurrou:

- Então, ainda há vida animal na Terra. E olhe lá ... - Ken apontou para um buraco, logo à frente - ... Parece que o animal estava tentando cavar ali. Provavelmente em busca de água. A superfície é árida, então deve cavar para beber.

Pararam o jipe e examinaram o buraco, para constatar assustados que, realmente, fora feito por animais tentando cavar em busca de água. Eles se arrepiaram ao pensar nas dificuldades que a população de Middletown teria de enfrentar, para obter água. Era urgente falar com o Prefeito e iniciar um racionamento dos estoques de água disponíveis. Além disso, havia marcas de dentes de animais nos raros arbustos baixos, o que deixava bem claro a dificuldade de se obter alimentos.

- Dentes de animais, disse Hubble, grandes e bem maiores do que qualquer coisa típica do nosso tempo, mas ainda reconhecível. Eles se entreolharam preocupados e parados, sob a luz vermelha do céu, tão estranha para alguém, que veio de um tempo em que o sol era amarelo e quente. Então Hubble voltou para o jipe.

- Vamos continuar.

Eles continuaram subindo e encontraram mais poços feitos pelos animais, mas estes eram velhos e abandonados. O olho vermelho e cego do sol os observava friamente, enquanto Kenniston pensava que aqueles lugar já fora o lar de homens bons. Chegando ao cume da colina, Ken parou o jipe para que eles pudessem olhar através da planície iluminada de vermelho. Hubble olhou para o sudoeste, e então suas mãos começaram a tremer um pouco.

- Ken, você vê isso? - Kenniston olhou para o lado que o amigo apontava, e viu.

O incrível choque de alívio e alegria! Uma alegria selvagem, ao descobrir que você e seu povo não estão sozinhos em uma terra sem vida! Lá fora, na planície estéril, havia uma cidade.

Uma cidade de edifícios brancos, completamente fechada e coberta por uma grande bolha cintilante. Na verdade, se tratava de uma cúpula transparente.

Olharam e olharam, saboreando o deleite requintado do alívio. Eles não podiam ver nenhum movimento na cidade abobadada, àquela distância, mas apenas ver uma cidade já era o suficiente. Então, lentamente, Hubble disse:

- Não há estradas na planície.

- Talvez eles não precisem de estradas. Talvez eles voem.

Instintivamente, ambos os homens esticaram seus pescoços para examinar os céus sombrios, mas não havia mais nada além do vento, das estrelas e do sol fraco, agonizante.

- Não há luzes também, disse Hubble.

- Ainda é dia, disse Kenniston. Eles talvez não precisem de luzes, pois já estariam acostumados a escuridão deste mundo. Eles tiveram muito tempo.

Ken estava muito nervoso e mal conseguiu dar a partida no jipe novamente, arranhando as engrenagens horrivelmente e soltando a embreagem como um idiota.

- Tenha calma, disse Hubble. Se eles estão lá, não há pressa. Se eles não estão ... - Sua voz não estava nada tranquila e, após alguns instantes, ele terminou, - ... também não há pressa.

Palavras. Nada além de palavras. Pareceu a Kenniston que ele não aguentaria a tensão. A planície estendia-se infinitamente à sua frente. O jipe pareceu rastejar. Rochas, poços e barrancos se moviam maliciosamente em seu caminho. A cidade zombava deles e não se aproximava.

Então, de uma só vez, a cidade abobadada apareceu diante deles, surgindo no céu como uma montanha vítrea de conto de fadas, pois, desse ângulo, sua superfície curva, refletia a luz solar.

Aqui, finalmente, eles encontraram uma estrada lisa e ampla e foram, diretamente, para a entrada da cidade, um portal alto e arqueado, na parede vítrea. O portal estava aberto.

- Se a idéia desse domo for aquecimento, por que a porta estaria aberta? Disse Hubble.

Kenniston, evidentemente, não tinha resposta para isso. Nenhuma resposta, exceto aquela que sua mente se recusava a aceitar. Eles atravessaram o portal e, logo, estavam debaixo da cúpula da cidade. Após o vazio da planície, o poderoso escudo da cidade dava uma sensação, de certo modo, esmagadora, mas, ao mesmo tempo, confortadora.

Estava mais quente debaixo da cúpula. Não muito quente, mas o ar, aqui, não tinha o frio gelado do lado de fora.

Eles desceram por uma ampla avenida, deslocando-se lenta e tímidamente, nervosos e com o corações acelerados. O ruído do motor era muito alto na quietude, ecoando como uma blasfêmia no silêncio do local. O veículo levantava poeira, por onde passava, como se aquelas ruas estivessem, à muito tempo, abandonadas.

Os edifícios eram altos e maciços, infinitamente mais bonitos e simples, em linha, do que qualquer coisa que Kenniston jamais imaginara. Uma cidade de graça, simetria e dignidade. Os dois homens ficaram encantados, e perplexos, com os tons suaves e texturas plásticas, bem como, com a força limpa dos metais e das pedras, utilizados nas construções.

Um milhão de janelas olhavam para o jipe e para os dois homens de outro tempo. Um milhão de olhos se esmaeceram com as cataratas de pó do tempo, vazias e cegas. Algumas estavam abertas, outras fechadas, mas nenhuma apresentava qualquer evidência da presença de seres humanos...

O vento gelado entrou pelo portal, sussurrando de fora para dentro do domo, assobiando pelas ruas e vagando, inquieto, pelos amplos parques, que não eram mais verdes, brilhantes e floridos, mas apenas poeira. Muita poeira e abandono...

Não havia nada, em nenhum lugar, que denotasse sinal de vida. No entanto, Kenniston continuou explorando. Parecia uma coisa muito terrível para se aceitar, ou seja, aceitar que esta grande cidade, com abóbada, fosse apenas uma concha morta, um cadáver abandonado, e que Middletown estivesse sozinha na velha terra moribunda.

Ken dirigia gritando e buzinando, em uma espécie de frenesi, para ver se aparecia alguém, mas nada. Ninguém. Os dois homens procuravam, atentamente, por algum sinal de vida. Certamente, em algum lugar desse lugar, que foi construído por homens, deve haver um rosto

humano, uma voz humana! Certamente, em todos esses inúmeros quartos e salas vazias, havia espaço suficiente para a vida!

Mas não havia vida!

Kenniston dirigiu cada vez mais devagar. Ele parou de tocar a buzina e de gritar. Por um momento, parou até de olhar para as coisas, entristecido com tanta solidão, estacionou o jipe em uma grande praça central, desligou o motor e o silêncio desceu sobre eles como uma avalanche...

O cientista curvou a cabeça sobre as mãos, desanimado, enquanto Hubble dizia:

- Não há ninguém! Ou morreram todos ou todos se foram...

Kenniston levantou a cabeça.

- Sim. Mortos ou se foram. Não há ninguém por aqui... – Ele olhou para os belos prédios, à sua volta – você sabe o que isto significa, Hubble. Isto significa que a terra não suporta mais qualquer tipo de vida. Nem mesmo esta cúpula foi capaz de ajudar as pessoas viverem aqui.

- Mas porque eles não puderam ficar? – respondeu Hubble, apontando para um largo espaço nas proximidades, onde haviam tanques hidropônicos – me parece que tinham boa disponibilidade de alimentos...

- Parece que eles tinham água. Não foi esse o motivo de terem ido embora.

Hubble coçou a cabeça.

- Aquela raposa, que encontramos lá fora, procurava água. Será que as pessoas tinham a mesma dificuldade?

Hubble deixou o veículo e foi examinar os tanques hidropônicos, vazios e empoeirados. Ken o seguiu. Os dois homens não podiam deixar de observar os prédios, à sua volta... Janelas empoeiradas, por onde passava uma fraca luz, que vinha do sol moribundo. Em algumas salas podia-se observar pesados, porém graciosos, móveis de metal, enquanto que em outras, apenas poeira.

Uma grande tristeza tomou conta de Kenniston, enquanto ele caminhava pela rua silenciosa. O que importava, afinal, que uma cidade perdida fora de seu tempo, tivesse morrido? Não adiantava nada ficar pensando nisso, uma vez que eles tinham os seus próprios problemas para resolver. Então, a voz de Hubble o fez despertar do devaneio.

- Ainda existe água aqui, Kenniston, há um grande reservatório sob os tanques. Então essa não foi a causa do fim deles. Foi outra coisa...

- Que diferença isso faz agora? – respondeu Kenniston, quase que grosseiramente.

- Isso faz toda a diferença, respondeu Hubble, estou pensando uma coisa, mas não dá tempo para falar agora. Está esfriando muito e precisamos ir.

Ao sair, Kenniston observou que o Sol estava afundando no ocidente e que os edifícios começavam a lançar negras sombras sobre as ruas. Ele estremeceu um pouco e tratou de voltar para o jipe. Mais uma vez, o barulho do motor profanou o silêncio mortal, enquanto eles se dirigiam, de volta, para o portal.

- Precisamos ter cuidado, disse Hubble, as pessoas em Middletown não têm idéia do que terão de enfrentar.

- Se lhes falarmos sobre este lugar, respondeu Kenniston, se eles descobrirem que não há mais pessoas, que talvez estejamos sozinhos na terra, vão entrar em pânico.

O sol já estava bem baixo e uma mancha de carmesim se acumulou no céu do ocidente quando, apressado, o jipe gemeu e se precipitou em direção a estrada, de volta para Middletown. As estrelas eram brilhantes, como sempre, mas pareciam fora de lugar, no céu. O frio tornava-se mais penetrante, a cada minuto, à medida que o crepúsculo se aprofundava. A noite se aproximando, em uma cidade morta, causou horror nos dois cientistas e foi com grande alívio, que eles alcançaram a estrada de volta.

Após percorrer novamente aquelas paisagens estranhas, os faróis do jipe iluminaram as ruas familiares de Middletown. Os eixos brilhantes de Main Street e Mill Street, as lâmpadas, nas frentes gramadas das residências, os painéis brilhantes dos estabelecimentos comerciais - todos brilhando na noite gelada de um mundo morto.

- Eu esqueci de colocar anticongelante no radiador do jipe, disse Kenniston, meio sem jeito. Estava muito frio agora. O vento parecia uma navalha de gelo, e mesmo em seus casacos pesados não podiam parar de tremer. Hubble comentou:

- As pessoas precisam ser avisadas, apesar do risco de tumulto. Eles precisam saber o quanto vai fazer frio à noite.

Kenniston respondeu sem esperança:

- Mas, e depois desta noite? - quando o estoque de combustível e de comida acabar, como vai ser? Alguma idéia?

- Bem existe uma maneira de resolvermos o problema. Pelo menos para nós... - respondeu Hubble - ... pare o jipe, e nos deitaremos ao lado dele e congelaremos até a morte. Rápido e confortavelmente. O que acha?

Kenniston dirigiu em silêncio por um momento. Então ele disse:

- Você está certo. Não podemos desistir tão facilmente.

- Não é completamente impossível, disse Hubble. Pode haver outras cidades abobadadas na terra, que não estejam mortas. Talvez outras Pessoas, ajuda, companheirismo. Mas temos que aguentar, até encontrá-las. Foi o que eu pensei ... como se aguentar... - acrescentou, quando se aproximaram da cidade - vamos primeiro à Prefeitura.

A barricada no final da Jefferson Street tinha uma fogueira, para que os guardas pudessem aguentar o frio. O grupo aguardava, ansiosamente, o retorno dos dois cientistas e os abordaram excitadamente, fazendo perguntas, com suas respirações fumegantes, no ar gelado. Hubble evitou responder as perguntas ali, pois haveria um anúncio oficial, em breve.

Mas o capitão da polícia, tinha suas próprias perguntas, antes de deixá-los passar.

- Na Prefeitura estão falando coisas sobre a terra inteira estar morta. O que há de verdade, nessa história, doutor?

Hubble tentou fugir de uma resposta direta.

- Ainda não temos certeza de nada. Levará algum tempo para descobrir.

O capitão insistiu:

- O que você descobriu lá? Algum sinal de vida?

- Sim, há vida lá fora, disse Hubble. Ainda não encontramos pessoas, mas há vida.

Uma vida difícil, procurando por sua escassa comida, pensou Kenniston. A última vida, as últimas pobres criaturas, que eram os herdeiros da terra...

Varrida por um vento gelado, a South Street estava tão vazia quanto em uma noite de fevereiro mas, ainda assim, os letreiros vermelhos da cervejaria acenavam clamorosamente, enquanto que os bares pareciam lotados. Kenniston observou que as pessoas pareciam confusas, porque o pequeno lago da praça central da cidade, estava congelado e não era inverno. Todos discutiam pelos cantos da cidade, enquanto tentavam se proteger do frio. Hubble disse de repente

- Eles precisam ser informados, Ken. Agora. A menos que eles conheçam a verdade, nunca vamos conseguir que façam as coisas que devem ser feitas.

- Eles não vão acreditar, disse Kenniston. Ou se acreditarem, provavelmente vai começar um pânico.

- Talvez. Vamos ter que arriscar isso. Vou falar com o prefeito, para fazer o anúncio na estação de rádio.

Quando Kenniston começou a seguir Hubble, para entrar na Prefeitura, este o deteve:

- Não vou precisar de você agora, Ken. Sei que você está preocupado com Carol, então, vá e veja se ela está bem.

Kenniston deixou Hubble e partiu a para a casa da noiva, dirigindo para o lado norte da cidade, pelas ruas quase desertas. O frio continuava aumentando, enquanto as folhas de árvores e arbustos iam ficando, estranhamente, brancas e sem vida. Ken resolveu dar uma passada em sua própria casa, onde a proprietária o recebeu com uma enxurrada de perguntas, que ele respondeu, dizendo que logo haveria um anúncio oficial do Prefeito e, rapidamente, subiu para seus aposentos, onde tomou uma boa dose de wiskey e, em seguida, seguiu para a casa de Carol.

Ao longo das vias podia-se observar, pelas fumaças nas chaminés das residências, que todos estavam usando suaslareiras. Carol e a tia não eram excessão e Ken as encontrou sentadas, em frente àlareira.

- Isto não será suficiente, Kenniston disse a elas. Vamos precisar de alguma coisa mais forte, para combater esse frio.

- Em junho? - comentou a Sra. Adams, chocada com os caprichos do tempo.

Carol veio recebê-lo, fazendo o comentário geral, que expressava as dúvidas de todos.

- Você sabe do que está falando, Ken. Talvez você pense que está sendo gentil, para nos poupar, mas ... eu quero saber...

- Sim. Realmente há muitas coisas que precisam ser ditas à população e, por isso, o Prefeito vai fazer um pronunciamento oficial. Ligue o rádio e vamos escutar.

Parecia estranho para ele que o fim do mundo significasse ter de lidar, obsessivamente, com o frio, mas essa era a realidade. Era preciso regular os aquecedores, controlar os estoques de carvão, lacrar as janelas, economizar eletricidade e encarar a situação, como sendo uma questão de sobrevivência.

Quando Kenniston terminou de lacrar as janelas, Carol não resistiu a curiosidade e saiu da casa, para observar a lua, como sempre costumava fazer. Ken a ouviu chorar e saiu rapidamente, pensando na possibilidade de algum perigo, mas não era nada, apenas Carol estava parada, olhando para o céu oriental, onde nasce a lua, mas tudo estava muito estranho. Um enorme escudo de cobre sombrio estava subindo no horizonte. Era a lua - mas uma lua muitas vezes ampliada, inchada à um tamanho monstruoso. Suas brilhantes crateras, planícies e cadeias de montanhas, assustadoramente claras a olho nu. Kenniston teve um momento de vertigem, um sentimento de que aquele volume não natural estava prestes a cair e esmagá-los. Carol o abraçou com força, como se desejasse se esquecer da lua e daquela coisa toda, que estava acontecendo.

- O que é, o que está acontecendo? - ela gritou e, pela primeira vez, sua voz tinha uma estridência de histeria.

A Sra. Adams apareceu na porta e falou com eles:

- É o prefeito. Ele vai fazer um anúncio importante.

Kenniston as seguiu para dentro. Sim, um anúncio importante, pensou ele. O mais importante de todos. O fim do mundo deveria ser anunciado por uma voz de trovão vinda do céu. Pelas trombetas dos arcanjos. Não pela voz assustada e hesitante do prefeito Bertram Garris.

O Prefeito Garris, sendo o político que era, não daria aquela notícia terrível, senão da maneira mais amena possível e, assim, tentou diminuir um pouco o impacto de sua fala. Ele disse o que tinha a dizer, mas usando sempre expressões do tipo: "O doutor Hubble e seus técnicos são de opinião que ..." - ou - "...Pareceria uma evidência científica de que ..." - Embora tentando amenizar, ele disse tudo o que precisava ser dito.

O silêncio que se seguiu na sala de estar da casa confortável da Sra. Adams era, Kenniston sabia, apenas uma parte do silêncio atordoado que a fala do Prefeito, certamente, teria provocado em toda a população. Logo, ele sabia, viria a explosão. Mas agora elas não podiam falar, só podiam olhar para ele com caras aterrorizadas, suplicando por uma garantia que ele não poderia dar.

## CAPÍTULO 5

### NO AMANHECER VERMELHO

Kenniston foi despertado, na manhã seguinte, pelo barulho agudo do telefone. Ele acordou com muito frio, no sofá onde pegara no sono, na noite anterior. Seus membros se pareciam com os membros de um cadáver, de tão gelados. O rapaz tratou de acender o aquecedor à carvão, pois a casa estava gelada e, pela janela, podia-se observar a geada do lado de fora. Ele se levantou, pesado e com o sono, oprimido com uma sensação de coisas ruins, mas precisava despertar e atender o telefone. Era Hubble e a voz do amigo o trouxe, completamente, de volta à realidade.

A mensagem do Hubble foi breve.

- Você vai chegar aqui, Ken? tenho medo de que haja problemas.

Kenniston respondeu:

- De imediato.

Ken desligou o telefone e ficou de pé, no mesmo lugar, por um momento, ajustando-se dolorosamente para a compreensão de quão diferente era o hoje, de todos os outros dias de sua vida. Suas mãos e pés estavam entorpecidos, e sua respiração vaporizava levemente na sala. Finalmente, ele se moveu, indo precipitadamente até a adega, onde foi procurar o carvão que sobrou do inverno anterior.

Carol estava lá quando ele voltou. Ela vestia um pesado casaco de pele sobre o pijama e seus olhos estavam pesados e sonolentos, como se ela não tivesse dormido muito.

- O telefone me acordou, disse ela. Está tudo bem?

Ela não terminou. Era ridículo indagar se a chamada trouxera más notícias. Todos estavam em um sonho de horror, em que tudo era ruim. Ken apenas disse a ela que Hubble o chamava e que ele precisava ir. Então, um pouco hesitante, colocou seus braços ao redor dela.

- Você está bem agora? - perguntou.

- Sim Ken. Estou bem. Mas sua voz não parecia muito convincente.

Kenniston evitou se referir à noite anterior e ao anúncio apocalíptico do prefeito. De todos os momentos ruins que ele tivera naquele dia, esse fora o pior. A Sra. Adams ficara desesperada, mas era possível lidar com ela usando um pouco de conhaque e amônia, mas com Carol era diferente. Ela sentou-se imóvel, olhando para ele de uma maneira que nunca tinha visto antes. O prefeito havia dito toda a verdade sobre o Laboratório de Pesquisa Industrial. Era necessário, para explicar por que as declarações da Hubble eram tão importantes e Kenniston desejou ter contado a Carol, sobre sua verdadeira profissão e identidade.

Parecia uma coisa sem importância em face do fim do mundo, e, no entanto, o rapaz sentia que para ela, isso era o mais importante. Ken não conseguiu falar com ela, naquele momento, devido a histeria da Sra. Adams. Mais tarde o casal saiu e conversou, mas agora, de frente para ela novamente esta manhã, Kenniston sentiu-se inseguro consigo mesmo e com ela, pela primeira vez desde que a conheceu.

- Fique dentro de casa e mantenha a aquecedor ligado, ele disse. Eu voltarei o mais breve, que puder.

Ken a beijou, enquanto ela ficou ali, entre seus seus braços, sem ceder nem resistir.

Finalmente, ele disse, quase desesperado:

- Não desista, Carol. Vamos encontrar uma resposta a tudo, de alguma forma.

Ela assentiu e disse:

- Sim. Tenha cuidado, e se virou. Kenniston saiu sozinho, na amarga manhã.

Ainda estava meio escuro, pois o sol moribundo, ainda não havia se levantado, permanecendo no oriente, como um monstro inchado e pesado de sangue. O rapaz recarregou o radiador do jipe, que ele havia drenado na noite anterior. Estava tudo muito silencioso à sua volta. Os assobios dos moinhos, os caminhões de entrega, a movimentação dos trens - todos tinham desaparecido. Mesmo as crianças ficavam em silêncio agora, com medo do amanhecer vermelho e frio.



Todas as rosas estavam mortas. As geadas escureceram os arbustos e as árvores de verão. As ruas pareciam vazias quando Kenniston dirigiu o jipe pela Main Street. Middletown assumira, durante a noite, o aspecto de uma tumba.

A fumaça surgia de todas as chaminés, nas casas onde as pessoas se encolhiam de frio, espiando com rostos pálidos, pelos vidros das janelas, o jipe passando em direção ao Laboratório. De todas as igrejas, por onde Ken passava, surgiam sons de hinos e orações. Os bares também estavam barulhentos, tendo aparentemente, desafiado a lei e permanecido abertos a noite toda. Mas Kenniston observava que a cidade estava morrendo, pois o combustível acabaria rapidamente e, sem ele, ninguém poderia sobreviver a essas amargas noites.

Um sentimento de absoluta desesperança tomou conta do rapaz. Parecia irônico que Middletown tivesse passado com segurança, através do cataclismo mais assustador da história, apenas para perecer miseravelmente, de frio.

Um lugar em Middletown, em especial, estava repleto de vida. Tanta vida que foi necessária a presença da polícia para manter a ordem. Era o depósito de carvão. Naquele lugar da cidade quase morta, havia bastante vida e ruído.

A polícia formou um cordão de isolamento, ao redor do depósito e seus grandes montes negros de carvão. Eles enfrentavam uma multidão - uma multidão feia, agitada e cheia de problemas. Kenniston viu pessoas que ele conhecia naquela multidão, pessoas que se sentavam em suas varandas, nas noites quentes de verão e conversavam com os vizinhos e riam. Empregados dos moinhos, comerciantes, donas de casa - pessoas boas e decentes, mas que se transformavam em lobos, devido ao frio e ao medo de morrer.

Kenniston viu Hubble, que se encontrava no pátio do depósito de carvão, junto com proprietário, onde um sargento da polícia, preocupado com eles, lhes dava proteção contra a violência da multidão.

- Eles estavam começando a saquear as pilhas de carvão, disse Hubble. Pobres demônios!

Era verão e, por isso, eles não tinham muito combustível. Alguns deles chegaram ao ponto de queimar seus móveis, na noite passada, para manter a vida.

Borchard, o sargento da polícia, disse ansiosamente:

- Nós não queremos ter que matar ninguém. Tentem falar com eles, por que vão acreditar em cientistas, antes de qualquer outra pessoa.

Hubble concordou.

- Você fala com eles, Ken. Você os conhece melhor do que eu, e eles vão confiar mais em você.

Kenniston respondeu:

- O inferno que eles vão. E, além do mais, o que eu digo a eles? Vão para casa e morram em silêncio. Sejam gentis e não vamos ter cenas desagradáveis. Eles vão adorar isso!

- Talvez eles não tenham que congelar, disse Hubble. Talvez haja uma resposta para isso.

Um pensamento que vinha se formando na mente de Kenniston, veio à tona com força. Ele olhou para Hubble, pois sabia que o homem mais velho tinha tido o mesmo pensamento, porém mais cedo e mais claro. Um pequeno lampejo de esperança começou a se revolver, novamente, em Kenniston.

- A cidade da cúpula, ele disse, excitado.

Hubble concordou.

- Sim. A cúpula conserva o calor em um grau considerável, à noite. Nós vimos isso. É por isso que a cúpula foi construída - há quanto tempo? Não importa. É o nosso único refúgio meio quente. Nós temos que ir para lá, Ken, todos nós. E logo! Não podemos passar por muitas noites mais, aqui!

- Mas eles irão? E se eles forem, o que acontecerá quando virem essa cidade e perceberem que a terra é um mundo morto?

Hubble fez um gesto impaciente.

- Nós teremos de lidar com isso, na hora certa. O que interessa, agora, é dar a essas pessoas alguma esperança. Diga-lhes para aguardar em suas casas, que em breve eles estarão seguros. Diga-lhes o que quiser, mas faça-os ir!

Kenniston subiu em um monte de carvão, para ficar acima da multidão. Do lado de fora do cordão, a multidão rosou, quando o rapaz começou. Mas ele gritou, chamando os nomes dos que conhecia, pedindo-lhes que ouvissem, sendo magistral, enquanto seu coração batia com o mesmo medo, que tomava conta de todos.

- Não fale sobre leis, quando o assunto é o fim do mundo! Gritou uma mulher na multidão.

- Não é o fim do nada, a menos que você perca a cabeça, Kenniston respondeu incisivo. O prefeito está se preparando, agora, para lhe dar o que você quer - uma resposta, para como você vai viver e estar segura. Suas vidas e as vidas de suas famílias vão depender de como vocês vão cooperar. Vão para casa, liguem seus rádios e esperem pelas ordens.

- Eles nos darão carvão? - gritou alguém, agitado.

- Carvão, comida, tudo o mais que você precisa. Ninguém vai enganar ninguém. Estamos todos no mesmo barco. Nós vamos ficar ou sair juntos. Agora vão para casa, mantenham seus familiares juntos e esperem. – Dirigindo-se aos policiais, completou: - vocês também! Podem ir. Saiam desta friagem e avisem na Delegacia que as ordens que vão chegar, a seguir, são mais importantes do que este carvão!

Ken desceu do seu palco de carvão, imaginando se sua fraca tentativa de psicologia funcionaria. Borchard começou a repreende-lo, irritado, sobre a demissão dos guardas, mas o Hubble o calou.

- Funcionou, disse ele. Olha, eles estão indo. Enquanto a multidão se dispersava, o Chefe de Polícia Kimer chegou. Seu rosto parecia cansado por falta de sono, com os olhos vermelhos. Ele não parecia estar muito animado, com os problemas no depósito de carvão.

- Tivemos muito mais do que isso nas nossas mãos, durante a noite, disse ele.

Kenniston e Hubble ouviram o que aconteceu em Middletown, desde que o prefeito terminou de falar - as mortes por choque, suicídios, os surtos de saque nas ruas do centro da cidade, e mais uma dúzia de pessoas, principalmente bêbados, que morreram de frio.

- Mas o pior foi nas barricadas, nas saídas da cidade, disse Kimer cansado. Você sabe, um bom número de pessoas de fora de Middletown foram presas aqui por essa coisa. Esses, e alguns de nossos próprios cidadãos entraram em pânico e tentaram deixar a cidade. O chefe ainda acrescentou, quando voltava para a viatura: "Eles me disseram que mais de duas mil pessoas foram batizadas, ontem à noite".

- Nós iremos com você, para a Câmara Municipal, disse Hubble. Sim, você também, Ken. Vou precisar da sua ajuda com o prefeito.

Parecia impossível que o pequeno prefeito pudesse ser um problema. Ele tinha sido tão dócil, tão pateticamente ansioso para tomar conselhos e seguir ordens. Mas, quando na Câmara Municipal, o Hubble o confrontou com o plano de evacuar Middletown, o rosto do prefeito Garris assumiu um olhar de águia.

- Está louco, disse ele. Pegue uma cidade inteira, de cinquenta mil pessoas e transporte-os para outro lugar, de onde não conhecem nada. É insano!

- Há carros, ônibus e caminhões suficientes para transportar a população e os suprimentos. Há gasolina suficiente para todos – contra argumentou o doutor Hubble.

- Mas e esta outra cidade - o que sabemos sobre isso? Nada. Pode haver algum tipo de perigo lá. Não. Eu nasci em Middletown. Eu vivi aqui toda a minha vida. Trabalhei árduamente para conseguir chegar onde estou. Acabei de gastar cinco mil dólares para redecorar minha casa, e não vou deixá-la.

O Prefeito tremia de nervosismo e Hubble, para acalmar os ânimos, disse gentilmente:

- Estamos todos com medo, sr. Garris. É uma coisa difícil de fazer. As pessoas têm suas raízes, e eles não podem quebrá-las facilmente, de uma só vez. Mas devemos ir. Precisamos buscar abrigo ou morrer.

O Prefeito balançou a cabeça.

- Minha esposa e minha filha ... elas ficaram histéricas durante toda a noite, me implorando para fazer alguma coisa, como sempre. Isso tem sido um choque terrível para elas. Eu não acho que poderiam suportar mais...

- Bata na boca, Sr. Garris, respondeu Hubble brutalmente. Isso foi um choque para todos nós. Agora, o que você vai fazer? Vai ligar para a Câmara Municipal ou não vai?

- Não posso, não com essa proposta. O rosto de Garris enrugou, como aquele de uma criança prestes a chorar. Sinceramente, senhores, não posso.

Kenniston pensou em Carol, tremendo em seu casaco de peles, lutando com as últimas pás de carvão, e o pensamento o fazia agarrar Garris selvagememente, camisa.

- Tudo bem não. Não está bem, criticou Kenniston. O povo está aguardando um anúncio seu, mas vou fazer um, eu mesmo. Vou dizer-lhes que há uma maneira de se salvarem, mas que o prefeito Garris não agir. Vou dizer-lhes que eles devem morrer de frio, porque o seu prefeito não desistirá da sua grande e bela casa, com sua adega de carvão. Você gostaria que eu dissesse isso a eles, senhor Garris?

Kenniston pensou que nunca tinha visto um homem tão branco.

- Eles me partiriam em pedaços, sussurrou Garris. Não. Não, não. Vou convocar o Conselho.

Os homens do Conselho reagiram, primeiramente, da mesma maneira insana, que o Prefeito tinha feito e Kenniston não os culpou. As dificuldades de desenraizamento de uma população, de cinquenta mil almas e movê-la fisicamente, em um curto espaço de tempo, para um lugar que nunca tinham visto ou ouvido falar, realmente, era muito forte para qualquer um. Mas os argumentos de Hubble eram indiscutíveis. Era sair ou morrer, simples assim e todos sabiam que era essa a situação e, então, a decisão foi tomada. Assim, um prefeito apavorado, foi para a estação de rádio fazer o anúncio à população.

No caminho para a emissora, Kenniston olhou para Middletown. As casas grandes e ricas, as casas pequenas, os jardins... la ser duro, muito duro. As pessoas que viviam nessas casas não queriam deixá-las.

Com voz baixa e cansada, despojado agora das pompas do cargo, o Prefeito falou ao povo de Middletown.

- Então vamos, cidadãos de Middletown, temporariamente, concluiu. E ele repetiu a palavra "temporariamente". A cidade lá fora será um pouco fria também, mas não tão fria como Middletown, que se encontra desprotegida. Podemos viver lá, até... - ... até que se fazer algo. Fiquem perto de seus rádios, pois serão dadas instruções. Por favor colaborem, para salvar as nossas vidas. Por favor...

## CAPÍTULO SEIS

### CARAVANA PARA O AMANHÃ

Kenniston deixou de lado suas próprias emoções devido à urgência das tarefas a serem realizadas. A Câmara Municipal tornou-se o centro nervoso da evacuação. A polícia e os oficiais da Guarda Nacional já estavam lá, mas outros homens foram convocados: - os maiores comerciantes, os empresários de caminhões e linhas de ônibus. McLain, o maior empresário de caminhões da região, provou ser uma força social, na hora da necessidade da população. Ele tinha sido um oficial de transporte na última guerra e, por isso, era experiente em mobilização de homens e suprimentos.

- Vamos ter, por aqui, um verdadeiro manicômio no trânsito, e não vamos conseguir tirar essas pessoas em menos de algumas semanas, disse ele com firmeza. Devemos organizar por grupos. Vamos colocar policiais nos quarteirões da cidade nova, para orientar cada um que for chegando, diretamente, para o seu bairro.

Hubble concordou: "Eu posso conseguir uma equipe de vinte homens, da empresa, prontos para ajudarem nessa parte".

- Bom. Acho que a mudança demorará três dias. Um terço da população é de veteranos da guerra e estão habituados com este tipo de operação. São pessoas que ajudarão... Já o restante da população são civis e vão causar dificuldades! Vamos precisar de um esquadrão, especialmente designado para armazenar e distribuir combustível. Também ...

Hubble suspirou.

- Você tira uma grande carga da minha mente, McLain. Você vai organizar a marcha? Kenniston pode liderar o primeiro contingente, quando estiver pronto.

McLain assentiu bruscamente, sentou-se na mesa de outra pessoa e começou a disparar ordens. Hubble partiu com seus vinte homens escolhidos, bem armados, para montar uma base na cidade abobadada.

O rádio falava incessantemente, exortando, acalmando e dando instruções. A polícia e os guardas foram divididos enviados para cada ala, com um responsável dirigindo cada esquadrão.

As ordens eram levadas de casa em casa, a fim de garantir uma evacuação completa e ordeira. Também foram verificados quantos carros particulares poderiam ser utilizados, uma vez que os ônibus da cidade só poderiam evacuar uma fração da população. McLain era o único que pensava nos pacientes dos hospitais de Middletown, e organizou as equipes médicas, com o comboio de ambulâncias e tudo o mais, para levar os doentes confortavelmente.

Ninguém foi esquecido. Nem mesmo os condenados, que foram transportados nos caminhões do exército, em segurança. Tanto os presos quanto os doentes, foram deixados até o último dia, para garantir instalações adequadas para a sua recepção.

Iniciaram-se as frotas de caminhões para os armazéns, com listas precipitadas de alimentos e outros suprimentos de emergência, que deveriam ir com eles.

- Poderemos fazer, posteriormente, quantas viagens forem necessárias a Middletown, para levar mais suprimentos, McLain disse Kenniston, mas essas coisas, necessitaremos imediatamente.

A primeira e a segunda divisões foram primeiro, e isso significava que Carol e a tia seriam evacuadas na primeira turma. Kenniston conseguiu arrumar um tempo, para vê-las partir. Ele lamentava um pouco, mas elas se foram. A senhora Adams sentou, chorando, na sala de estar, e Carol arrumou sozinha os cobertores, colchões e malas, de humor amargo e cara fechada que Kenniston não conseguia entender completamente. Ele ficou mais tempo ajudando-a com os pacotes do que deveria, sinceramente tentando penetrar no silêncio da namorada.

- Eu sei que é difícil sair de casa, ele disse, mas é difícil para todos. E afinal de contas, nós teremos abrigo e calor, para poder ficar vivos.

- Abrigo e calor? respondeu Carol. Ela olhou ao redor para as cortinas brancas engomadas, a mobília polida, as fotos nas paredes e os vasos de porcelana fina, que tão carinhosamente foram sendo colecionados ao longo do tempo, e disse amargamente: Tivemos tudo isso e pusemo-los aí para as gerações futuras...

- Admito que você tem uma linda história, disse Kenniston muito sério, mas é demasiado tarde para discutir isso agora.

- Sim, ela respondeu. Tarde demais.

De repente, ela começou a chorar, de forma lenta e dolorosa.

- Oh, Ken, minha casa e todas as coisas que eu amei... - Ele teve a inteligência suficiente para saber que era não era por coisas materiais que ela chorava, mas por um modo de vida que se foi e que, possivelmente, nunca poderia voltar. Ele sentiu uma pena terrível pela moça, mas era preciso seguir em frente...

- Não vai ser tão ruim, disse ele tranquilizador. Vou estar liderando a primeira evacuação de amanhã e logo estaremos juntos novamente.

- Foi antes de 09:00 na manhã seguinte, quando Kenniston deixou a prefeitura com McLain, para verificar o andamento dos preparativos. Sob o frio intenso do olhar vermelho do sol, Middletown fervia com uma atividade animada, centrado nas primeira e segunda divisões.

Carros estavam sendo carregados às pressas e as crianças sendo reunidas, ladrar de cães sendo amarrados, famílias se reunindo animadamente. O rugido dos motores encheu o ar invernal. Motores de grandes caminhões, de e para o armazém, motores de carros de polícia com sirenes ligadas. As pessoas nas ruas, as pessoas correndo com pacotes, assustados. Alguns estavam rindo, mas era uma falsa alegria, apenas para disfarçar o medo, enquanto algumas mulheres choravam.

McLain e Kenniston partiram, no jipe, para o centro da cidade, para iniciar a evacuação.

- A primeira e a segunda ala vão sair nessa ordem, McLain disse a Kenniston. Você vai assumir o comando do primeiro grupo, que já está pronto para partir.

A polícia e a guarda municipal, formavam a segurança na rua Jefferson do Sul. Cadillacs, Buicks, Fords e os antigos Hupmobiles. Ônibus urbanos e escolares estavam lotados com aqueles que não tinham carros, além de seus pertences empilhados nos bagageiros. Policiais em motocicletas, circulavam de um lado outro, passando instruções e segurança aos cidadãos.

Então McLain requisitou um carro, embarcou e gritou de volta para Kenniston:

- Estejam prontos para sair ao meio-dia! Quando soar o apito da fábrica de tubos, será o sinal de partida!

McLain se foi, para fiscalizar outros pontos da operação de evacuação, deixando Kenniston às voltas com a polícia, guardas, agentes, funcionários, todos enfim, clamando por ordens.

- O que vamos fazer com esses carros? Metade deles estão tão sobrecarregados, que nunca irão para qualquer lugar!

Kenniston viu isso. Os carros que chegavam estavam empilhados, não só com a roupa de cama e outros itens essenciais, mas com rádios, instrumentos musicais, retratos de família, passatempos, e todo tipo de coisas que, talvez, não fossem tão necessárias, em um momento como esse.

Conforme os carros iam chegando, a polícia os colocava, dois a dois, na coluna que seguiria pelo sul, através da rua Jefferson – "... mas apenas dois, lado a lado – insistia Ken - ...para o lado do Sul, as ruas são estreitas...

Enquanto suava para organizar os carros no comboio, Ken observou o cupê azul de Carol. Quando ela se aproximou, dirigindo pálida e tentando se controlar, ele fez o possível para tratá-la como uma cidadã comum, embora desejasse abraçá-la e dar-lhe uma atenção especial. O rapaz indicou para a namorada o local onde ela deveria estacionar seu carro e, em seguida, deixou-a com a tia e continuou seu trabalho, com as outras pessoas.

Os líderes de grupos se aproximaram de Ken e relataram rapidamente, o resultado das movimentações.

- Todos estão fora da Rua Adams, da Rua Perry e da Lincoln Avenue - Mas ... Nós não conseguimos tirar todos da North Street, Sr. Kenniston, algumas pessoas idosas não querem sair!

Kenniston, imediatamente, pegou o jipe e dirigiu-se para a North Street, que era uma rua de tijolo antigo e gasto, distante duas quadras da rua principal. A primeira pessoa que viu, foi uma mulher velha e de aparência sinistra que, teimosamente, permanecia sentada em uma cadeira na varanda, congelando.

- Eu não vou deixar a minha casa, ela se agarrou a Kenniston, antes que ele pudesse falar. Vivi aqui toda a minha vida e minha mãe antes de mim. Não vou deixá-la agora – e completou com desprezo - a idéia de toda a cidade fugir, só porque está fazendo um pouco de frio, é coisa de maluco!

Kenniston, perplexo, viu uma menina de seis anos olhando para ele, de dentro da casa, pela janela.

- É sua neta? ele perguntou. Escute. Ela vai morrer em poucos dias. Vai virar uma pedra congelada, a menos que você venha conosco, agora!

A velha, assustada, olhou para ele e, em seguida, mudou de tom e perguntou:

- Para onde vou?

Ken continuou, apressado, ao longo da rua. Um velho muito nervoso, preso a uma cadeira de rodas, atacava com um bastão dois homens do esquadrão, que tentavam conduzi-lo para o comboio de evacuação.

- Maldita tolíce! - ele vociferava. Os idosos foram acomodados nos veículos e seus pertences arrumados às pressas. Em seguida, Kenniston correu de volta para a praça, pois chegava a hora da partida.

Na praça, sob uma grande árvore, um homem magro, alto e com óculos de lentes grossas, estava brandindo uma Bíblia e gritando para ninguém: "É o fim do mundo! É o castigo pelos pecados..."

Lauber, o motorista do primeiro caminhão do comboio, veio correndo até Ken, assim que este se aproximou da praça.

- Essas pessoas são loucas! - disse ele ofegante - Os que já estão prontos querem partir agora... E eles nem sabem o caminho!

A polícia tinha montado uma barricada, para impedir esse tipo de coisa, mas não estava nada fácil, porque as pessoas aceleravam os motores, só para fazer barulho, além de acionarem as buzinas, em um coro ensurdecedor.

Pânico! Ken sabia que o pânico estava no ar. As autoridades sabiam desse risco, quando o prefeito fez a sua transmissão, mas era preciso arriscar, pois apenas um medo real poderia fazer com que as pessoas deixassem suas casas.

Ken começou a gritar: "em forma! Formem uma linha! Quem não obedecer, vai ser deixado para trás!"

Ele mal podia ser ouvido. Limousines, caminhões, jipes... Muita gente pra todo lado, pequenos acidentes com os carros, alguém batia e recuava, e voltava para o seu lugar na fila. As buzinas não silenciavam.

Kenniston, suando apesar do frio congelante do ar, rezava para que o pânico não explodisse em violência. De repente, Ken encontrou prefeito Garris, que com o rosto pálido, mostrava que o pânico o infectara também.

- Não devemos ir? - gritou para Kenniston, sobre o tumulto de buzinas e motores. Toda a gente parece pronta aqui!

- Calma, que é preciso manter a ordem! - gritou Ken de volta.

- Mas se essas pessoas puderem sair logo... ia dizer o prefeito, mas parou, por que sobre as buzinas e o ronco dos motores, trovejando, estava nascendo um novo som, que parecia um alento de esperança, anunciando vida nova.

- É o apito da fábrica de tubos! gritou Lauber. Este é o sinal!

Kenniston tomou a frente e deu o comando tão esperado.

- OK, deixem esses caminhões rolarem! Mas mantenham as pessoas na fila! Nada de pânico...

Os motores roncaram e os veículos começaram a se mover para fora da cidade, como o previsto. O Jipe de Kenniston passou à frente. Mas quase ao mesmo tempo, os carros atrás pressionavam, tentando acelerar a partida do comboio.

- Mantenham os caminhões lado a lado! – gritava Kenniston. O comboio passou pela ponte da Rua Jefferson, que agora nada mais era que uma ponte sobre lama, uma vez que o rio estava morto, passou pelas casas antigas, com suas portas cuidadosamente fechadas e trancadas, e

também pelo playground, que parecia tão desamparado, pois as crianças nunca mais brincariam ali.

Depois da rua de casas, passaram os moinhos em silêncio, a seguir, vieram as cervejarias da South Street, onde de uma janela lá em cima, um homem embriagado gritou e acenou-lhes com uma garrafa. Passadas as últimas linhas de prédios, chegou a vez dos jardins, cujas flores estavam enegrecidas pela geada.

Kenniston viu à frente, a linha de demarcação, a fronteira entre o passado e o que agora era a terra. Eles chegaram às planícies ondulantes, amarelo-ocre, árido e monótono sob o sol vermelho. Com o vento frio arrebentando em torno deles, começaram a subir a encosta, em direção ao cume. Por trás de seu jipe, o comboio seguia barulhento, roncando os motores.

Kenniston olhou para trás e avaliou o quanto era grande a caravana que se deslocava para fora de Middletown. Aquela cena fez com ele se lembrasse da passagem bíblica, da saída de Sodoma, onde todos se deslocavam para um desconhecido amanhã.

## CAPÍTULO SETE

### DEBAIXO DA CÚPULA

Quando eles chegaram ao cume e, pela primeira vez, viram a cidade abobadada, que brilhava ao longe na planície desolada, Kenniston pode sentir o choque da dúvida e o medo que percorreu os corações de todos. Ele próprio sentiu-se assustado, ao ver aquela cidade pela segunda vez. Com a mente ainda cheia de cada vista, de cada som e do cheiro da velha Middletown, que tinham deixado para trás, a cidade alienígena e sua solene cúpula parecia-lhe um refúgio impossível. Ken engoliu seus sentimentos. Ele teve que engolir, pois era continuar ou morrer.

- Vamos continuar pessoal! - gritou ele, buzinando o jipe e gesticulando, com autoridade – vamos continuar!

Motivados pela liderança de Kinneston, o povo de Middletown continuou em frente, iniciando a descida da colina, em direção a cidade da cúpula. O entusiasmo foi tamanho, que chegou a ser levantada uma onda de poeira na estrada. Podia-se ver o prefeito Garris olhando em frente, com aquele seu rosto rechonchudo, chocado e pálido. Ken se perguntava o que Carol estaria pensando, olhando para aquela bolha brilhante e solitária, que seria o seu lar de hoje em diante.

A grande caravana, envolta em poeira, já estava a meio caminho na descida da colina, quando Kenniston ouviu o toque de uma buzina e olhou para trás. Um velho sedan tinha parado abruptamente meio da pista estreita e, por isso, foi abalroado por um dos caminhões, que vinha logo atrás. Não foi nada grave, mas foi o suficiente causar uma bela confusão na estrada.

Kenniston agiu rápido e o problema foi logo solucionado. Todos os veículos, que se encontravam à frente do local do acidente, continuaram a jornada, esvaziando a estrada. Assim, sobrou espaço para que pudessem passar os que estavam atrás, mas que não se envolveram no acidente e, logo, ficaram para trás apenas os dois envolvidos. Logo que o tráfego fluiu, Kenniston se aproximou nervoso do velho sedan:

- O que diabos está acontecendo aqui? Foi logo gritando. De quem é este carro?

Um senhor de meia idade, com aparência precocemente gasta pelos anos, se apresentou:

- É o meu carro, senhor. Meu nome é Jonh Borzak – o homem apontou para o banco de trás do carro – minha esposa está dando à luz no banco. É o nosso quinto.

- Jesus Cristo, isso era tudo o que precisávamos! – explodiu Ken. Borzak sentiu-se, instantaneamente, culpado. Ele olhou triste para Ken e começou a rir. De repente, todos começaram a rir e os nervos se abrandaram, terminando a tensão.

Ken dirigiu o jipe, rapidamente, até alcançar o comboio, de onde voltou com uma ambulância e um médico, para dar assistência à parturiente, que foi removida para a ambulância e a jornada foi reiniciada. A parada foi basta curta, mas foi o suficiente para que alguns pudessem observar melhor a paisagem e a decepção foi tão grande que, logo tinha gente tentando manobrar o carro, querendo voltar para Middletown. Em certa medida, Ken temia desde o início que algo assim pudesse acontecer, pois as pessoas do século vinte, não estavam preparadas para enfrentar um problema daquela natureza. Mas era preciso detê-los, ou o pânico poderia se espalhar, como um fogo que ninguém pode parar e, então corajosamente, Ken atravessou o jipe na estrada e impediu que aquelas pessoas voltassem. Em seguida e após uma calorosa discussão, os reacionários desistiram da idéia de voltar e reiniciaram a marcha para a cidade da cúpula.

Ainda assim, um homem ameaçou Kenniston com uma machadinha e disse que voltaria.

- Não quero morrer neste deserto maldito! Vou voltar para casa!

- Você não pode voltar! – Kenniston avisou - Há guardas especiais, que não deixam ninguém voltar para Middletown! Não crie problemas e volte para o comboio.

- Oh Deus, talvez seja melhor irmos! Choraminguou a mulher nervosa, ao lado do homem.

- Como diabos, podemos aceitar isso! Eu sou um americano livre e meu país não é uma ditadura!



Kenniston resolveu usar o único argumento que poderia influenciar uma pessoa teimosa, como aquele homem.

- Se você voltar agora, entrar em Middletown e ficar lá, você logo vai estar sozinho lá! Você e os poucos como você - sozinhos, lá no fim do mundo, até morrer de frio!

A idéia de Ken era substituir o medo do homem, por um maior, que era o pavor da solidão em um mundo perdido. O homem da machadinha parecia estar, na verdade doente, mas acabou cedendo e, finalmente, virou seu carro para a direção da nova cidade e seguiu viagem.

Um carro-patrolha da polícia apareceu para ajudar, mas não era necessário e o processo de evacuação continuou em frente. Ken manobrou o jipe e acelerou, para se posicionar na frente da coluna. Apesar da fumaça emitida pelos carros e da poeira, foi fácil para o jipe sair da estrada e avançar pelo terreno pedregoso, até chegar ao topo da linha. À frente da caravana, Ken retomou a liderança em direção ao destino desconhecido, que ainda era, apenas, uma bolha brilhante e cintilante no horizonte. Apenas um ponto brilhante, perdido na imensidão da planície - até onde? Que cidade seria aquela? Seria Nova York ou Paris? Haveriam outras, iguais aquela? E os oceanos, estariam secos, igual ao rio de Middletown?

Ken tinha que esquecer isso e manter sua mente focada na cidade da cúpula, seguir em frente, trabalhar duro e conseguir alojar essas milhares de pessoas. O peso da responsabilidade de uma possível morte de milhares de pessoas, por terem acreditado nele e se mudado para a cidade da cúpula, era um peso enorme, que perturbava a mente do rapaz. Ken estava tão fragilizado que seria capaz de desistir de tudo, caso alguém viesse a morrer, na operação de mudança. Mas o mundo poderia não estar todo assim, pensava. Talvez houvesse vales verdes e pessoas em algum lugar, ainda. Mas não havia tempo para pensar nisso agora, eles tinham pela frente a estrada que levava para o portal e a cúpula do último refúgio do homem. O portal altaneiro e colossal, da entrada da cúpula.

O portal tinha sido fechado pelos homens de Hubble, para manter a cúpula aquecida e impedir a entrada do vento gelado. Um segurança armado abriu o portão e recebeu os recém chegados com um sorriso, além de cumprimentar o professor Kenniston. Em seguida, o segurança começou a ajudar na orientação para as que pessoas pudessem se deslocar pelas ruas da cidade.

- Não vi viva alma por aqui, doutor. Nem mesmo um rato. Não há sinal de nada, em lugar nenhum – o homem fez uma pausa e continuou – fico feliz do senhor ter trazido gente para cá. Este lugar é tão silencioso, que assusta qualquer um!

As torres altas, brancas e silenciosas assistiam a movimentação dos recém chegados. A longa linha de carros, caminhões e ônibus empoeirados, se arrastava ao longo das avenidas vazias. O ruído dos motores, grandemente ampliado, ecoava no teto da cúpula e barulho chocante, fazia Kenniston tremer. Além do barulho dos carros, os imigrantes traziam um curioso silêncio em suas mentes. Era o medo do novo...

Todas as cabeças saíam pelas janelas dos carros e olhavam para cima, impressionadas com o porte da cúpula da cidade. Também impressionava a altura dos edifícios, cujas partes superiores não se podia ver, olhando-se da rua. Kenniston sabia como eles se sentiam, pois já tinha passado pela mesma experiência, juntamente com Hubble. Tudo era muito grande e muito estranho.

Até mesmo um nova iorquino típico, teria sentido algum temor diante dessas torres poderosas. Para o povo de Middletown, habituados com casas cobertas com telhado de ardósia, ou edifícios pequenos, feitos de tijolo de barro, aquela visão era avassaladora, esmagadora e, até mesmo, apavorante, principalmente por que a cidade estava deserta.

A caravana foi direcionada para uma seção, onde havia um cordão de isolamento. As cordas foram postas de lado, pelo pessoal de Hubble, e os carros entraram. O pessoal do doutor Hubble havia preparado aquela seção, para receber os recém chegados e se não fosse o trabalho deles, cerca de dezessete mil pessoas ficariam em dificuldades, pois eles improvisaram alojamentos para toda essa gente. Logo começou uma atividade febril. Havia trabalho para todos.

Muita limpeza precisava ser feita e havia, principalmente, poeira. Muita poeira. Poeira que ali estava, sabe-se lá há quantos séculos.

As famílias foram se alojando nas casas disponíveis, com uma espécie de atordoada docilidade. As mulheres olhavam para a poeira e para as sombras, olhavam para as janelas brancas e para os quartos estranhos. As paredes eram tão altas, que dava medo de se levantar a voz, dentro dos cômodos.

Gradualmente o som dos motores foi desaparecendo e, também, um medonho silêncio começou a se estabelecer nas ruas, assim que as bagagens foram sendo retiradas dos veículos e levadas para dentro das casas. Até mesmo os cães se aquietaram.

Kenniston fez seu relatório a Hubble e depois foi em busca de Carol. Aqui e ali, ainda haviam pessoas sentadas em seus carros, recusando-se a deixar o último lugar que lhes parecia familiar. Ele passou por uma mulher que chorava, agachada na poeira da rua, segurando alguns cobertores. Um pouco daquele sentimento de desespero, pareceu afetar Kenniston e ele temia que o encontro com Carol não fosse muito bom, porque estavam todos, bastante chateados.

Ken se dirigiu para um grande pavimento, construído ao nível da rua, com cheiro forte de poeira acumulada por muito tempo e que foi colocado, pelos organizadores, para funcionar como um alojamento improvisado. Janelas enormes deixavam a luz passar mas, ainda assim, haviam muitas sombras. Ali foram instaladas vinte mulheres, de idades variadas, mas que não tinham marido ou companheiro e, era exatamente onde se encontravam Carol e a tia, ou seja, Carol e sua tia eram duas, das vinte hóspedes improvisadas. Elas conseguiram um bom canto do cômodo, que lhes servia muito bem. A senhora Adams reclamava bastante da cama improvisada e Carol fazia o possível para ajuda-la, com os limitados recursos disponíveis.

- Vocês estão bem? – ele perguntou ansiosamente e a namorada balançou a cabeça, positivamente. Aninhada em seu canto da sala, a senhora Adams falou, chorosa:

- Por que você nos trouxe para este lugar horrível? Por que não podemos ficar em nossas casas? Carol a consolou, como se consola a uma criança.

Dois garotas chatas vieram questionar Kenniston. Por trás delas, uma mulher de meia idade, baixa, estava carimbando a parede, com desenhos infantis, para alegrar o seu filho pequeno.

- Onde ficam os banheiros? – perguntaram as garotas chatas, como se elas merecessem alguma atenção especial.

Kenniston levou Carol para um local um pouco mais além de onde estavam, para se livrar das garotas. Ali, se não havia muito mais privacidade do que outro local qualquer, pelo menos, não havia ninguém reclamando de alguma coisa. Ele disse:

- Eu sei que as coisas estão um inferno por aqui, mas será por pouco tempo. Essa situação será apenas temporária e, logo, cada um terá sua própria casa. Aqui tem lugar para todos e você poderá arrumar todas as coisas da sua antiga casa, seus livros e móveis. Só precisamos de um pouco de paciência...

Ela o interrompeu:

- Não! Eu não quero que nada lá, seja tocado. Quero que tudo fique do jeito que deixei, que é para eu ter a sensação de que, um dia, ainda vamos voltar para lá... - Ela balançou a cabeça e mudou de assunto – Ken, o velho senhor Peters, aquele da nossa rua, teve outro AVC quando chegamos aqui e foi levado, às pressas, em uma maca. Ele está morrendo... Dava para ver por sua expressão e pelo jeito que ele olhava para cima, para os prédios, que ele estava com muito medo e que não estava mais entendendo as coisas – Carol estremeceu – morrer não é bom, em lugar nenhum, aqui ainda é pior, mas nós ainda somos jovens e saudáveis... Acho que ainda viveremos muito tempo...

Kenniston precisava ir e na despedida, disse a Carol:

- Querida, temos um bebê que nasceu na estrada, já quase chegando aqui. É o primeiro cidadão desta nova cidade. Vamos pensar nos jovens, que são o futuro, e esquecer os velhos que estão morrendo... É a lei da natureza!

Ele a deixou, apressado e preocupado. Carol estava diferente e Ken pensava que não se tratava apenas de cansaço e, talvez, fosse tristeza, por que ela tinha raízes profundas na velha

Middletown. Bem, esses sentimentos de amor à terra, agora, são inúteis. Era preciso que todos se esforçassem para se ajustarem, pensava Ken, enquanto se deslocava pelas ruas.

“- As coisas parecem diferentes...” – ele pensava – “...O que seria?”

Na verdade, o que estava acontecendo era que as pessoas começavam a se ajustar à sua nova situação e isso estava dando vida ao lugar. As pessoas que se recusavam a sair dos carros, já estavam dando o braço à torcer e reconhecendo que debaixo da cúpula, a vida era bem mais agradável do que na velha Middletown e, assim, pouco a pouco, todos se ajeitavam dentro dos prédios. Afinal, limpeza é algo que pode ser feito, mas suportar o frio fora da cúpula, não era humano! Algo estava acontecendo, sim, era a vida nova que se instalava debaixo da velha cúpula...

As crianças já começavam a brincar e a trazer sua alegria infantil para o local, os mais velhos porém, como é natural, não se entregavam à nova realidade tão rapidamente, mas seria inevitável que todos reconhecessem a necessidade de aproveitar os recursos oferecidos por aquela imensa cidade abobodada. Fabulosos prédios vazios, cheios de mistérios e tesouros, novas ruas, novos becos, tudo parecia um território virgem a ser explorado. Dois ou três espíritos ousados começaram a explorar o local e logo, muitos outros os seguiram. Pessoas passando de uma calçada para a outra, começou a se tornar uma coisa comum e vozes humanas, gradativamente, ressuscitavam um mundo perdido...

Uns se divertiam gritando, para fazer eco nas imensas paredes brancas enquanto que outros, julgando-se criativos, desenhavam e escreviam nelas, inebriados com tanta brancura, o que fez Kenniston pensar: “Irreverentes, mal educados!” – Ele apertou o passo chateado, mas em seguida pensou que a raça humana é assim mesmo. É difícil, mas altamente adaptável e logo, as coisa entrariam nos eixos e, como que para confirmar suas esperanças, tudo melhorou nos dias seguintes.

Grandes ondas de migração continuaram a chegar, pela estrada empoeirada, em direção ao portal de entrada da nova cidade. Para aqueles que vieram no segundo e terceiro dias, não foi tão ruim quanto para os que vieram primeiro. Os dezessete mil pioneiros iniciais, foram recebidos por uma terrível solidão, enquanto que os seguintes já encontraram um lugar cheio de gente.

As cozinhas da comunidade, trabalhando com fogões à gasolina, encheram o ar com o cheiro acolhedor de café, logo na manhã do segundo dia. Havia comida para todos, além de amigos para receberem aqueles que chegariam na segunda jornada.

As donas de casa, infatigáveis, se ocuparam de vassouras e expulsaram seus maridos de casa, para limparem as janelas e disciplinar os filhos. Quem observasse os carros estacionados ao longo das ruas, Plymouths, Nashes, Chevrolets e Fords, sentiria que aqueles veículos do século vinte não combinavam com a imagem futurística da cidade abobodada.

No terceiro dia, foram levados os doentes e colocados no hospital. Vieram também os presos, que foram colocados em um prédio, que passou a funcionar como uma cadeia improvisada. Na verdade, fugir para fora da cidade, significaria morrer de frio e, assim, a prisão era algo quase simbólico. Uma grande estrutura na praça central tornou-se a Câmara Municipal. E assim, depois de tanto sacrifício e trabalho, ninguém dormiu em Middletown na terceira noite, pois já estavam todos protegidos sob a grande cúpula transparente, da cidade alienígena e amiga.

- Vamos chamar esse lugar de Nova Middletown, propôs o prefeito Garris. Vai lembrar a nossa verdadeira casa...

Kenniston caminhou com Carol, naquela noite, por uma das avenidas principais da cidade abobadada. As ruas estavam às escuras e as casas à luz de velas, que eram colocadas nas janelas, para iluminar mínimamente o lado de fora das casas. Uma criança tropeçou e caiu, devido a escuridão, e foi uma choradeira terrível. Os cães ladravam, desafiando fantasmas alienígenas. Alguém conseguiu fazer funcionar um velho fonógrafo e foi possível ouvir-se um pouco de música.

Kenniston pensava que os altos edifícios brancos, olhavam para baixo espantados e perplexos. Esta cidade, sob a brilhante cúpula de estrelas, certamente, tinha estado em silêncio

por um longo, longo tempo. Além do silêncio, havia o movimento lento do sol vermelho e frio, e mais as estrelas fora de lugar.

Poderia uma cidade se lembrar? Teria memória? - Kenniston se perguntava – uma cidade poderia se lembrar dos velhos tempos de seus construtores, dos amantes que caminhavam pelas ruas e das crianças que brincavam nos parques? Teria ficado feliz com a volta dos homens ou se entristecido, com a destruição do silêncio milenar?

Carol estremeceu um pouco e abotoou casaco.

- Está ficando mais frio.

Kenniston concordou.

- Mas não demais. Aqui, debaixo da cúpula, é apenas como uma noite de outubro, igual ao nosso tempo. Podemos suportar isso.

Ela olhou para o namorado, com os olhos um pouco triste e arrematou:

- Mas como vamos morar aqui, Ken? Quero dizer, quanto à comida, quando os armazéns de Middletown se esgotarem?

Kenniston e Hubble sabiam que essa pergunta surgiria, e tinha uma resposta preparada para tal. Não era uma resposta perfeita, mas era única.

- Há grandes tanques hidropônicos mais, adiante, na cidade, Carol. As pessoas que viviam aqui, cultivavam seus alimentos. Nós podemos fazer o mesmo há muitas sementes em Middletown.

- Água?

- Muito, ele respondeu prontamente. Grandes reservatórios subterrâneos, que, muito provavelmente, devem tocar os lençóis de águas profundas. Hubble testou, e é perfeitamente seguro.

Os dois caminharam, calmamente, até o final da praça. Agora a lua estava subindo no céu e era uma lua muito irreal ou, pelo menos, muito diferente daquela do século vinte, pois parecia grande demais e muito perto da terra. A sua luz cor de cobre atravessava a cúpula da cidade e se lançava sobre as torres brancas, enquanto o frio aumentava, sensivelmente.

Kenniston sentia-se esmagado pelo passado morto da terra. Milhões de anos e trilhões de vidas cheias dor, esperança, lutas e, no final, para que tudo isso? Carol sentia a mesma coisa.

- Será que morreram todos, Ken? Toda a raça humana, menos nós?

Ken e Hubble tinham a resposta para essa questão também, e estavam tentando se organizar para verificar se a resposta que tinham, era real.

- Não há uma razão, plausível, para assumirmos que a raça humana se extinguiu. Talvez existam outras cidades, ainda habitadas e, por isso, estamos tentando estabelecer contato pelo rádio.

Carol balançou a cabeça.

- Palavras, Ken. Nem você mesmo acredita nisso... Nós estamos sozinhos. Tudo o que nós tínhamos se foi e estamos, realmente, sozinhos neste mundo de Deus.

Ele colocou as mãos nos ombros dela e lhe teria dito alguma coisa, como consolo, mas ela ficou trêmula e, de repente, falou:

- Ken, há momentos em que não consigo ficar com raiva de você...

Ligeiramente chocada, Ken respondeu:

- Carol, você está ficando histérica...

Com a voz baixa e áspera, as palavras vieram rápido como se não pudessem mais ser impedidas e Carol falou:

- Estou ficando histérica? Talvez. Mas não consigo deixar de lembrar que se homens iguais a você, com seus laboratórios secretos, não tivessem vindo para Middletown, cinquenta mil pessoas não estariam passando por tudo isso. Vocês trouxeram para nós...

Ken, agora, começava a entender o estranho comportamento, que Carol vinha apresentando ultimamente. A moça estava cheia de ressentimentos, porque ele não era, realmente, quem dizia ser e todo aquele segredo, embora em nome da segurança nacional, causou muita revolta na moça e, até mesmo, em outras pessoas da

comunidade. Ken não conseguiu ser paciente com a noiva e ficou furioso com o que ela havia dito, em parte devido ao seu sistema nervoso, já bastante abalado, devido a tantos problemas. Ele ficou de pé, olhou para ela e, então, com raiva pegou-a pelos ombros e disse:

- Carol o seu comportamento não faz sentido, e você sabe disso! Você está revoltada porque perdeu sua casa, o seu modo de vida, o seu mundo e está me fazendo de bode expiatório. Você não pode! Nós precisamos uns dos outros, mais do que nunca, e não podemos esquecer disso.

Ela olhou assustada para o namorado e, então, agarrou-se a ele chorando.

- Oh Ken, não me deixe fazer papel de idiota! Só estou confusa. A minha mente está uma bagunça... Me ajude!

- Todos nós estamos confusos – ele respondeu, abraçando-a afetuosamente – mas tudo ficará bem. Esqueça isso, Carol.

Carol se acalmou e olhou para as torres altas e para a lua, tudo tão estranho, tão diferente. Ken sabia que a moça não esqueceria, tão facilmente, o ressentimento que sentia e que ele teria de lutar contra isso. Ela e todos os outros teriam de entender que ele e Hubble não fizeram a guerra, que devastou a terra e que, talvez, a raça humana tenha sido extinta. Também, eles não construíram a super bomba e nem destruíram nada. Os dois cientistas eram apenas funcionários a serviço do governo e estavam lotados naquela cidade, por mero acaso do destino.

Porque Middletown? Porque toda a raça foi extinta e o povo de Middletown foi poupado?

Ninguém tinha a resposta para essas questões e a única coisa que ficava muito clara para todos era que: quer eles quisessem, quer não quisessem, teriam de encontrar juntos uma saída para aquela situação inusitada.

## CAPÍTULO OITO

### MIDDLETOWN CHAMANDO

Quando Kenniston acordou, no dia seguinte, não saiu logo da cama e ficou um bom tempo debaixo das cobertas, percorrendo com os olhos, o grande cômodo que lhe coubera como alojamento. Ele mantinha aquele sentimento de irrealidade, que o acompanhava diariamente.

O cômodo era mesmo muito grande, com graciosas paredes curvas e teto macio texturado, de marfim plástico. Mas não era tão grande como parecia, pois os construtores da cidade sabiam como usar os mezaninos, e conseguiam dar dois níveis de piso, em um espaço relativamente pequeno. Ele olhou para as altas e empoeiradas janelas, e pensou no que aquele cômodo poderia ter sido no passado. O local fazia parte de uma grande estrutura na praça, pois o prefeito Garris insistiu para que toda a equipe do laboratório fosse dividida em quarteirões, perto da prefeitura. O prédio, obviamente, tinha sido um prédio público, mas, exceto por algumas mesas maciças, estava bastante vazio, e não havia nenhuma pista que indicasse a sua função, no passado.

Ele olhou ao redor, para os outros, que dormiram ao seu lado, em uma linha de colchões no chão, e percebeu que Hubble ainda estava dormindo calmamente. Foi então que o sr. Beitz, se mexeu em seu colchão, agitado, enquanto Crisci, já acordado, permanecia imóvel, olhando para o teto.

Kenniston, de repente, se lembrou de algo que tinha esquecido completamente, devido à agitação dos eventos. Ele foi até Crisci e sussurrou:

- Desculpe Louis. Eu não tinha pensado, até agora, sobre a sua menina.

- Por que você está pensando nela, agora? Tudo aconteceu à muito tempo atrás. Na verdade, milhões de anos. Ela até já morreu...

Kenniston meditou por um momento, buscando algo a dizer, tentando falar sobre a garota, com a qual pensava em se casar e que vivia a cinqüenta milhas de Middletown. Ele não conseguiu encontrar o que dizer. A tragédia de Crisci se repetia muitas vezes entre aquelas pessoas – a mãe cujo filho foi para a Califórnia, a esposa, cujo marido tinha ido para o norte, em viagem de negócio, o amante, a família, os amigos, tudo perdido para sempre no abismo do tempo...

Kenniston estava acendendo o seu cigarro da manhã, quando os outros começaram a acordar. Ele parou, de repente, e disse:

- Eu pensei...

Hubble sorriu para ele.

- Sim, eu sei. Você acabou de pensar em tabaco. Você e muitas pessoas terão que parar de fumar.

Quando saíram para tomar o café da manhã, na cozinha da comunidade mais próxima, Hubble lhe contou o que estava acontecendo.

- McLain está indo a Middletown para trazer bombas e motores, para que possamos bombear água subterrânea, para o nosso consumo imediato. Existem bombas da cidade, mas trata-se de uma tecnologia desconhecida para nós. Parecem máquinas nucleares, mas ainda não temos conhecimento suficiente para fazê-las funcionar e elas parecem estar paradas há muito tempo.

- Alguma coisa sobre racionamento de alimentos?

- Não só alimentos, mas também medicamentos – respondeu Hubble – vamos racionar tudo e vamos fazer a distribuição através de tickets. O uso de carros será proibido, naturalmente. Isto é para evitar que as pessoas saiam por aí, para explorar o lugar por conta própria e acabem criando problemas. Nós vamos montar equipes de exploração, que é mais seguro.

Kenniston concordou. Ele deu as últimas preciosas tragadas no cigarro, sabendo que logo não haveria mais disponibilidade do tabaco e, em seguida, disse a Hubble:

- Está tudo bem. Mas o problema principal será moral, Hubble. Ele pensava em Carol, quando acrescentou: Eu não acredito que as pessoas aceitem ficar em casa, sem fazer nada.

Acho que vão procurar, por aí, coisas que tenham sido deixadas pelos antigos moradores da cidade.

Hubble olhou para ele, preocupado.

- Eu sei disso. Deve haver muita coisa perdida por aí, pois esta cidade não foi abandonada por causa de algum desastre repentino. Está claro que eles saíram daqui organizadamente e podem ter ido para algum lugar melhor e deixado para trás, alguns pertences, que podem nos interessar.

- Não houve um sussurro no rádio, vindo de fora de Middletown, lembrou Kenniston.

- Não. Mas acredito que eles usavam algo diferente do nosso sistema de rádio, respondeu Hubble, e isso é o que eu quero de você para esta manhã, Ken. Beitz descobriu, ontem a noite, um sistema de comunicação em um prédio, perto daqui. Tem um aparelho grande, que ele pensa ser para a comunicação de TV. Isso é mais o seu campo do que o nosso.

Kenniston sentiu um forte interesse, o interesse do técnico, que nem o fim do mundo poderia matar completamente.

- Eu gostaria de ver isso.

Enquanto atravessavam a manhã vermelha e fria, Kenniston ficou surpreso com a aparência, inesperadamente, cotidiana da nova cidade sob a cúpula. As famílias estavam se deslocando, em direção às cozinhas da comunidade, com o ar de quem faz um piquenique.

Uma pequeno grupo de crianças brincava em uma rua próxima, enquanto um cão pequeno e alegre, corria de lado para outro, com latidos frenéticos.

Um homem calvo e de rosto vermelho, bastante agasalhado, fumava um cachimbo e olhava para tudo, com muita curiosidade, enquanto duas mulheres, conversavam e cuidavam das crianças.

- ...E eles dizem que a Sra. Biller está se sentindo melhor agora, mas seu marido ainda está mal ...

- Os seres humanos, disse Hubble, são adaptáveis. Graças a Deus por isso.

- Mas, e se nós formos os últimos? Seremos capazes de nos adaptar a isso?

Hubble balançou a cabeça.

- Acho que não. Ninguém se adaptaria a uma coisa assim.

Após o café da manhã, Beitz levou-os a um grande prédio quadrado, a duas quadras da praça. Dentro havia um salão grande e sombrio, onde estavam montados fileiras de aparelhos, que pareciam estranhos aos homens do século vinte, mas que tinham o aspecto de instrumentos de TV. Cada um tinha uma tela quadrada, uma grade de microfone e, por baixo disso, um painel de interruptores de controle, mostradores de ponteiro e outros instrumentos menos identificáveis. Kenniston encontrou e abriu um painel de serviço, na parte de trás de um do aparelhos, mas um breve exame daquela tecnologia, foi o suficiente para desencorajá-lo a continuar.

Tudo indicava que eram instrumentos de comunicação visual, sim. Mas os princípios em que eles trabalhavam, eram desconhecidos. Eles nem sequer usavam tubos de vácuo – aparentemente, eles estavam além da tecnologia do tubo de vácuo.

- Você consegue fazer alguma delas transmitir novamente?

Kenniston balançou a cabeça, negativamente.

- O sistema de vídeo está, absolutamente, além de minha capacidade e sem nenhuma semelhança com os nossos aparelhos de televisão primitivos.

Hubble ainda perguntou:

- Seria possível, então, usar apenas o sistema de áudio? Tente usar algum deles, apenas como um transmissor de rádio...

Kenniston hesitou.

- Isso pode ser feito. Mesmo tateando no escuro. Mas há algumas coisas que me são familiares, no design. Após refletir um pouco, Ken arrematou: Os cabos de força vêm lá de fora... alguma coisa, lá fora, se parece com uma estação de força?

Beitz concordou:

- Sim. E está há apenas alguns quarteirões daqui. Trata-se de uma espécie de turbina atômica, acoplada a um gerador.

- Nós precisaríamos de anos de estudos, para aprender a operar essas máquinas atômicas, respondeu Kenniston.

- Nós poderíamos acoplar motores à gasolina, aos geradores. Sugeriu Hubble. Isso nos daria condições de fazer funcionar, pelo menos, os transmissores.

Kenniston olhou para ele.

- Para tentar se comunicar com outras pessoas, aqui mesmo na terra?

- Sim. Se existir mais alguém, eles poderiam nos ouvir e, talvez, responder...

- Tudo bem, respondeu Ken. Vamos fazer os geradores funcionarem à gasolina e tentar chamar alguém!

Nos dias seguintes, Kenniston mergulhou na tarefa de fazer as comunicações funcionarem e, à medida que trabalhava, ficava fascinado com a tecnologia que aprendia, enquanto que os outros cidadãos iam se adaptando à vida na Nova Middletown. Podia-se ouvir o ronco dos motores dos caminhões que, incansavelmente, sob o comando de McLain, trazia os suprimentos da antiga cidade, para a nova.

Eles traziam a gasolina necessária, não apenas para bombear água dos grandes reservatórios, mas também para o funcionamento dos geradores da estação de força. Uma vez que a força foi restabelecida, Kenniston começou a experimentar o rádio.

Percebendo a inutilidade de tentar compreender os princípios dos estranhos transmissores, ele se esforçou, apenas, para deduzir o método comum de operá-los, mesmo sem compreender perfeitamente, o que fazia.

Os caminhões trouxeram, ainda, outras coisas – mais comida, roupas, móveis, equipamento hospitalar, livros e McLain começou a falar em se organizar uma expedição, para explorar os arredores mais distantes da cidade. Enquanto isso, a população já se organizava para conhecer melhor a Nova Middletown e se instalar nos prédios de suas preferências.

Já tinham feito duas descobertas surpreendentes e Hubble tirou Kenniston de seu trabalho para ver aquilo. Ele o levou através de um sistema de túneis, por baixo da cidade, que lembrava os metrô, do século vinte.

- Você sabe que há alguns graus mais quentes, aqui em Nova Middletown, do que o calor retido do sol, poderia explicar, disse Hubble. Encontramos grandes condutores, que parecem trazer um pouco de calor para a cidade, então eu mandei alguns homens pesquisarem os condutores, até chegar à fonte...

Kenniston se sentiu logo excitado, com a possibilidade de novos conhecimentos.

- A fonte? Uma fonte artificial de calor?

- Não. Nada disso, respondeu Hubble. Mas cá estamos. Veja por você mesmo.

De repente, surgiu em uma das galerias, uma enorme câmara subterrânea. A galeria se estreitava à beira de um poço, verdadeiramente, abismal, onde um eixo grande e circular, estava encravado nas entranhas da terra.

Kenniston ficou pasmo... Grandes condutores eram ligados à terminais no dito eixo e, daí, saíam em todas as direções.

- O ar mais quente vem deste poço, disse Hubble, balançando a cabeça em direção ao poço, e acrescentou: Eu sei que isso parece impossível, para nossa experiência de engenharia... Mas eu acredito que este eixo vai, muitos e muitos quilômetros, para dentro da terra. Na verdade, eu acredito que ele vai até o núcleo da terra!

- Mas o núcleo é incrivelmente quente, objetou Kenniston.

- Era... Há milhões de anos atrás, corrigiu Hubble. E, à medida que o frio aumentava, à medida que a superfície foi ficando mais gelada, eles construíram esta cidade abobadada e, talvez, outras iguais a esta... e, depois, acabaram construindo este eixo, para tirar calor do núcleo da terra, que continuou esfriando e, agora, o que temos é pouquíssimo calor.



- Então, é por isso que eles não poderiam mais morar aqui - dependiam do calor da própria terra, e isso acabou, disse Kenniston, com um pouco de desespero na voz.

A segunda descoberta foi feita por Jennings, um jovem vendedor de automóveis que liderou uma das expedições de exploração. Ele trouxe a notícia para os cientista e Kenniston, Beitz e Crisci, foram ver do que se tratava.

Era, simplesmente, uma grande sala semi circular, própria para reuniões, em um dos maiores edifícios, com vários níveis de assentos.

- Uma sala de conselho, ou sala de conferências, talvez, disse Beitz. Mas o que isso tem de incomum ?

- Olhe os assentos da segunda camada, disse Jennings. Eles viram então o que ele queria dizer. Os assentos naquele nível não eram cadeiras de metal comum, como os outros. Eles eram diferentes – diferentes das outras cadeiras e diferentes entre sí. Algumas pareciam estar fora de lugar, enquanto algumas eram muito grandes, em relação ao comum, outras eram muito pequenas. Outras, ainda, eram exageradamente curvas.

- Se esses eram lugares para se sentar, disse Jennings, não eram destinados às pessoas humanas, normais...

Kenniston e outros se entreolharam, assustados... Eles tiveram uma súbita e grotesca visão daquele salão cheio, em audiência, uma audiência em parte humana e em parte ... o que? E se a humanidade, nas últimas idades, tivesse compartilhado a terra com outras raças, que não eram humanas?

- Estamos todos tirando conclusões!

A voz de Beitz quebrou o pesado silêncio que se estabelecera.

- Essas coisas podem não ser assentos. Mas, ele acrescentou a Jennings, quando saíram:

- Melhor não contar às pessoas sobre isso, por enquanto. Isso pode enfraquecer os ânimos.

O que as outras equipes de exploração haviam encontrado foi resumido, em um breve discurso, feito por Hubble, na grande reunião da cidade de Nova Middletown, realizada na praça, no domingo à tarde. Houve serviços na igreja, naquela manhã - serviços sem sinos, órgãos ou vitrais, mas realizados no mesmo ambiente de religiosidade, típico de uma catedral.

A primeira reunião da Nova Middletown foi um sucesso. Foram colocados alto-falantes, para que todos na grande praça, pudessem ouvir a fala do prefeito Garris. Ele estava nervoso, mas conseguiu dizer o principal, como por exemplo que o sistema de ração estava funcionando bem e que não havia perigo de fome, pois a agricultura hidropônica, em breve, seria iniciada. Eles poderiam viver em Nova Middletown indefinidamente, se necessário.

- O doutor Hubble, acrescentou, informará sobre o que foi encontrado em Nova Middletown, pelas expedições exploradoras.

Hubble foi conciso. Ele enfatizou primeiro que os habitantes originais de Nova Middletown, aparentemente, deixaram o lugar deliberadamente. Eles tomaram seus pertences pessoais, seus livros, suas roupas, seus aparelhos menores, instrumentos e mobiliário. O que eles deixaram, foram as coisas muito pesadas, como certas máquinas, que pensamos serem alimentadas atômicamente, mas que devem ser estudadas com grande cuidado, antes que as tentativas de operação possam ser feitas.

- Temos certeza de que, no tempo certo, o estudo possibilitará a utilização de todo esse equipamento.

O prefeito Garris levantou-se para adicionar com entusiasmo:

- E pelo menos, um equipamento já está pronto para usar! O Sr. Kenniston fez funcionar um dos transmissores de rádio daqui e, agora, vamos começar a ligar e tentar entrar em contato com as outras pessoas da terra.

Uma grande onda de alegria, instantaneamente, tomou conta dos cidadãos, ali reunidos.

Kenniston, quando a reunião terminou, foi assediado por questionamentos entusiasmados. Todos queriam saber dos chamados do rádio e estavam todos esperançosos de encontrar outras

pessoas, vivendo em outras cidades. Mas, na verdade, ele estava preocupado e desabafou com Hubble.

- Garris não deveria ter anunciado isso! Essas pessoas, agora, estão certas de que estaremos, em breve, falando com outras cidades. Hubble respondeu que estava preocupado também.

- Eles estão certos de que existem outras pessoas e de que é só uma questão de tempo, contatá-los.

Kenniston olhou para ele.

- Você acredita que existem outros?

- Estou começando a duvidar, Hubble. Se eles não podiam morar nesta cidade, não podiam em qualquer lugar.

- Talvez. Hubble admitiu inquieto.

- Mas nós não podemos ter certezas de nada.

- Temos que tentar e continuar a tentando.

Kenniston começou a acionar o transmissor naquela noite, usando-o por apenas dez minutos por hora, para conservar a gasolina o máximo possível.

- Middletown chamando! Ele falava no microfone. Middletown chamando!

Por não ter conhecimento suficiente dos equipamentos, eles ainda não podiam operar um receptor para ouvir uma possível resposta. Assim, só podiam chamar e tentar dar a conhecer sua presença, e esperar e esperar que outros deixados na terra moribunda, escutassem e viessem.

Multidões ficavam do lado de fora do estúdio improvisado, quando ele ligava o rádio e ficavam lá, durante a noite, quando Beitz assumia, e lá novamente no dia seguinte, e no próximo. Eles ficavam em silêncio, mas a esperança em seus rostos deixava Kenniston doente. Todos sentiam que um dia passava, e outro, e a esperança ia se desvanecendo. Mas o chamado se repetia.

- Middletown chamando!

Chamando para o quê? Para uma terra agonizante, desprovida de vida humana, em uma esfera fria e árida? O que havia feito, há muito tempo, com a humanidade? No entanto, ele tinha que continuar enviando a mensagem, o chamado do homem perdido nos tempos e buscando alguém. O chamado que ele continuava emitindo, mas que não havia ninguém na terra para ouvir.

- Middletown chamando! Chamando!

## CAPÍTULO NOVE

### O SILÊNCIO DA TERRA

As semanas se passaram, enquanto Kenniston e Beitz chamavam e chamavam, enquanto o silêncio da Terra moribunda, era a única resposta. Tudo o que eles diziam parecia não ter sentido.

Eles tentavam sintonizar os estranhos receptores, mas nada conseguiam. Kenniston estava assustado, mas precisava sair do prédio e atravessar a pequena multidão de moradores esperançosos, que se reuniam do lado de fora.

- Não, ainda não - dizia, tentando parecer confiante - Mas talvez em breve...

- E talvez nunca - Carol disse para ele sem esperança, quando estavam sozinhos - Se alguém pudesse nos ouvir, também poderia chegar aqui, de qualquer parte da Terra, nessas semanas que você está ligando.

-Talvez eles não tenham aviões, lembrou Ken.

- Se eles possuem aparelhagem e receptores complicados e são capazes de nos ouvir, então eles também teriam aviões, não é?

Sua lógica era incontestável. Por um momento, Kenniston ficou em silêncio.

- Não diga isso a mais ninguém, Carol. O que mantém essas pessoas de pé, é a esperança de encontrar outras pessoas. Eles não se sentiriam tão perdidos, então. - Ele suspirou - Nós vamos continuar ligando. É tudo o que podemos fazer. E talvez McLain e Crisci encontrem alguém lá fora. Devem estar de volta em breve.

McLain conseguiu organizar uma expedição motorizada para explorar o país vizinho. Levou semanas de preparação. Preparou os caminhões tanques de Middletown para servirem de pontos de apoio com alimentos e combustível, a serem estacionados em locais estratégicos, além de estudar cuidadosamente as rotas, que seriam seguidas.

Duas semanas antes, a pequena caravana de jipes e caminhões saíra em busca de respostas, com esperança de breve retorno. Enquanto a caravana buscava alguma solução fora da cidade, Kenniston e Beitz continuavam chamando, repetidas vezes e sem resposta. Ao mesmo tempo, o trabalho, a vida e a morte avançavam, rotineiramente, em Nova Middletown. O Dr. Hubble ajudou a estabelecer um cronograma de trabalho, para se alcançar o mais rapidamente possível, pelo menos o mínimo necessário. Os tanques hidropônicos tinham que estar preparados. Toda a cidade precisava ser limpa de séculos de poeira. Os suprimentos trazidos da antiga Middletown tiveram que ser inventariados. Um conselho de funcionários eleitos, designava os homens para os trabalhos. Todo homem tinha seu emprego, seu horário, e devido pagamento em ração de sobrevivência. As escolas foram reconfiguradas. Os tribunais e as leis voltaram a funcionar.

Todos os presos, exceto os infratores sérios, foram colocados em liberdade condicional. Bebês nasceram em Nova Middletown. O número de mortos foi alto no início, sendo que a maioria foram os mais velhos, que não conseguiram suportar o choque da terrível mudança e, devido a isso, foi separado um espaço de terra, fora da cúpula, para servir de cemitério. Mas, apesar de toda a agitação, causada pelas novas atividades, Nova Middletown continuava sendo uma cidade provisória, que esperava algo acontecer. Uma cidade, esperando com terrível ansiedade, por uma resposta que, por enquanto, continuava sendo o silêncio.

Kenniston sentia sua própria impotência. Ele não conseguia entender, completamente, os transmissores que usava. Nos últimos dias, desmontara completamente um dos aparelhos, mas não conseguira entender os circuitos e nem ter certeza de que se tratava, realmente, de um rádio,

porque as frequências eram muito diferentes do espectro eletromagnético da ciência do século XX. Algumas partes do aparelho eram, verdadeiramente, desconcertantes. Os dados técnicos, gravados nas placas de orientação, não ajudavam muito, devido ao fato de estarem escritos em uma língua desconhecida para todos. Ele só podia continuar enviando o mesmo sinal monótono, ou seja, a mensagem esperançosa para algum receptor desconhecido:

- Middletown chamando!

Finalmente, a expedição exploratória de McLain retornou e Carol procurou Kenniston com notícias. Em seguida os dois foram para a praça, onde milhares de cidadãos esperavam ansiosos.

- Vocês tiveram uma jornada difícil, disse Kenniston, enquanto os veículos estacionavam na praça. McLain, Crisci e os outros estavam empoeirados e muito cansados. Alguns se deixaram cair sobre os assentos dos carros. A voz de McLain se fez ouvir ansiosa.

- Diga-lhes tudo mais tarde, Ken, neste momento, estamos esgotados!  
Crisci discordou:

- Por que não dizer tudo a eles agora? Eles terão que saber...

Então, enfrentando a multidão curiosa, Crisci falou:

- Encontramos algo, sim. Encontramos uma cidade, duzentas milhas a oeste daqui. Uma cidade abobadada, assim como Nova Middletown.

Bertram Garris fez a pergunta que estava na mente de todos.

- E então? Havia pessoas nessa outra cidade?

Crisci respondeu calmamente:

- Não. Não havia ninguém por lá. Não havia uma viva alma. Estava tudo morto, e parece que tudo está morto há muito tempo.

McLain acrescentou:

- É verdade. Não vimos nenhum sinal de vida em qualquer lugar, exceto alguns pequenos animais nas planícies.

Carol virou o rosto pálido em direção a Kenniston.

- Então não há mais ninguém? Então, somos os últimos?

Um silêncio sepulcral havia caído sobre a multidão. Eles se olhavam assustados. Foi quando Bertram Garris, demonstrando uma inesperada capacidade de liderança, levantou-se e falou alegremente:

- Vamos lá, pessoal! Não vamos deixar essas notícias nos derrubarem! A busca de McLain só cobriu algumas centenas de milhas, e a Terra é um lugar grande e poderoso. Lembrem-se que as chamadas de rádio do Sr. Kenniston estão sendo enviadas a cada hora...

E acrescentando com entusiasmo:

- Todos nós estamos trabalhando duro, e precisamos de alguma recreação, então, esta noite vamos ter uma grande festa na praça, uma festa da cidade. Venham todos!

O estado de ânimo da multidão melhorou um pouco, mas quando eles se foram, Kenniston observou que a maioria ainda olhava para trás, com ansiedade e medo. Então ele disse a Garris:

- Essa foi uma boa idéia, vai ajudar a aliviar, um pouco, as tensões.

O prefeito estava satisfeito:

- Claro. Eles estão muito impacientes e não percebem que pode levar um bom tempo, até alguém responder as suas chamadas.

Kenniston observou que a confiança de Garris não tinha sido abalada e, apesar da nova revelação, o prefeito ainda acreditava que haviam outras pessoas. Mas Hubble ficou sombrio quando ouviu as notícias.

- Outra cidade morta? Então, não há mais dúvida em minha mente. A Terra deve estar sem vida.

- Devo continuar enviando as chamadas de rádio?

Hubble hesitou.

- Sim, Ken, por um tempo. Não queremos estragar a festa deles hoje à noite.

A festa da cidade na praça, naquela noite, tinha o luxo incomum de luzes elétricas, alimentadas por um gerador portátil. Foi montada uma plataforma para uma banda e, como não podia deixar de ser, foi preparado um espaço para se dançar. Kenniston andava entre a multidão com Carol, cumprimentando a todos, pois eles eram muito conhecidos agora, mas ele notava uma diferença significativa nos cumprimentos, pois pareciam sem ânimo e as pessoas não perguntavam mais se as chamadas tinham tido alguma resposta.

- Eles estão desistindo da esperança, disse ele a Carol, eles temem que não haja outras pessoas e não querem pensar sobre isso.

No entanto, a festa estava boa e até mesmo o prefeito Garris resolveu cantar para alegrar o povo. Ele estava se movimentando alegremente, entre a multidão durante toda a noite, admirando os bebês e trocando saudações com os familiares, obviamente aproveitando politicamente a situação. Corado e feliz, ele resolveu se dirigir ao povo e, para tal, subiu na plataforma da banda e, usando o alto-falante, falou para a multidão:

- Vamos lá, pessoal, que tal cantarmos um pouco? Eu os guiarei com a minha famosa voz de tenor. Que tal "Let Me Call You Sweetheart"?

Todos riram e cantaram, quando a banda tocou a melodia e o alegre prefeito abriu a voz, conduzindo a canção. As velhas melodias, que não eram ouvidas na terra por milhões de anos, ecoaram nas paredes brancas dos altos edifícios, enquanto a grande cúpula cintilava sobre a cabeça de todos. Mas, enquanto as pessoas cantavam as antigas canções, como "Banks of the Wabash" e "Old Kentucky Home", as vozes e os rostos iam perdendo o brilho e a alegria. Kenniston via o anseio assustador que tomava conta dos milhares de rostos, bem como a neblina nos olhos de Carol.

A força das vozes foi caindo aos poucos e os cantores começaram a hesitar e, de repente, com um grito histérico, uma mulher da multidão começou a soluçar e se jogou no chão.

O canto e a música pararam, e não se ouvia mais nada, senão os soluços da mulher, que um homem tentou, em vão, confortar. Kenniston a ouviu gritar:

- Tudo se foi para sempre - nosso mundo inteiro e todo o seu povo! Há apenas nós, sozinhos em um mundo morto!

- Não vamos nos descontrolar, pessoal! – tentou o prefeito, mas era tarde demais para isso. O encanto da festa havia se quebrado. As pessoas de Middletown foram, finalmente, confrontadas com a sua terrível realidade e a festa terminou. A multidão silenciosamente se dispersou e, não falando um com o outro, cada homem voltou para sua própria casa, curtindo seus próprios pensamentos. Kenniston ainda tentou encontrar algumas palavras de conforto para dizer a Carol, quando a deixou, mas não podia. Não havia conforto para ninguém, agora não. Todos precisavam enfrentar a terrível certeza de que eram os últimos na face da Terra.

Após deixar a noiva, Ken caminhou lentamente pelas ruas silenciosas e vazias, para aliviar a tensão. A lua estava alta agora, e através da grande cúpula, derramava luz sobre a praça deserta. Então, de repente, ele parou e se virou, ao ouvir uma voz aflita:

- Ei! Ei, Sr. Kenniston!

Era o Martin, que possuía uma garagem na antiga Middletown. O rosto jovem e magro de Bud estava excitado, e as palavras saíam tão rapidamente, que eram quase incoerentes.

- Sr. Kenniston, acho que vi um avião atravessando por cima da cúpula, no alto! Na verdade, parecia mais uma nave espacial do que um avião, mas eu vi, eu sei que vi!

Kenniston pensou que Bud estivesse fantasiando, pois desejava-se tanto que existisse mais alguém, que não seria impossível um cidadão “ver”, o que tanto desejava ver.

- Não ouvi nada, Bud, respondeu o cientista.

- E nem eu. Foi muito silencioso, rápido e alto. Eu só vi um vislumbre da coisa.

Kenniston ergueu os olhos, acompanhando o cidadão. Eles olharam por alguns momentos, mas o céu iluminado pela lua estava frio e vazio. Ken baixou o olhar.

- Deve ter sido uma sombra de nuvem, Bud. Não há nada lá.

Mas Bud Martin jurava ter visto o que viu e, complementou com sinceridade: - Escute, Sr. Kenniston, não sou uma mulher histérica. Eu vi algo.

Isso deu a Kenniston uma pausa. Por um momento, seu coração acelerou. Seria possível?...

Ele olhou de novo, por longos minutos. O céu permanecia vazio, mas a excitação persistia e ele disse abruptamente:

- Vou conversar com o Dr. Hubble, mas não diga nada a ninguém, por enquanto, pois criar falsas esperanças, neste momento, seria desastroso.

Hubble estava com McLain e Crisci, em um quarto à luz de velas, ouvindo sobre a outra cidade morta que encontraram. Ele ouviu a história de Bud Martin, e então olhou para Kenniston.

- Não vi nada, admitiu Kenniston, mas através da cúpula, qualquer coisa seria difícil de ser visto.

Hubble levantou-se.

- Talvez seja melhor darmos uma olhada no lado de fora. Peguem seus casacos.

Muito concentrados, os cinco passaram pelas ruas silenciosas até o portal e, através dele, para a noite exterior. Caminharam até a uma centena de metros do portal, ao longo da estrada de areia e depois pararam e perscrutaram o céu. O frio era intenso. A grande lua ostentava um brilho forte, que cobria de luz a cúpula de Nova Middletown.

O olhar de Kenniston varreu as cadeias ardentes de estrelas. As constelações tinham sido muito alteradas pelas eras, mas algumas ele ainda podia reconhecer, vagamente - a Ursa Maior, por exemplo, distorcida pelo tempo, mas sempre guardando o norte. As estrelas, individualmente, ainda tinham um esplendor inconfundível – a luz azulada de Vega, a sombria e esfumada magnificência vermelha de Antares ou o ouro palpitante de Altair.

- As pessoas vão ver muitas coisas, disse McLain com ceticismo, nós também podemos ...

- Ouçam! - disse Hubble bruscamente, levantando a mão. Kenniston ouviu apenas o sussurro amargo do vento. De repente ele ouviu um som fraco, que aumentava gradativamente.

- É do norte, disse Crisci de repente, e está voltando para nós.

Os cinco homens enrijeceram de repente, enquanto olhavam para o céu estrelado. O som foi se aproximando.

- Isso não é motor de avião! - McLain exclamou.

Não era, realmente, e Kenniston sabia. Não era nem o ronco dos motores de combustão e nem o sibilar de jatos, mas um som diferente e profundo, que parecia preencher o céu. Crisci gritou e levantou a mão e eles viram quase de uma só vez, uma massa negra alongada que cortava o céu, com as estrelas ao fundo.

- Está chegando para perto de nós! – gritou Bud Martin.

A coisa, em um piscar de olhos, tornou-se um enorme volume sombrio precipitado sobre eles, como uma nuvem de trovão. Eles correram de volta para o portal, seus pés escorregando na areia solta.

- Vejam! - gritou Crisci - olhe para isso!

Eles se viraram, já no portal. E Kenniston via agora, que a aparente fúria do visitante negro, que descia sobre eles, era apenas uma ilusão, devido à enorme porção da máquina voadora. A coisa, fosse lá o que fosse, estava aterissando na planície, a milha e meia da cidade, levantando uma considerável quantidade de areia.

Kenniston logo percebeu que se tratava de uma nave espacial e que a descrição de Bud Martin tinha sido precisa. O que a coisa parecia, para todos, era um submarino gigantesco, mas sem a torre de observação. A nave pousou suavemente e o barulho foi desligado. Os homens olhavam para a nave, paralizados.

- Uma nave de outro mundo? - Kenniston sussurrou - Uma nave espacial?

Deve ser. Mas não haviam foguetes. A máquina usava algum outro tipo de força motriz... Por que eles não saem, agora que pousaram? De onde vieram? Quem são?

O gigantesco enigma permaneceu lá, parado, silencioso, inalterado. Então Kenniston ouviu um burburinho de vozes e um alvoroço crescente, vindo da cidade atrás dele. Outros viram a coisa e logo a notícia correu. O vozerio e o barulho de pés correndo aumentou. A excitação aumentou e logo todo mundo se encontrava próximo ao portão, cheios de curiosidade pela estranha nave.

Logo se via a figura do prefeito Garris correndo em direção ao tumulto.

- Eles realmente vieram? Outras pessoas vieram?

A voz de Hubble fez-se ouvir, bem alta.

- Mantenham as pessoas afastadas daqui. Ninguém deve sair. Alguma coisa chegou, mas nós não sabemos o que é. Até que possamos saber, precisamos ter cuidado.

Na mente de Kenniston, de repente, veio a lembrança do grande salão de reunião que Jennings encontrou, com sua seção especial de assentos que, de maneira nenhuma, pareciam destinados a seres humanos comuns. Ele sentiu um arrepio e pensou em que tipo de seres, poderiam ser aqueles lá fora.

Garris parecia um pouco assustado.

- Caramba, nunca pensei que as pessoas que viessem, poderiam ser inimigos.

Ele começou, então, a gritar com os policiais e os guardas.

- Mandem essas pessoas se afastarem! Peguem suas armas!

A multidão foi obrigada a voltar para as ruas próximas, enquanto uma série de policiais armados se posicionaram e esperaram com Hubble, Kenniston e os outros, do lado de dentro do portão. O prefeito, batendo os dentes de frio, disse:

- Vamos ao encontro deles?

Hubble balançou a cabeça.

- Não, não temos certeza de nada. Vamos esperar.

E eles esperaram tremendo de frio, e enquanto esperavam, a mente de Kenniston se enchia de especulações. Aquela enorme nave espacial, de onde teria vindo? Seria do espaço exterior? De estrelas distantes? Por que teriam vindo? E o que estaria acontecendo dentro da nave agora? Que olhos os estariam observando?

E continuaram a esperar...

Todos na Nova Middletown esperavam e assistiam, enquanto a lua e as estrelas se deslocavam no espaço e o frio só aumentava. Nada aconteceu. A nave permanecia silenciosa e sem emitir nenhum som. As estrelas se escureciam. A luz cinzenta e desbotada do sol moribundo, começava a subir no céu do oriente. Para Kenniston, sentindo as mãos geladas, a poderosa nave estacionada na planície parecia irreal ou um sonho.

McLain falou, em tom de brincadeira:

- Se eles não vierem falar conosco, também não sairemos para falar com eles.

- Vamos esperar, disse Hubble, sério.

- Mas já esperamos por horas, e nada... – disse alguém

- Esperem, disse Hubble novamente, eles estão vindo agora.

Kenniston, então, viu algo parecido com uma escotilha, se abrir no casco da nave e algumas figuras, que pareciam vagamente irreais na luz do amanhecer, emergirem da abertura e avançarem, lentamente, em direção a Nova Middletown.



## CAPÍTULO DEZ

### DAS ESTRELAS

Kenniston observava cuidadosamente as quatro figuras indefinidas, que caminhavam lentamente em direção a Nova Middletown. Seu coração estava acelerado e sua boca estava seca, pois ele sentia medo, como qualquer ser humano.

Talvez fosse a maneira de como eles chegaram, que o fizesse sentir-se assim, o enorme e enigmático volume daquela nave desconhecida, além do longo e cauteloso silêncio. Tudo era motivo de desconfiança.

As três figuras principais gradualmente, puderam ser identificadas como homens, vestidos com calças e casacos adequados para o frio cortante. O quarto membro do grupo caminhava a uma certa distância atrás e era uma figura avantajada.

O prefeito Garris disse, admirado:

- Eles se parecem conosco. Parece que as pessoas não mudaram muito, em um bilhão de anos.

Kenniston concordou. Por algum motivo, o nó no seu estômago não aliviava. Havia algo de fantástico, nessa incrível reunião de duas épocas. Ele olhou para os outros. Seus rostos estavam pálidos e tensos e, notava-se no ar, uma forte excitação, que beirava a histeria.

Os estranhos estavam suficientemente próximos, agora, que já era possível distinguir suas características. O que vinha mais atrás, era o mais difícil de identificar, mas dos que vinham na frente, Kenniston viu que eram dois homens e uma mulher.

A mulher tinha olhos azuis, era alta e magra, cabelos cor de um ouro pálido, liso e enrolado na cabeça. Kenniston ficou impressionado com ela. Ele já tinha visto mulheres mais bonitas, mas raramente vira alguém de porte tão gracioso e autoridade. Ela olhava para todos, com um olhar direto e inteligente.

Quase instantaneamente ele sentiu algo estranho, com relação a ela e, aparentemente, sem um motivo justo. Ken logo percebeu que sentia uma espécie de ciúme daquela estranha porque ela, claramente, trazia uma bagagem de conhecimentos científicos, que ele precisaria de alguns bilhões de anos para alcançar. Ela, no entanto, trazia na boca um sorriso amigável e simpático.

O mais jovem dos dois homens era forte e saudável, cabelos azuis e tinha um desses rostos francos e joviais, que são construídos sobre muito trabalho. Sua atitude era de alerta e cautela – “Muito justo...” – pensou Ken.

O outro homem era magro, desajeitado e muito simpático. Ele não tinha a aparência intelectualizada de seus companheiros e, brincalhão, piscava para todo mundo. Kenniston gostou dele, imediatamente.

Houve um estranho silêncio, quando a mulher e os dois homens pararam diante da multidão. Eles olharam firmemente, para os cidadãos de Middletown, enquanto que estes, também, os observavam curiosos. Então, a mulher disse algo a seus companheiros, em uma língua rápida e desconhecida. O homem mais novo acenou com a cabeça em silêncio, enquanto que o magro, falava muito e ansiosamente.

O prefeito Garris deu um passo à frente hesitante, em um verdadeiro paradoxo de pomposa humildade.

- Eu ... – disse ele hesitante, e parou. A pequena palavra desapareceu no vento, enquanto que o pobre homem, parecia não saber o que dizer. A mulher loira o olhou, com seu olhar brilhante, de uma maneira levemente divertida.

O homem magro se aproximou e, parecendo escolher as palavras com muito cuidado, disse:

- Middletown chamando... - E novamente: Middletown chamando...

Kenniston tomou um choque e, ao mesmo tempo, sentiu um alívio. Pareceu-lhe ouvir a própria voz chamando no rádio. Chamando qualquer um que pudesse ouvi-lo e, ao que parece, alguém ouvira. Alguém que, não apenas ouvira o seu chamado, como estava ali, à sua frente e atendendo ao chamado.

De onde? De outro mundo? De outra estrela? Não seria de algum lugar na terra, com certeza, pois aquela nave não parecia ter sido construída para fazer uma viagem tão insignificante. O prefeito Garris soltou um gritinho estridente e histérico e, ao mesmo tempo, parecia correr no ar uma espécie de onda de choque, audível como se fosse um sopro vindo de cada homem ali presente, assustados e maravilhados, com tantas emoções diferentes. Kenniston tentou se controlar. O quarto membro do grupo se aproximou juntando-se aos outros três, mas a sua aparência assustou a todos, inclusive a Kenniston, que ficou desconfortável com o que viu, pois o visitante não era humano, isto é, não se parecia com um ser humano...

Ele era alto, corpo extremamente forte e massivo, além de braços grossos que terminavam em mãos que lembravam patas. A criatura não usava roupas, ou usava, mas era difícil definir, devido ao fato de ser peluda como um urso. Sua cabeça era achatada e apresentava um focinho, que se projetava como de uma besta. E seus olhos ... Se encontraram com os de Kenniston e eram simplesmente, chocantes. Grandes, escuros e cheios de uma inteligência rápida e penetrante. Olhos bem-educados, curiosos, sorridentes ...

O prefeito recuou. Seu rosto estava bastante pálido e a voz saiu muito nervosa:

- Professor, esta criatura não é humana!

O peludo pareceu ficar intrigado por essa demonstração de estranheza. Então, ele olhou para a mulher e para os dois homens do seu grupo, e todos os quatro olharam para Garris, franzindo a testa, como se não estivessem entendendo os motivos de sua admiração.

A criatura dirigiu-se a Garris e, parando a um ou dois passos de distância, estendeu-lhe a mão. Falando de uma maneira calma e simpática, o visitante sorriu, mostrando uma fileira de grandes dentes, que cintilaram na luz do sol fraco.

O prefeito Garris se assustou e gritou e, naquele momento, Kenniston viu o pânico se estampar nos rostos dos outros cidadãos e, viu também, as armas aparecerem, perigosamente, nas mãos dos seguranças.

- Esperem! - Ele gritou, e avançou, empurrando o Prefeito para o lado - Por Deus, esperem, seus tolos!

O professor se posicionou à frente da multidão, para que seu corpo protegesse o alienígena, muito embora ele próprio, estivesse sentindo uma certa repulsa por aquela criatura, que se parecia com uma mistura de besta e homem.

O peludo olhou para o cientista e sorriu ...

- Não atirem! - Ken gritou - É inteligente, e é um deles!

- Saia da frente, Kenniston, gritou o prefeito em pânico - O bruto parece perigoso!

As armas abaixaram e a situação se acalmou, graças a atitude de Kenniston. Ele voltou-se e viu que os quatro recém chegados, assustados, haviam se afastado um pouco para um lado e, abruptamente, a cena terminou. A mulher levantou a mão com um gesto rápido e da nave estacionada na planície, veio um lampejo de luz branca que, instantaneamente, tomou toda a multidão, incluindo Kenniston, e todos ficaram paralisados. Ken sentiu um choque impressionante em cada nervo de seu corpo. Uma pequena dor e, em seguida, sentiu o corpo paralisado por um choque elétrico. Ele viu Garris, Hubble e os outros cambalearem, as faces abaladas se empalidecerem e as armas caírem das mãos dos seguranças, sem controle nervoso.

Então o peludo se aproximou de Kenniston e, mais uma vez, seus olhos escuros, demonstraram confiança e pareciam sorrir. Ele criava sons tranquilizadores, enquanto suas mãos grandes e peludas, massageavam o pescoço do professor, com habilidade e experiência. A paralisia dos nervos de Kenniston começou a desaparecer.

O mais jovem dos visitantes deu um passo à frente e pegou uma das armas caídas. A incredulidade apareceu em seus olhos, quando ele examinou a arma. Então o jovem disse algo, com uma voz aguda, aos outros. Eles olharam a arma novamente, uma e outra vez. Então, intrigados e assustados, eles olharam para Kenniston e para os outros cidadãos de Middletow, que agora pareciam voltar ao normal.

- Eles têm um raio da morte ou algo assim! - Engasgou Bertram Garris - Eles podem nos matar!

Hubble disse com brutalidade:

- Cale essa boca. Você está fazendo um asno de si mesmo. Essa arma era apenas um meio de defesa, não letal, que você os forçou a usar.

A mulher chamou, autoritária, pelo peludo - "Gorr Holl!" - era, obviamente, o nome dele. E Gorr Holl voltou para a companhia dos outros três. Ele também expressava feições de perplexidade, enquanto olhava para a arma. Kenniston falou com Hubble, ignorando Garris e o policial aturdido.

- Eu acho que eles apenas começaram a suspeitar de onde nós viemos.

A emoção dos quatro recém chegados era óbvia e foi a mulher, Kenniston percebeu, que primeiro se recuperou dessa perplexidade. Ela falou alguma coisa com o homem magro, o que gostava de piscar e que repetia alegremente: "Middletown chamando!". Por ela repetir várias vezes o nome, Kenniston adivinhou que o homem era chamado Piers Eglin. E Piers Eglin parecia o mais agitado de todos os quatro - e o mais alegre.

Ele se voltou para Kenniston, quase devorando-o com aqueles olhos, que não paravam de piscar. "Middletown", disse ele e depois de um momento: "Amigos".

Kenniston aproveitou a deixa:

- Amigos? Então você fala inglês?

A palavra "Inglês" colocou Piers Eglin em nova situação de excitação. O rapaz começou a balbuciar a palavra para os outros, mas a mulher o interrompeu. Então ele se voltou para Kenniston: "Inglês - linguagem" - e quase ofegante - "Você ... fala-inglês ... linguagem".

Kenniston simplesmente assentiu. Havia um brilho de admiração nos olhos piscantes de Piers Eglin, quando ele falou com muita dificuldade:

- Quem... não... - parecia difícil a comunicação entre eles.

Então, o rapaz que piscava e gostava de línguas, tentou novamente:

- De onde você vem?

- Do passado, respondeu Kenniston, impressionado com a velocidade de aprendizagem do rapaz.

- De longe no passado.

- Quanto longe?

Kenniston percebeu que as datas do século XX significariam pouco, depois de todas essas épocas. Ele pensou um momento e disse, então:

- Muito longe no passado. Em nosso tempo, o poder atômico foi lançado pela primeira vez.

- Tão longe? - Sussurrou Piers Eglin, admirado.

- Mas como?

- Como? - Kenniston deu de ombros meio perdido - houve uma explosão atômica sobre nossa cidade, em nosso tempo, e fomos todos ejetados para esta época. Isso é tudo.

O homem magro traduziu febrilmente para os outros. A mulher mostrou um profundo interesse. Mas foi Gorr Holl, o peludo, que fez mais comentários, com aquela sua voz de trovão.

Piers Eglin voltou novamente para Kenniston, mas este também tinha suas próprias perguntas a fazer, para o visitante.

- E você - perguntou o cientista - de onde você vem?

O visitante apontou para o céu do amanhecer e respondeu.

- De ... - ele parecia tentar lembrar o antigo nome de uma estrela - de Vega...

- Mas vocês são homens da Terra! - E ele? - perguntou o ansioso cientista apontando para a figura peluda de Gorr Holl - E quanto a ele?

Mais uma vez, Piers Eglin pareceu procurar em sua memória por um nome e, após alguns segundos, ele disse.

- Capela. Gorr Holl é de Capela.

Houve um pequeno tempo silêncio, no qual os quatro visitantes olharam para os homens de Middletown, analisando a situação. A mente de Kenniston girava caoticamente, mas uma coisa ficou clara para ele. O aparelho de comunicação, que ele encontrara na cidade abobadada e usara para tentar se comunicar com alguém de fora da cidade, realmente estava longe de sua compreensão, mas uma coisa era certa, aquele aparelho transmissor fora projetado para distâncias interestelares. Por isso o seu chamado fora respondido.

- De Vega, de Capella, das estrelas! Mas você fala a nossa língua, que é muito antiga, para esta época! – Exclamou, incrédulo, o cientista de Middletown.

Piers Eglin agitado, como parecia ser sua característica, explicou.

- Eu sou um historiador, especializado na civilização terrestre pré-atômica. Apreendi o seu idioma a partir de registros antigos e foi por isso que recebi permissão para acompanhar esta missão de socorro à terra.

A mulher interrompeu a conversa. Ela estava tremendo um pouco, e falou com o seu companheiro piscador, em voz baixa e rápida. Piers Eglin traduziu para Kenniston:

- Ela é Varn Allan e é a Administradora deste... Deste setor, aqui ... Em seguida, balançando a cabeça, apontou para o homem mais novo e sorridente.

- Ele é Norden Lund, o Sub-Administrador...

Era difícil para o visitante lembrar as palavras, e mais difícil ainda montar as frases e, com certa dificuldade, ele completou:

- Varn Allan pede que nós ... conversemos dentro da cidade, onde não está tão frio.

Kenniston percebeu que a mulher tinha poder de decisão no grupo e não ficou surpreso, pois a sua força e natural autoridade, eram impressionantes. Nessas alturas dos acontecimentos, o prefeito Garris já estava meio congelado e ficou muito feliz em aceder ao pedido da mulher. O prefeito se virou para o portal, atrás do qual todos os milhares de cidadãos de Nova Middletown estavam sendo mantidos, com dificuldade, e caminhou para dentro. Evidentemente, a curiosidade das pessoas era enorme e a massa de rostos aflitos, pareciam borrões, vistos do outro lado da cúpula.

- Abram caminho, minha gente! - Garris ordenou, em seu tom mais importante, enquanto gesticulava para os guardas e policiais que seguravam a multidão.

- Abram caminho, que estamos chegando... – Procurando falar alto, para ser ouvido pelas pessoas que estavam mais distante, o prefeito explicou que estava tudo bem.

- Abram caminho, minha gente. Deixem os nossos convidados entrar, para se proteger do frio... – após uma respirada, o prefeito continuou - afastem-se, afastem-se! Finalmente outras pessoas ouviram as nossas mensagens e eles querem conhecer a nossa cidade. Então, deixem-nos passar, deixem-nos passar!

A multidão, com relutância, abriu uma estreita passagem, que foi ampliada pelos esforços dos guardas. Abrindo caminho e liderando o grupo de visitantes estelares, lá vinha o prefeito, com toda a sua dignidade, se esforçando para minimizar o mal-estar que causava na multidão a figura imponente de Gorr Holl. Garris se manteve, o tempo todo, como um líder jovial de seu povo, gritando para eles que tudo estava bem, que não havia nada a temer, e implorando-lhes para que se mantivessem calmos e evitassem o empurra-empurra.

Varn Allan foi a primeira a seguir Garris através do portal. Ela hesitou, apenas um instante, enquanto olhava para a multidão empolgada, que começou a ovacionar os visitantes, chegando a tremer a cúpula. Atrás dela, Norden Lund sorria e balançava a cabeça, como um homem adulto faria, para corrigir crianças de maus modos. Então, Varn Allan sorriu para as pessoas e prosseguiu, enquanto a multidão abria passagem para aquela mulher alta e de cabelos dourados e, houve até mesmo uma alma irreverente, um homem é claro, que assobiou para ela.

Alguns gritavam perguntas, milhares ao mesmo tempo, enquanto outros a saudavam, um pouco histéricos, pois eram pessoas que já esperavam, há algum tempo, por respostas que não vinham e já estavam perdendo a esperança quando, de repente, parece que suas preces foram ouvidas. Kenniston torcia para que a situação não fugisse ao controle e que a multidão não resolvesse, de repente, tentar carregar os visitantes nos ombros. Sabe-se lá se eles não entenderiam tal atitude como agressão...

Kenniston procurou ficar ao lado de Gorr Holl, pois o povo ainda não o tinha visto bem, a não ser como uma figura vaga e sombria além da parede da cúpula. Quando o povo viu a criatura de perto, o espanto fez com que todos silenciassem por alguns instantes para, em seguida, tomar uma conotação de crescente incredulidade e alarme. As mulheres que haviam empurrado para conseguir um lugar na primeira fila, agora tentavam voltar e se afastar do caminho do alienígena, e a toda frente da multidão afastou-se bruscamente. Kenniston aproximou-se do grande capelino

peludo e apoiou a mão em seu ombro, para mostrar à multidão que eles não tinham nada a temer.

As pessoas olhavam e olhavam.

- Mas que diabo seria aquilo? Talvez um animal de estimação dos alienígenas?

- Olha, está com roupas! Não me diga que é um deles!

- Mantenha-o longe de mim! Está mostrando seus dentes ...

Kenniston tentava gritar explicações, para acalmar o povo, mas de fato, ele também sentia medo de Gorr Holl. Era instintivo. De repente, uma menina saiu da multidão e correu diretamente para o visitante, atravessando-se em seu caminho. Com os olhos brilhando de alegria infantil, ela correu para a silhueta poderosa e peluda de Gorr Holl.

- Urso Teddy! - ela gritou alegremente - Urso Teddy! - e abraçou uma de suas pernas.

Gorr Holl soltou uma risada, estridente, porém carinhosa e, em seguida, acariciou a cabeça da criança, com suas enormes mãos. Foi o suficiente para as outras crianças largassem as mãos de suas mães e saíssem correndo, para se aglomerar ao redor do grande Capellino, enquanto ele caminhava. A primeira menina que se aproximara dele, já estava em seu ombro, como se o estivesse cavalgando e agarrada a suas orelhas. Depois disso era impossível para alguém temê-lo. A tensão da multidão esfriou e todos começaram a sorrir uns para os outros.

- Está explicado, trata-se de um animal de estimação! – alguém comentou maldosamente.

Piers Eglin entendera algumas das injúrias que estavam sendo ditas, pela multidão, contra o capelino e olhou para Gorr Holl contrariado, mas não traduziu as ofensas, optando por deixar isso de lado. A multidão passou a seguir os visitantes, com muita curiosidade, como seria normal que acontecesse. A ajuda, a esperança e o companheirismo chegaram, finalmente, a Nova Middletown, e o alívio e a alegria nos rostos das pessoas, eram maravilhosos de se ver. Mas Kenniston, observando a expressão da mulher de olhos azuis e de Norden Lund, percebia que eles estavam compreendendo as ofensas contra o capelino. Era muito constrangedora a atitude de seus amigos e concidadãos, ao tratar tão mal aquele que vinha em seu socorro.

Pier Eglin estava fora de si, devido a um grande entusiasmo pelo casaco de pele de uma mulher, que o estava fascinando – tratava-se de uma pele barata e comum, mas de uma espécie de animal extinto há milhões de anos, uma vez que a mulher vivia, agora, no futuro. O pano e o couro tornaram-se tesouros inimagináveis para os olhos do alienígena, como historiador que era. Ele falava o tempo todo, febrilmente e apontando essa maravilha para seus companheiros e, com lapsos ocasionais em seu difícil inglês, perguntava tudo a Kenniston. Foi quando viu um automóvel e tornou-se histérico, de tanto entusiasmo.

O automóvel interessou a todos os visitantes. Varn Allan e Norden Lund pararam para examiná-lo, enquanto Gorr Holl, suavemente se despreendeu de seu fardo de crianças e se juntou a eles. Um olhar rápido do peludo, aparentemente, foi o suficiente para ele saber onde ficava o motor e fez sinais para Kenniston, de que ele queria ver dentro do compartimento do motor.

Kenniston levantou a tampa do motor e, imediatamente, os quatro se inclinaram para inspecionar a máquina, enquanto que multidão de Middletown ria ao ver o grande animal de estimação, domesticado, imitando seus mestres. O capelino falava com Norden Lund, em sua língua desconhecida, apontando para o motor sendo que, para Kenniston, a sensação era de que eles se admiravam com o nível de antiguidade daquela tecnologia. Gorr Holl falou com Piers Eglin, e este traduziu para Kenniston.

- Tão bonito, tão primitivo... – sussurrou esfregando as mãos - eles pedem que você faça ... faça ... – o estrangeiro não encontrava a palavra, mas Kenniston entendeu que eles queriam ver o motor funcionando. Como as chaves estavam no painel, o cientista ligou a máquina, que começou a funcionar serenamente. Gorr Holl estava fascinado. Falou um pouco e, então, o motor apagou por que acabou a gasolina. Os homens das estrelas se entreolharam, balançaram as cabeças e continuaram.

O prefeito Garris estava agora em sua melhor forma e não mais sentia aquele medo insano de Gorr Holl. Através das traduções de Pier Eglin, apesar de seus tropeços no inglês, o prefeito falou com orgulho para os estrangeiros, de como Nova Middletown funcionava e de como o seu governo era bom e eficiente. Falou do meio pelo qual Nova Middletown se tornara viável, da organização do governo, suas escolas, tribunais e a distribuição de alimentos. Quanto disso tudo

os visitantes estavam entendendo, realmente, Kenniston não podia avaliar, mas tanto ele quanto todos os cidadãos de Middletown compartilhavam o orgulho de Garris. Eles tiveram um tempo difícil, mas chegaram até essa cidade alienígena, sob uma cúpula e, com suas próprias mãos e engenhosidade, a transformaram em um lugar digno e decente e, logicamente, estavam orgulhosos disso. Enquanto isso, os estranhos examinaram as bombas de gasolina, o improvisado sistema de água, as preciosas luzes elétricas, e tudo o mais, que custou tanto trabalho e eram o motivo de tanto orgulho. Entretanto, os estranhos ficaram horrorizados com a cruzeza e a ignorância, das coisas que viam, mas não precisavam dizer isso, pois estava claro em seus rostos.

Finalmente, eles pararam para conferenciar e conversaram entre si, por um tempo. Evidentemente, eles chegaram a uma decisão, pois Piers Eglin se virou e falou.

- Já vimos o suficiente, por enquanto... - disse ele - ...mais tarde ... - e aqui ele tremia com ansiedade e seus olhos brilhavam, com a curiosidade típica do cientista ... - ...mais tarde, gostaríamos de ver a cidade velha, que você diz que ainda está lá. Mas, por agora, Varn Allan nos diz para retornar à nave, para fazermos um relatório do que vimos aqui, para o Governo Central.

- Ouça... - falou Kenniston com preocupação - precisamos de ajuda. Precisamos de energia e nosso combustível está no fim.

Hubble, que acompanhara toda a visita dos estranhos, concordou e disse:

- Se vocês pudessem fazer funcionar os geradores atômicos, que existem aqui ...

Piers Eglin, imediatamente, traduziu tudo para Varn Allan, que olhou para Kenniston e Hubble e assentiu com a cabeça. Piers Eglin disse:

- Claro. Ela diz que vocês deverão estar o mais confortável possível, enquanto permanecerem aqui e a equipe do Thanis ajudará nisso. Eles trabalharão sob o comando de Gorr Holl, que é o nosso principal técnico atômico.

O prefeito quase teve um ataque.

- Esse bruto peludo é um técnico em energia nuclear?

Piers Eglin limpou a garganta.

- Haverá ... outros na equipe e serão estranhos para vocês. Mas eles também são amigos. É melhor você preparar o seu povo para isso.

Garris engoliu em seco e disse:

- Eu vou providenciar isso.

- Eu agirei como ... sim, intérprete. E agora há muito a fazer. Volto em breve, com a tripulação e os objetos necessários.

Os visitantes estelares se forames então, voltando como chegaram, através do portal e da planície empoeirada. Após a partida dos alienígenas, o prefeito Garris deu a ótima notícia à multidão - haveria mais água, mais iluminação e, talvez até calor. O entusiasmo geral foi tão grande, que chegou a vibrar a cúpula da cidade, porém Hubble estava bastante preocupado, quando disse a Kenniston:

- O que ele quis dizer com... enquanto ainda estivermos aqui? Kenniston sacudiu a cabeça, pois havia nele uma dúvida fria, uma espécie de pressentimento, e não se baseava em nada que tivesse sido dito ou feito, mas simplesmente na condição do abismo que separava a civilização da antiga Middletown, da civilização que acabara de sair da cidade. Ele meditava em quanto tempo a terra teria estado quase morta e esquecida, e se perguntava o quão bem essas duas culturas, incrivelmente diferentes, iriam ser capazes de se entender. O professor permaneceu por um longo tempo, perguntando-se, observando a multidão se dispersar, e até o pensamento de que em breve os grandes geradores estariam funcionando novamente, não podia dissipar sua preocupação.

## CAPÍTULO ONZE

### REVELAÇÃO

A tripulação da nave Thanis entrara em New Middletown naquela tarde, e Kenniston e Carol, bem como toda a população da cidade, tiveram a incrível oportunidade de ver os alienígenas. Os visitantes eram uma raça forte, alerta e capaz, não muito diferentes dos marinheiros que Kenniston já havia visto na antiga terra, exceto pelo fato de que seus mares eram as incalculáveis profundezas do espaço exterior e, também, os seus rostos fossem escurecidos pelos raios de sois estrangeiros. Através da poeira soprada de mundos que foram criados e perdidos, eles vieram, e com eles estavam os outros que Piers Eglin havia falado - os estranhos filhos de outras estrelas.

Kenniston havia explicado, mais profundamente, sobre esses alienígenas para Carol, que não tinha visto mais do que uma criança nos ombros peludos de Gorr Holl e supostamente, como os outros, pensava que o capelino fosse apenas um tipo peculiar de animal de estimação. Embora tenha se esforçado para esclarecer a noiva, Ken não acreditava que Carol, realmente, o tivesse entendido mais do que as outras pessoas de Nova Middletown, também tenham entendido as explicações do prefeito.

- Eles vieram de Vega! – Carol estremeceu ao repetir essa frase, onde as estrelas se mostravam até à luz do dia - eles não podem ser como nós, Ken. Nenhum ser humano poderia sair lá e ainda ser como nós.

Kenniston ficou surpreso ao ouvir seus próprios pensamentos repetidos pela noiva mas, ainda assim, disse em tom tranquilizador:

- Eles não podem ter mudado demais. E os outros, os humanóides... podem parecer estranhos, mas são nossos amigos.

Foi o que o prefeito Garris, também tentou explicar ao povo.

- Sejam como forem esses recém-chegados, eles precisam ser tratados corretamente, e há uma cela na prisão esperando por alguém que crie problemas com eles. Será que vocês conseguem entender isso? Não importa o que eles pareçam, sejam civilizados e os tratem como iguais!

Ouvir é uma coisa, fazer outra. Carol apertava a mão de Kenniston, encolhendo o corpo contra o dele, enquanto que a multidão, nesse ínterim, se reunira novamente, desta vez para assistir a segunda entrada dos alienígenas em seu meio. Todos olhavam e sussurravam, com imensa curiosidade, o que dificultava a movimentação das pessoas.

Um desses alienígenas era grande, volumoso e caminhava com dificuldade, embora tivesse pernas muito fortes.

- Poderia ser efeito da gravidade do nosso planeta, pensou Kenniston.

A pele era cinza, enrugada pendia em dobras pesadas. O rosto era, largo, plano e um tanto inexpressivo, sendo os olhos pequenos e aparentando sabedoria, devido à idade avançada. Ele observava a multidão calado, como se analisasse tudo com bastante cuidado.

Dois eram magros e escuros, movendo-se como conspiradores envoltos em capas pretas. Suas cabeças estreitas eram sem pêlos, e seu olhar era brilhante e misterioso. Kenniston percebeu, com um choque, que as capas que usavam eram asas, dobradas em torno de seus corpos.

Havia outro, que tinha um sorriso gracioso e bastante peculiar. Era bonito, com uma grande cabeleira branca como a neve, além de serem as sobrancelhas, também volumosas e brancas. Havia apenas um leve toque de crueldade em suas maçãs do rosto, completando as feições com a boca reta e sorridente.

Essas quatro criaturas e mais Gorr Holl, eram parecidos com homens, mas não eram homens, na acepção terrestre. Eles eram filhos de mundos distantes, mais velhos e mais avançados do que a terra.

- Eles são horríveis - disparou Carol, com cara de repulsa – como você consegue se relacionar com eles?

Kenniston lutava contra a mesma reação. Os cidadãos de Middletown ficaram boquiabertos e murmuravam, se afastando, em parte por um medo arrepiante do não natural, em parte devido ao pré conceito racial. Era difícil aceitar o fato de que tais pessoas não-humanas existiam. Era ainda mais difícil aceitá-los como iguais. Besta era besta e o homem era homem, e não havia meio termo ...

Mas não para as crianças de Middletown, pois elas ignoravam os astronautas bronzeados e se agrupavam em torno dos humanóides. Não havia o preconceito dos adultos nos pequeninos e eles amavam aquelas criaturas de contos de fadas. Em dado momento Piers Eglin veio até Kenniston, com uma notícia:

- O Doutor Hubble abriu os locais onde estão os geradores principais e está nos esperando. Vim buscar você.

Kenniston suspirou – Obrigado - disse ele e tratou de se despedir rapidamente de Carol. Ao sair com o historiador alienígena, o terráqueo notou algo diferente.

- Algo errado? – perguntou Ken.

- Minhas ordens - disse Piers Eglin – é servir de intérprete e ensinar a nossa língua para alguns de vocês... - e sacudindo a cabeça com tristeza, completou - ... parece que vai demorar mais do que deveria...

Kenniston sorriu.

- Vou tentar aprender rápido, disse ele.

Os dois foram até onde Hubble esperava, junto aos geradores, onde também circulavam os humanóides e era incrível para Ken, ter de trabalhar ao lado desses seres estranhos, que lhe causavam arrepios frios, cada vez que se aproximava deles. Certamente eles não poderiam se comportar como homens!

Eles entraram no prédio, em uma enorme sala cheia de máquinas imponentes e empoeiradas e de muitos mecanismos blindados, onde Ken e Hubble, nada conseguiram fazer, por se tratar de tecnologia avançada demais para os dois. O cientista sênior, Gorr Holl, se juntou a eles e, observando os humanóides, Kenniston disse:

- Nós supusemos que estes seriam os geradores principais.

Ken falava com Pier Eglin, para que ele pudesse traduzir, mas o assunto era para Gorr Holl e os outros quatro humanóides, que estavam ao lado dele.

- Se eles, realmente, podem reparar e iniciá-los, nós ...

Sua voz se apagou, quando cinco pares de olhos estranhos passaram a contemplá-lo, os cinco extraterrestres respiravam agitados, a ponto de se ouriçar o de cabelos brancos que, orgulhoso, levantou-se de uma forma altiva. Pareceu impossível para Kenniston, pretender que os terráqueos os aceitasse como humanos. Dúvida, desconfiança, e uma pitada de medo, era tudo o que se via nas feições do terráqueo.

Piers Eglin franziu um pouco a testa e começou a falar. De repente, com a rapidez de um morcego, que voava pela noite, um dos alienígenas, aquele mais escuro e magro, bateu suas asas e fez uma careta olhando para Kenniston e, em seguida, soltou um grito de zombaria:

- Boo!

Kenniston saltou para trás, assustado quase fora de controle, enquanto que os alienígenas caíram na gargalhada. Até mesmo a grande criatura cinzenta, sorriu. Todos olharam para Kenniston e riram e, por um momento, até Hubble começou a rir também, e depois disso não havia nada para Ken fazer, a não ser rir e se divertir com o grupo, muito embora a piada fosse sobre ele.

Os estrangeiros sabiam, perfeitamente, como Ken se sentia sobre eles, e o magro o pagara de volta em sua própria moeda, mas com humor e sem maldade. De alguma forma, depois de terem rido juntos, a tensão desapareceu. O riso é um tipo de coisa humana. Kenniston murmurou algo, e Gorr Holl bateu em seu ombro, quase colocando-se colado em seu rosto, mas quando se aproximou dos geradores empoeirados, Gorr Holl mudou, abruptamente, de uma criatura brincalhona e de bom humor, para um técnico sério e altamente eficiente. O capelino começou a analisar e entender os painéis de controle e a desmontar equipamentos, de uma



tecnologia completamente estranha a Kenniston, mas o terráqueo fazia o possível para aprender, mesmo que fosse o mínimo, pois qualquer milímetro de aprendizado naquelas máquinas significavam, para ele, milhões de anos de evolução. Ken conseguiu perceber que o capelino não estava nada satisfeito com o que estava encontrando no maquinário. Parecia que algo não estava bem.... Finalmente, Gorr Holl retirou a cabeça da máquina e falou com desgosto. Eglin traduziu:

- Ele diz que esta antiga instalação foi mal projetada e se encontra em condições precárias. Diz, ainda, que gostaria de colocar as mãos no técnico que fez um trabalho como este. Kenniston riu de novo. O grande e peludo Capelino falou como um irmão de sangue, para todos os técnicos de reparos da velha terra. Enquanto Gorr Holl examinava os outros geradores, Piers Eglin se aproximou de Hubble e Kenniston, inundando-os com perguntas, sobre seu próprio tempo remoto.

Quando, finalmente, os terráqueos puderam fazer suas próprias perguntas, eles tinham uma, que não saía de suas cabeças, mas que não tiveram chance de saber antes.

- Por que a terra está sem vida agora? O que aconteceu com todas as pessoas?

Piers Eglin respondeu:

- Há muito tempo, as pessoas da terra se foram para outros mundos, mas não foi possível emigrar para planetas deste sistema solar. Os exteriores eram frios demais, enquanto outros, excessivamente rochosos e assim, outros mundos, em outros sistemas solares, outras galáxias, se tornaram boas opções.

- Mas, certamente, alguns teriam permanecido na terra, certo? - Disse Kenniston.

Eglin encolheu os ombros.

- Isso aconteceu, até que ficou tão frio que, mesmo nessas cidades abobadadas, a vida se tornou difícil. Então os últimos deles se foram, para mundos de sóis mais quentes.

Kenniston disse, então:

- Nos nossos dias, nem chegamos à Lua... - um tanto atordoado com tudo isso - ... para os mundos de outras estrelas, através das galáxias...

Gorr Holl finalmente voltou para eles e falou longamente. Eglin traduziu:

- Ele acha que conseguem reparar os geradores, mas vai levar algum tempo e vão precisar de algumas coisas - cobre, magnésio e platina.

Após ouvir com cuidado, Hubble assentiu e disse:

- Nós podemos obter tudo isso na antiga Middletown.

- A cidade velha? - gritou Piers Eglin ansiosamente - eu irei com você! Começemos imediatamente!

O pequeno historiador estava aflito para conhecer a cidade velha e logo embarcou com Hubble e Kenniston, em um jipe para, exultante, estar rodando pela estrada morta que levava à cidade velha.

- Vou ver, com meus próprios olhos, uma cidade da era pré-atômica! - Dizia excitado.

Era estranho chegar ao antigo ambiente de Middletown, tão silencioso em meio à desolação. As casas estavam como ele as tinha visto pela última vez, as portas trancadas, as varandas vazias, balanços balançando no vento frio. As ruas estavam cheias de poeira, as árvores nuas e a última pequena lâmina de grama havia morrido. Kenniston viu que os olhos de Hubble estavam inchados sendo que o seu próprio coração, emocionado, se contraiu com uma terrível onda de saudade tanto que, por um momento, desejou não ter vindo. A cidade velha trazia a forte sensação de uma vida anterior, praticamente um sonho maravilhoso, que ficou perdido em um passado muito distante.

Enquanto dirigia o jipe através das ruas mortas, a memória falava, sem piedade, de verões perdidos - meninas em vestidos brilhantes, árvores de copas cobertas de flores, sinos de torres, luzes e sons de vozes humanas nas noites sonolentas. Piers Eglin, ao contrário, ficou sem palavras, tamanha a alegria que sentia, perdido no sonho de um historiador, enquanto caminhava pelas ruas e olhava para lojas e casas.

- Deve ser preservado - murmurou - é muito precioso. Vou pedir para construírem uma cúpula e selar tudo - os sinais, os artefatos, os belos pedaços de papel, tudo!

Hubble disse, de repente:

- Há alguém aqui, à nossa frente! - Kenniston viu um pequeno carro, em forma de projétil, estacionado do lado de fora do antigo laboratório. Em seguida, vieram ao seu encontro Norden Lund e Varn Allan. Ela falou com Eglin, e ele traduziu:

- Eles estão coletando dados para o relatório ao Governo Central.

Kenniston percebia, claramente, que a mulher não gostava do que via na cidade, enquanto seus olhos azuis pousavam no panorama de moinhos sujos, com altas pilhas de sacos pretos e cheios de fumaça esquecida, a sujeira largada pelos caminhos, as pequenas casas, monótonas e espremidas em ruas estreitas.

Ken se ressentiu e disse, desafiadoramente:

- Pergunte o que ela pensa da nossa pequena cidade?

Eglin perguntou e Varn Allan respondeu incisivamente. O pequeno historiador parecia incomodado, quando Kenniston pediu-lhe para traduzir.

- Varn Allan diz que acha inacreditável que, um dia, pessoas possam ter vivido em um lugar tão lamentável e sórdido.

Lund riu, enquanto Kenniston ficou vermelho e, por um momento, detestou aquela mulher, por sua inquestionável superioridade. Ela olhava para a velha Middletown, como se poderia olhar para uma jaula de macacos impuros. Hubble percebeu seu desconforto e, amigavelmente, colocou uma mão em seu braço.

- Vamos, Ken. Temos trabalho a fazer.

Os dois terráqueos entraram no laboratório, para cuidar de suas vidas e de suas responsabilidades e, enquanto Piers Eglin os seguia, Ken comentou:

- Por que diabos eles teriam colocado esta loura insolente, no cargo de autoridade?

Hubble respondeu prontamente:

- Presumivelmente porque ela é competente para preencher o trabalho. Não me diga que a velha vaidade masculina, do passado, está incomodando você?

Piers Eglin tinha entendido o que eles estavam dizendo, pois ele riu. - Esse não é um sentimento tão antigo. Norden Lund também não gosta muito de ser subordinado a uma mulher.

Quando saíram do prédio com os materiais que Gorr Holl havia solicitado, Varn Allan e Lund foram embora.

Eles descobriram, ao retornarem a Nova Middletown, que Gorr Holl e sua equipe já estavam ativos no trabalho e, céleres, desmontavam os geradores. Gritando ordens e palavrões, na língua dos capelinos, tropeçando, atacando cada gerador como se fosse um inimigo pessoal, Gorr Holl dirigia seus astronautas, em um grande esforço para realizar milagres.

Kenniston, nos dias que se seguiram, se esqueceu de seus preconceitos no intenso interesse técnico do trabalho. Trabalhando como podia, comendo e dormindo com esses mundos das estrelas durante os longos dias e noites, ele começou a pegar o idioma com uma velocidade incrível. Piers Eglin estava ansioso para ajudá-lo, e depois que Kenniston descobriu que a estrutura básica da língua era a mesma de seu próprio inglês, as coisas fluíram mais facilmente.

Ele descobriu, um dia, que estava trabalhando ao lado dos humanoides tão naturalmente, como se sempre tivesse feito isso. Já não parecia estranho que Magro, o belo cabeleira branca de Spican, fosse um especialista em eletrônica, cujo trabalho fácil e inteligente deixou Kenniston impressionado.

Os irmãos, Ban e Bal, eram mestres na remodelação. Kenniston invejava sua habilidade com partes desgastadas, a facilidade com que seus corpos esguios se infiltravam entre as máquinas, era impressionante e muito difícil para um terráqueo.

E Lal'lor, o velho cinzento, de corpo maciço, que falava pouco, mas via muito, de olhos pequenos e sábios, tinha um incrível gênio matemático. Kenniston descobriu isso, quando Lal'lor foi com ele, Hubble e Piers Eglin, examinar um grande eixo de calor, que parecia descer até as entranhas da Terra.

Era um ótimo trabalho e todos gostaram. Eles descobriram que as cidades abobadadas eram mantidas aquecidas, por uma fonte de calor que, através daquelas máquinas, era retirada do centro da Terra.

- Porém, atualmente, não há mais calor no núcleo da Terra, para sustentar a vida. – suspirou Piers Eglin – Esta é a desgraça de todos os planetas, mais cedo ou mais tarde. Mesmo

depois de o seu sol ter diminuído, elas podem sobreviver algum tempo, enquanto o calor interior for suficiente. Mas quando esse calor interior do planeta morre, o planeta deve ser abandonado.

Lal'lor falou com voz e rouca:

- Mas Jon Arnol, como você sabe, afirma que um planeta morto e frio pode ser revivido e suas equações parecem corretas.

Foi quando o massivo habitante de Miran - pois ele vinha dessa estrela, Kenniston tinha aprendido - repetiu uma série de equações impressionantes, que o terráqueo não conseguiu nem começar.

Piers Eglin, por algum motivo, parecia estranhamente desconfortável. Ele parecia evitar o olhar de Lal'lor, enquanto dizia apressadamente:

- Jon Arnol é um entusiasta, um teórico fanático. Você sabe o que aconteceu, quando ele tentou testar sua teoria.

Assim que Kenniston se familiarizou com a nova língua, Piers Eglin considerou que seu dever estava cumprido e partiu para a velha Middletown, para tremer e congelar, enquanto se deslocaria alegremente entre os tesouros arcaicos, que abundavam em cada bloco. Deixado sozinho com os nativos das estrelas, Kenniston encontrou-se cada vez mais distante das diferenças de tempo, cultura e raça, enquanto trabalhava com eles para forçar a vida de volta, às veias da cidade.

O sistema de água de Nova Middletown voltou a operar plenamente e, de novo, o luxo de abrir uma torneira e ver a água brotar, se tornou uma realidade e uma coisa maravilhosa. Muitos dos grandes geradores atômicos estavam funcionando agora, incluindo um tremendo sistema de aquecimento auxiliar que fazia o ar dentro da cúpula, vários graus mais quente. Entretanto Gorr Holl e Magro, juntos, estavam trabalhando duro, pois desejavam ardentemente conseguir o último último milagre de todos!

Chegou uma noite em que o grande capelino chamou Kenniston para a sala dos geradores principais. Magro e uma série de tripulantes estelares estavam lá, sujos de poeira e graxa, mas sorrindo felizes, com os sorrisos de homens que acabaram de ver terminado o último trabalho difícil. Gorr Holl apontou para uma janela.

- Fique de pé - disse ele a Kenniston - e assista.

Kenniston olhou para a cidade escura. Não havia lua, e as torres estavam cobertas de sombra, os caminhos negros das ruas, abaixo deles, piscavam aqui e ali, com os fracos reflexos das velas e as poucas lâmpadas elétricas, que brilhavam em torno da Prefeitura. Gorr Holl atravessou a sala, atrás dele, dirigindo-se a um enorme painel de controle na parede. Ele grunhiu. Houve um clique e uma pressão quando o interruptor mestre deu um estalo e, de repente, toda a cidade sob a cúpula, explodiu em uma onda brilhante de luz.

As torres sombrias se iluminaram, em um brilho crescente. As ruas tornaram-se rios de brilho branco, macios e claros, e acima de tudo, havia um novo céu noturno - a maravilhosa luminescência da cúpula, como uma vasta tigela formada de raios da lua e muitas nuvens coloridas, coroando as torres brilhantes, com uma glória própria.

Era tão estranho e bonito, depois da longa escuridão e das sombras, que Kenniston ficou parado, sem mover-se, olhando o milagre da luz e só então percebeu, que havia lágrimas em seus olhos.

A cidade adormecida acordou. O povo saiu para as ruas brilhantes, e o som de suas vozes levantou-se e tornou-se um longo grito de alegria. Kenniston virou-se para Gorr Holl, Magro e os outros. Queria dizer alguma coisa, mas não conseguia encontrar nenhuma palavra. Finalmente, riu, e eles riram com ele, e todos saíram juntos para as ruas.

O prefeito Garris encontrou a população, quase todos de uma vez, se deslocando para a praça em frente à Prefeitura. Hubble estava com ele, além da maioria dos homens do antigo laboratório e mais uma multidão de cidadãos. Não fazia nenhum sentido, que qualquer coisa fosse dita, mas as pessoas levantaram Gorr Holl, Magro e os tripulantes para os ombros e fizeram uma procissão triunfal ao redor da praça. Os gritos de alegria eram ensurdecedores. Mais do que a água, mais do que o calor, as pessoas valorizavam esse dom da luz. E naquela noite eles aceitaram os humanoides como irmãos.

Um pouco depois, um grupo ofegante e jubiloso reuniu-se na prefeitura - Gorr Holl, Magro, Kenniston, Hubble e o prefeito. Bertram Garris pegou na poderosa mão do grande capelino e sorriu para Magro, tentando expressar seus agradecimentos, por tudo o que eles e os outros fizeram. Gorr Holl escutava, sorrindo.

- O ele está dizendo? – perguntou a Ken, que agora fazia o papel de intérprete.

Kenniston riu.

- Ele quer saber o que pode fazer, para demonstrar sua gratidão - como dar-lhe a cidade ou sua filha em casamento, ou um pouco de seu sangue. Sério, Gorr, somos todos muito gratos. Vocês fizeram a cidade viver novamente, e ... bem, há algo que possamos fazer para demonstrar o que queremos dizer?

Gorr Holl considerou. Olhou para Magro, que assentiu solenemente. Gorr Holl disse, então:

- Bem, sejamos primitivos... - podemos usar uma bebida!

Hubble, que tinha aprendido um pouco da língua, começou a rir, enquanto Kenniston traduziu para o prefeito que, imediatamente, apressou-se em mandar buscar algumas garrafas, em seu tesouro escondido.

Foi uma celebração alegre. Kenniston procurou por Bal, Ban e Lal'lor, o cinzento, mas eles tinham voltado para a nave, com parte da tripulação, um ou dois dias antes. Isso fez com que um pensamento infeliz, lhe viesse à mente e ele falou com Gorr:

- Suponho que vocês vão sair muito cedo, agora que o trabalho está pronto.

Magro encolheu os ombros.

- Isso dependerá de uma série de coisas - Ele olhou vagarosamente para Gorr Holl.

Gorr Holl já estava um pouco bêbado - não muito, mas alto e alegre. O prefeito também já sentia um pouco o efeito da bebida e, por isso, superava o preconceito inicial e dava tapinhas carinhosos no ombro peludo do capelino.

- Eu quero que você entenda - Garris estava dizendo com sinceridade - me desculpe, por ter sido um idiota, quando o vi pela primeira vez. Todos sentimos muito, vendo o quanto você fez por nós.

- Ouça, não fizemos muito - disse Gorr Holl, enquanto Kenniston traduzia – mas, com as luzes, vocês todos ficarão mais confortáveis por aqui, enquanto esperam.

Kenniston olhou para ele.

- O que você quer dizer com... enquanto estamos esperando?

- Por que... Enquanto vocês esperam para serem evacuados, é claro. Disse Gorr.

Houve um pequeno silêncio. Kenniston sentiu-se tomado por uma estranha tensão e soube, de repente, tratar-se de algo que ele, inconscientemente, esperava. Algo que sentia não estar certo, algo cheio de dúvidas.

- Gorr, não entendemos isso. O que conversa é essa, de evacuação?

O grande capelino olhou para ele, com surpresa em seus grandes olhos escuros e rosto de urso. Mas, de repente, Kenniston sentiu que essa surpresa era completamente fingida e que, com aquela maneira casual de falar, Gorr Holl estava apenas disfarçando algo que já sabia sobre eles e que esperava o melhor momento para comentar.

- O Piers não disse nada? Certamente, eu suponho, ele teria instruções para fazê-lo e, claro, de uma maneira mais adequada do que eu. Eles entendem que as pessoas do seu tempo são primitivas demais, para serem preparadas por técnicos como Magro e eu. Vocês precisam de especialistas e, por enquanto, será melhor não pensar nisso.

Kenniston respondeu com força:

- O que você quer dizer com evacuação?

O capelino o olhou, sério agora.

- Eu, simplesmente quero dizer que, por ordem dos Governadores, todos vocês serão evacuados da terra para algum outro mundo, em outra estrela mais quente do este sol, que está morrendo.

## CAPÍTULO DOZE

### CRISES

Os três terráqueos olharam para o grande capelino, e durante um longo momento ninguém falou. Gorr Holl ficou absorvido no copo que segurava entre as mãos. Magro observou-os com seus brilhantes olhos de gato. As novas luzes da cidade jorrava sobre eles, enquanto os homens eram como três imagens de pedra.

Bertram Garris conseguiu falar, finalmente. Mas foi só para repetir as palavras de Gorr Holl, como Kenniston as tinha traduzido.

- Evacuação? - ele disse. E novamente: - Evacuação?

- Para um novo mundo, em outra estrela - disse Kenniston lentamente. Sua boca se contraiu e ele se aproximou de Gorr Holl, gritando: - Do que você acha que nós somos feitos?

Gorr Holl olhou para seus amigos terráqueos e disse, pesarosamente: - Eu acho que já falei demais - seu pesar não era mais convincente do que a surpresa anterior

O prefeito Garris começou a tremer. Sentia que uma fúria estava crescendo dentro de si, uma fúria genuína, que não tinha nada a ver com o exibicionismo típico de político. Ele olhou para Magro e Gorr Holl.

- Eles sabiam disso o tempo todo, aquela mulher e os outros - disse ele - vieram aqui, fingindo ser nossos amigos, mas tinham suas ordens, desde o início... - ele parou. Sua ira e seu medo, chegando tão rapidamente, depois da alegria, o sufocavam.

Você diz a eles, Kenniston, diga que eu disse - que se eles pensam que vamos nos afastar da terra para algum ... algum ... ele balbuciou a impossibilidade deixar a terra, por algum lugar idiota no céu... bem, eles estão loucos.

Hubble disse a Kenniston:

- Pergunte se esta movimentação é uma coisa normal, para esses governadores? Quero dizer, esse movimento de populações inteiras de um mundo para outro?

Gorr Holl assentiu com a cabeça.

- Oh, sim. Sempre que a vida em algum planeta se torna inadequada, ou a margem de sobrevivência se torna muito pequena, os Governadores evacuam as pessoas para um mundo melhor. Existem muitos bons planetas, férteis e quentes, que estão desabitados ou quase. Eles fizeram isso com alguns dos meus próprios povos, mudaram-nos de Capela para Aldebaran.

Kenniston gritou, com raiva:

- E as pessoas aceitaram isso? Eles nem sequer resistiram?

Gorr Holl respondeu:

- As pessoas - pessoas humanas, quero dizer ... têm milhões de anos de civilização. Acostumaram-se a um governo pacífico, costumam obedecer e mudam de mundo para mundo, desde que deixaram a terra há anos, de modo que um planeta, para elas, não significa muito mais do que outro.

- Mas um povo humanoide e primitivo, com pouca história de civilização, como o meu e de Magro, não é tão razoável. Houve um grande ressentimento entre nós, sobre esse negócio de evacuação. Na verdade, nós odiamos - tanto quanto você.

- Aqui! - disse Hubble bruscamente - onde você vai?

Ele estava falando com o prefeito, que estava caminhando, de repente, para a porta. Ele pegou Garris pelo casaco e puxou-o de volta. O prefeito lutou sombriamente para se libertar.

- Eu vou contar para eles - respondeu o prefeito, retirando a mão do professor - mover-se para fora da terra? Eles terão algo a dizer sobre isso!

- O que você quer fazer? - disparou Hubble - começar um tumulto? Não seja tolo, não há como lidar com isso.

- Não é com essa loira de gelo que devemos conversar, e sim, com o companheiro dela, o Lund. - gritou o prefeito Garris.

- Pare com isso, Garris! Essa atitude, no momento, só vai tornar as coisas mais difíceis para todos.

Garris procurou se acalmar. Ele olhou de Hubble para Kenniston e de volta para Hubble.

- Tudo bem, ele disse, vamos falar com eles calmamente. Mas é melhor que eles tenham em mente que não estão lidando com um rebanho de ovelhas domesticadas. E saindo da sala, o prefeito sussurrou para Ken:

- Tirar-nos do nosso mundo ... Coloque esses dois loucos para fora daqui, Kenniston. Eu estava certo na primeira vez. Eles não são confiáveis...

- Oh, cala a boca, disse Kenniston com impaciência. Gorr e Magro não fazem as leis. Eles simplesmente foram decentes o suficiente para nos dar uma advertência, justa, de algo que não saberíamos até que fosse tarde demais.

Ele sabia que havia mais do que isso, mas estava muito apressado e chateado, para procurar motivos mais profundos agora. Ken se virou para Gorr e o espicaniano.

- Escute, disse ele, você viu como o prefeito reagiu. Bem, posso garantir que todas as pessoas reagirão dessa maneira, ou talvez pior. Diga isso a Varn Allan e diga-lhe, também, que seria melhor que venha aqui e fale sobre essa evacuação, antes que as coisas se compliquem. Diga a ela que não gostamos que façam as coisas nossas nossas costas. Diga a ela ... Ele se flagrou surpreendido por sua própria fúria – Não... acho que você não poderia dizer a ela - Gorr Holl sorriu.

- De um primitivo para outro, eu entendo você – respondeu Gorr

- Bem, tudo bem. E Gorr – quanto a você, Magro e os outros, acho melhor ficarem fora da cidade, pois quando essa história se espalhar, eu não garantiria a segurança de vocês.

- Oh - disse Gorr Holl - sorrindo muito e mostrando os dentes brilhantes - nós estaremos seguros na nave. Nós, ou melhor, eu fiz um mal, ao falar. Na verdade eu falei por falar, não esperava causar tantos problemas.

Humanóides e humanos se entreolharam, e houve compreensão entre eles. Kenniston colocou a mão no ombro peludo de Gorr Holl, segurando os músculos de ferro, e Magro disse:

- Mais uma coisa, Kenniston. Se houver problemas ... e eu pareço cheirar os problemas no ar, cuidado com Lund. Varn Allan pode ser muita cheia de si mesma, mas é honesta. Lund ... bem, ele quer o cargo de Varn, e é capaz de cortar a garganta de alguém, alegremente, para conseguir isso.

- As coisas são assim - disse Gorr Holl - Lembre-se, Kenniston.

- Eu vou lembrar. E ... obrigado.

Eles foram embora, para levar as novidades à nave, sob o olhar de Kenniston, do prefeito e os aplausos da multidão.

- Me desculpe por tê-lo chamado de louco - disse o prefeito de repente - por Deus, eles são mais como nós do que as pessoas naquela nave!

Hubble assentiu. O seu nível de cultura está mais próximo do nosso. Eles não perderam suas antigas raízes aborígenes. Nosso próprio povo foi muito além de nós. Todo o padrão de seu pensamento é diferente. Nós ... bem, somos estranhos agora, na nossa própria terra.

Para Kenniston, a alegria e a felicidade dos cidadãos eram, irônica e amargos. Se eles soubessem o que estava sendo planejado para eles ...

Ele disse a Hubble, balançando a cabeça em direção ao prefeito:

- Você ficará com ele e impedirá que ele conte a todos? Ele vai te ouvir mais do que a ninguém.

Kenniston não dormiu bem, naquela noite, embora estivesse exausto, pois as palavras de Gorr Holl pareciam sinos tocando em sua mente – evacuar, evacuar – para um mundo em outra estrela. Ele pensava naquelas pessoas que, felizes, acreditavam que todos os seus problemas haviam terminado. E sobre Carol - particularmente Carol... Mais do que tudo, ele pensava em Varn Allan, a quem ele começava a odiar e a temer, ao mesmo tempo. Ken, também não demorou muito a admitir uma coisa, que o prefeito ainda não percebera. Havia uma vasta e poderosa máquina governamental naquele universo do futuro, uma máquina da qual a grande nave e seus ocupantes, eram apenas um símbolo. Não parecia provável que um punhado de pessoas em um planeta moribundo, pudesse desafiar, com sucesso, esse governo por muito tempo.

Hubble despertou, finalmente, para a realidade e concluiu que era preciso preparar-se para a visita de Varn Allan e Lund sendo que, para tal, o prefeito deveria convocar a Câmara Municipal.

- Precisamos que você seja o interprete, Ken, disse ele. Você fala o idioma melhor do que qualquer um de nós, e isso é muito importante para não ocorrer qualquer chance de mal-entendido.

Nenhum deles falou muito no caminho para a torre, que funcionava como Câmara Municipal. Kenniston pôde ver que Hubble estava tão preocupado e oprimido quanto ele.

Uma multidão se reuniu na praça, uma multidão feliz, que veio para festejar seus bons amigos, que os ajudaram tanto. Dentro da Câmara Municipal, o Conselho de cidadãos sentou-se em torno de uma enorme mesa de metal. O prefeito, Borchard, o vendendor de carvão, Moretti, o proprietário do mercado e mais meia dúzia de cidadãos, viam-se sentados à mesa com a mulher e o homem que vieram de Vega e que representavam os governadores de um vasto setor do espaço, com seus mundos e povos. O prefeito Garris dirigiu-se a Kenniston, no momento em que este entrou. Ele parecia ter dormido ainda menos do que Kenniston, e seu humor não mudara desde a noite anterior.

- Você pergunta a ela, Ken... – ele disse - ... pergunte se a história da evacuação é verdade.

Varn Allan concordou:

- É verdade. Sinto muito que Gorr Hall tenha falado prematuramente. Parece que isso deixou o seu povo chateado.

Ela olhou de relance para as faces tensas do prefeito e dos integrantes do Conselho. Kenniston percebeu que ela já tinha tido experiência anterior, com outras populações, nesse mesmo tipo de problema e não demonstrava muita paciência com os habitantes de Middletown.

- Estou certa, disse ela, que quando eles entenderem suficientemente a situação, perceberão que nós estamos trabalhando, apenas, no melhor de seus interesses.

- Melhor interesse? – retrucou Garris, quando pode falar – então porque vocês não falaram logo? Porque planejaram tudo em segredo?

Norden Lund, com um olhar presunçoso, disse à mulher:

- Eu disse a você que teria sido melhor...

- Discutiremos isso depois. Respondeu a mulher, secamente. Kenniston observava o quanto ela se esforçava para o controle da situação. Por fim, ela disse a Ken:

- Nós queríamos esperar até que o plano de evacuação estivesse pronto, para dar a notícia a seu povo e não causar tanto transtorno.

- Em outras palavras, disse Ken nervoso, vocês estavam lidando com um bando de aborígenes primitivos, que seriam conduzidos sem vontade própria, não é assim?

- Por acaso, não é assim que vocês se comportam? – respondeu Varn Allan, visivelmente irritada. Em seguida, ela explicou cuidadosamente, como se falasse para crianças: Uma nave de especialistas em evacuação está a caminho daqui, deve chegar em breve. Eles podem avaliar as necessidades de seu povo e encontrar um mundo, física e psicologicamente, adequado para vocês. Dentro da medida do possível, procuraremos um mundo parecido com aquele do passado de vocês.

- O que... – disse ironicamente Kenniston - ... é muito decente, da parte de vocês!

Os olhos azuis da mulher o encararam, com hostilidade, enquanto que ele se voltou para o prefeito, que solicitava por uma tradução do que estava sendo dito. Ken fez isso, sem esconder o seu próprio ressentimento e Garris, na sua indignação, se esqueceu até da oratória e falou precipitadamente:

- Se eles pensam que nós vamos deixar a terra e mudar para um mundo maluco nas estrelas, estão redondamente enganados! Você pode dizer isso a eles!

Varn Allan pareceu ficar, verdadeiramente, perplexa quando Ken lhe traduziu o que o prefeito dizia.

- Mas, certamente, seu povo não deseja permanecer em um planeta frio e que está morrendo, não é verdade?

Kenniston, vendo a raiva instintiva que se formava na face branca de Garris, procurou entender seus sentimentos. Sua própria reação, era idêntica a do prefeito.

-Não queremos permanecer aqui? – disse Garris, forçando as palavras para fora da garganta, com emoção – Não queremos? Escutem vocês do futuro! Nós deixamos o nosso próprio tempo, nossa cidade e nossos lares. Isto já é suficiente. Um pouco de sossego é tudo o que esperamos para o tempo de vida, que nos resta. Deixar a terra, deixar o nosso mundo? Não! – não havia a preocupação da oratória com ele, agora, e procedia como um homem que se sentia aproximando-se do fim.

Kenniston conversava com Varn Allan e sua voz não era muito equilibrada.

- Estou tentando entender. Nós nascemos no planeta terra e toda a nossa vida, todas as gerações anteriores a nós, desde o começo dos tempos...

Ele não poderia colocar em palavras o que sentia, pois era como se, repentinamente, se sentisse conectado com a velha terra, que deu vida aos filhos dos homens... A terra, o solo, os ventos e as chuvas, o crescimento e a morte, devido à idade. Árvores e homens. Você não pode esquecer essas coisas. Você não poderia deixar se perder, uma gota sequer, da herança do nosso mundo.

O cabelo cor de canela Norden Lund, estava conversando com Varn Allan e, olhando com desprezo para os terráqueos, disse:

- Eu avisei a você, Varn, que esse povo é primitivo demais, para ser tratado com os métodos ordinários.

A mulher dos olhos azuis ignorou Lund e se dirigiu a Kenniston.

- Você precisa fazer com que eles entendam os fatos. A vida aqui é impossível e a solução é sair...

- Deixe que ela diga para o povo... - disse o prefeito, com a voz apertada - ... Não. Eu mesmo direi!

O prefeito se levantou e deixou a sala do conselho. Havia uma curiosa dignidade, na sua figura roliça. Borchard, Moretti e os outros, o seguiram. Eles também sentiam um medo instintivo, a respeito das coisas que haviam sido discutidas naquela sala. Em seguida Kenniston, Hubble e os visitantes estelares, também deixaram o local.

Na praça se reuniam milhares de cidadãos de Middletown: eram trabalhadores dos moinhos, donas de casa, bancários e contadores, velhos e crianças. Eles ainda estavam felizes, devido aos últimos reparos nos geradores atômicos da cidade e aplaudiram os alienígenas, quando estes saíram da sala de reuniões, dando gritos e vivas que ecoavam longe. O prefeito, então, pegou o microfone e falou, através do sistema de alto falantes:

- Povo de Middletown, ouçam com atenção! Os nossos visitantes das estrelas vieram aqui, hoje, para nos dizer que deveremos deixar a terra. Estão dizendo que nos levarão para um mundo melhor, em algum lugar entre as estrelas. O que vocês pensam disso? Vocês querem ir? Vocês querem deixar a terra?

Houve um longo momento de total silêncio, no qual Kenniston observava as faces desnorteadas das pessoas, incrédulas. Voltando o olhar para Varn Allan, ele percebeu em seu rosto, uma sombra de cansaço e uma profunda ruga de preocupação. Duas épocas, totalmente diferentes uma da outra, se viam diante de um problema que, para cada uma das partes, parecia ter uma solução de acordo com a sua própria experiência e estágio de evolução. Os alienígenas entendiam de uma maneira e os terráqueos de outra.

Quando, finalmente, a multidão entendeu a real dimensão do que estava acontecendo, veio uma chuva de choros e lamentações:

- Ir para algum lugar no céu? Vocês ficaram malucos? – diziam alguns - Já não foi ruim o suficiente, deixar Middletown por este lugar? Ainda teremos que deixar a própria terra? – diziam outros.



Um jogador de football grandalhão, conhecido como Lauber e um caminhoneiro de nome McLain, se dirigiram ao prefeito e disseram:

- O que tudo isso significa? Nós estamos bem agora... Porque haveríamos de ir para a lua, ou para outro lugar qualquer no espaço?

O prefeito se voltou para os dois alienígenas:

- Vocês estão vendo? O meu povo não aceitou a idéia de vocês, nem por um minuto!

E Kenniston completou:

- As pessoas rejeitam, completamente, essa proposta!

Varn Allan olhou para ele, honestamente surpreendida:

- Mas isto não é uma proposta! – disse ela – isto é uma ordem formal do Conselho de Governadores! Eu recomendei a evacuação e eles aprovaram. Simples assim!

Kenniston respondeu secamente:

- Infelizmente, nosso povo não reconhece nenhuma autoridade no seu governo, pois nós temos o nosso próprio sistema. Assim, a sua ordem não significa nada para eles.

A mulher olhou, firmemente, para ele e retrucou:

- Ninguém desafia os Governadores! Eles são o corpo executivo de toda a Federação de Estrelas.

A Federação de Estrelas? Esse som parecia um trovão distante e, novamente, Kenniston sentiu o efeito da distância que separava as duas civilizações, que se reuniam naquele local e naquele momento. Ele se exasperou:

- Você não entende que, para nós, esses povos das estrelas são apenas pontos de luz no céu? Que os seus sóis, os seus mundos e os seus governadores, nada significam para nós?

Norden Lund achou que era o momento de intervir e falou com Varn Allan:

- Talvez, em um impasse dessa natureza, nós deveríamos consultar o Governo Central?

O olhar da mulher de olhos azuis quase queimou Norden Lund:

- Você está me pedindo para reconhecer, simplesmente, a minha incapacidade de fazer o trabalho que devo fazer. Não. Eu farei o que precisa ser feito e depois conversarei com Gorr Holl, sobre ele ter falado prematuramente.

E voltando-se para Kenniston, ela completou:

- O seu povo precisa compreender que o que estamos fazendo, não é cruel. Explique para eles que este planeta está morrendo e que logo tudo será isolamento, precariedade e cada vez mais dificuldades. Que nada há a se esperar, a não ser a morte e que estão me pedindo para abandoná-los a um destino horrível.

- Talvez – disse Kenniston – mas eu não contaria com isto. Você não sabe como eles são. Somos um povo que não se assusta facilmente.

Ele falou com hostilidade, porque sabia que Varn Allan tinha razão, mas não queria reconhecer. Ela o olhou séria, como se estivesse tomando uma medida importante e que, através dele, tal medida seria passada a todos os cidadãos de Middletown. Finalmente, a mulher falou calmamente:

- Tenha em mente que um decreto formal aprovado pelo Conselho de Governadores é uma lei que, independentemente de vocês, deverá ser respeitada e cumprida. A evacuação foi decidida e será realizada.

Ela balançou a cabeça para Lund, que deu de ombro, ao lado dela. Juntos, eles atravessaram a praça, por entre a multidão murmurante, alarmada e confusa, mas não hostil. Kenniston voltou-se para Hubble:

- O que faremos agora? – Hubble apenas balançou a cabeça.

- Eu não sei. Mas sei que uma coisa podemos fazer, para evitar que ocorra violência, o que poderia ser fatal. Nós precisamos manter o povo calmo, enquanto se resolve essa questão da evacuação.

Kenniston trabalhou, com afinco, durante o resto do dia. Ele repetia, para si mesmo, os argumentos de Varn Allan para tentar entendê-los, mas não conseguia. A cidade funcionava normalmente, havia luz e água, eles não estavam sozinhos no universo e a vida parecia muito boa. Com o impressionante otimismo típico da raça humana, todos estavam convencidos de que

o amanhã será sempre melhor do que o hoje. Ninguém desejava deixar a terra e parecia que isso seria, algo assim, como deixar seus próprios corpos.

O choque de perderem seu próprio tempo e os padrões de vida que tanto amavam, já lhes parecia terrivelmente suficiente e mais alguma coisa, certamente, seria motivo para criar um estado coletivo de depressão. Kenniston sabia disso e sabia, também, que em certa medida, o choque havia sido amaciado quando, por um tempo, eles permaneceram na antiga cidade e puderam avaliar o que seria viver na terra, sem os recursos de alta tecnologia, que lhes foram transmitidos pelos alienígenas. Era como uma âncora na memória coletiva, mas até certo ponto, eles trouxeram o seu tempo consigo e instalaram seus antigos padrões na Nova Middletown. Eles modificaram as construções, no interior da cúpula, para ficar tudo parecido com as coisas, com as quais estavam acostumados e, para isso, eles trabalharam duro, mas fizeram o que achavam que precisava ser feito.

Eles não poderiam agora, de uma hora para a outra, largar tudo para trás e, mais uma vez, recomeçar a vida em um lugar desconhecido. Kenniston percebeu perfeitamente, que não se tratava de mero atavismo a força que prendia aquelas pessoas à terra onde nasceram e que, ferozmente, os fazia rejeitarem a idéia de sair. Parecia-lhes uma idéia horrível entrar em uma nave especial e viajar pelo espaço, para além das estrelas. Para que?

Noites e noites viajando pelos abismos do espaço, com as estrelas balizando o caminho e a terra desaparecendo no infinito e sendo, incompreensivelmente, perdida para sempre! Suas mentes se recusavam a imaginar essas coisas.

Porque Varn Allan não entendia isso?

Porque ela não percebia que para um povo, o qual acabara de conquistar o automóvel, viajar pelo espaço era algo psicologicamente inaceitável?

A grande nave espacial permanecia estacionada na planície, causando grande curiosidade na maioria das pessoas, que ficavam observando da cúpula. Porém alguns, por motivos próprios, formavam pequenos grupos que observavam os alienígenas com agressividade e raiva.

Com o passar do tempo as ruas começaram a encher de gente e a multidão tomou conta da praça, gerando uma preocupação com a segurança, o que levou a força policial a ser acionada, para garantir a ordem no portal da cidade.

Desgostoso, oprimido e quase doente, de tanta preocupação, Kenniston resolveu enfrentar o inevitável e falar com Carol. Ela sabia o que estava acontecendo, naturalmente, pois todos em Nova Middletown sabiam. Os dois se encontraram, ambos preocupados e com um amargor no olhar, que se tornava cada vez mais freqüente, desde aquele dia de junho, em que o mundo deles acabou. Então ela disse:

- Eles não podem fazer isso, podem? Eles podem nos levar, contra a nossa vontade?

- Eles pensam que estão fazendo o melhor para nós – Ken respondeu.

- A questão é fazer-los entender que estão errados – disse ela, sorrindo suavemente, mas não com alegria.- parece não haver fim para nossos sofrimentos, primeiro tivemos que deixar Middletown e agora, devemos deixar a própria terra. Porque não ficamos em nossos lares e morremos, como seres humanos decentes? Toda essa loucura teria sido evitada... – ela parou de sorrir e disse a ele, calmamente:

- Não quero ir, Ken.

- Você fará apenas o desejar fazer, querida, eu garanto... Eles precisam entender isso! – e, levantando-se, convidou a noiva para um passeio – vamos caminhar. Vai nos fazer sentir melhor.

Os dois saíram a caminhar, para apreciar o crepúsculo e saudar a chegada da noite, seja como for... Eles caminharam e falaram sobre coisas, sobrecarregados com seus próprios pensamentos. Kenniston tinha consciência de que uma espécie de barreira se formava entre eles agora, até mesmo quando estavam de acordo. O silêncio entre eles não era um silêncio de entendimento, mas sim um silêncio cheio de dúvidas quanto ao futuro. Os dois caminharam até próximo à cúpula, de onde podiam observar a nave espacial, estacionada na planície.

Uma espécie de mal estar crescera na cidade e até o ar parecia difícil de se respirar. Havia uma multidão em volta do portal, da qual eles procuraram permanecer a alguma distância. Vista através da parede transparente da cúpula, a iluminada nave Thanis parecia uma figura distorcida. Carol estremeceu e se voltou para o interior da cidade.

- Não quero olhar para eles – ela disse – vamos voltar para casa.
- Espere – disse Ken – temos problemas.

Um homem se aproximou, querendo falar com Ken.

- Procurei você por toda a cidade... - ele disse - ...Ken, aquele maldito tolo do Garris, fundiu a cabeça completamente e está convocando o povo para lutar! Você pode vir comigo e ajudar a acalmá-lo...

Kenniston disse amargamente:

- Não é de se estranhar porque Varn Allan pensa que somos um bando de primitivos! Mas tudo bem, vamos ao Prefeito. Deixarei você em casa Carol.

Eles começaram a voltar, tranquilos, pela rua, cujas torres pareciam brilhar, de uma maneira atemporal, apesar da tensão que o povo demonstrava, por toda parte, discutindo em grupos e dizendo palavras contra os alienígenas. O pulso da cidade parecia acelerar, a cada momento. Um grito surdo correu pelas ruas. As pessoas gritavam algo, enquanto apontavam para cima. Aparentemente, alguma coisa grande sobrevoava a cúpula.

- O que ... - Hubble começou com impaciência, mas Kenniston o silenciou.

- Ouça!

Eles ouviram. Se sobrepondo ao vozerio da população, cada vez mais alto, podia-se ouvir um som que só fora ouvido uma vez antes. Uma vibração, mais do que um som, um profundo, baixo cantarolar vindo do céu, muito profundo para ser sufocado, mesmo pela cúpula.

O som se tornou mais e mais alto, e então, de repente, parou. As pessoas estavam, agora, correndo em direção ao portal, gritando palavras confusas.

- Outra nave estelar - disse Kenniston – acaba de chegar outra nave estelar!

O rosto de Hubble era cinza e abatido.

- A equipe de evacuação. Ela disse que eles chegariam em breve. E toda a cidade está pronta para explodir ... Ken, é isso!

## CAPÍTULO 13

### CIDADE EMBOSCADA

Com o coração apertado, Kenniston olhou para Hubble e ambos ouviram, nítidamente, a voz da cidade. Carol falou com palavras de coragem.

- Não se preocupe comigo, Ken. Chegarei bem em casa.

- Sim – ele respondeu – eu temo que tenhamos que entrar em contato com o prefeito, agora... Procure ficar fora das ruas, Carol.

Ele a beijou ternamente na bochecha e colocou-se à caminho, andando rápido. Kenniston hesitou, sentindo que deveria ir com ela, mas Hubble já tinha partido e não havia tempo a perder. Apesar de tudo, não havia perigo – não ainda e, assim, Ken partiu com Hubble. As pessoas passavam por eles, indo para o outro lado, em direção ao portal, parecendo assustadas, agressivas, olhos brilhantes e vozes alteradas. Kenniston e Hubble estavam quase correndo, mas mesmo assim, precisaram de alguns minutos para voltar ao prédio da prefeitura.

Enquanto eles atravessavam as ruas, em direção ao prédio do governo, de lá vinham jipes cheios de policiais, encarregados de manter a ordem nas ruas. Os policiais procuravam se impor com seus uniformes pesados. Hubble comentou:

- Eles estão se dirigindo para fora da cidade. Que diabo estará acontecendo por lá?

Eles apertaram o passo para alcançar a prefeitura. Na sala de reuniões eles se avistaram com o prefeito, com Borchard, com Moretti e mais os membros do Conselho. Garris caminhava de um lado para outro, trazia o rosto avermelhado pela preocupação e os olhos brilhantes, com a coragem nascida do medo. Ele se virou para Kenniston e Hubble quando entraram, e havia curiosidade em seu olhar, uma certa ausência de razão que fazia Kenniston perder a pouca esperança que tinha.

- Então eles vão tentar nos tirar da terra, começou Garris - dando início à reunião. Bem, vamos ver! Vamos ver o quanto eles conseguem fazer, contra a nossa vontade! – sua voz tremia, enquanto apertava uma mão contra a outra... - Convoquei todas as unidades da Guarda Nacional, vocês devem ter visto os jipes, certo? Eles estão a caminho da velha Middletown, para trazer as armas que deixamos por lá. Armas, Hubble, armas! Essa é a única maneira de mostrar-lhes que eles não podem nos dizer o que deveremos fazer com nossas vidas...

- Você é um tolo – respondeu Hubble – Oh! Você é um tolo!

O prefeito respondeu com uma espécie de rosnado e Hubble se deu conta de que era tarde demais, para chamá-lo de tolo.

- Estamos fazendo o que achamos que é o certo, Sr. Hubble, e achamos que seria muito interessante, se o senhor cuidasse da sua ciência e nos deixasse lidar com o governo.

- Isso mesmo - disse Moretti, repetindo várias vezes a frase, enquanto os demais membros do Conselho, o apoiavam.

Hubble os enfrentou: - Escutem-me! Vocês estão com tanto medo, que se tornaram cegos e não podem ver o que está à sua frente. Armas! Todas as armas que temos não passam de pistolas de brinquedo, em comparação com o que eles podem fazer contra nós, se quiserem... Esse povo conquistou as estrelas, vocês podem entender isso? Eles podem acabar conosco, com um simples raio enviado da nave e violência de nossa parte, só vai irritá-los!

Garris, em um impulso, gritou:

- Você está com medo deles. Bem, nós não. Nós lutaremos! – O Conselho aplaudiu.

- Tudo bem – disse Hubble – vão em frente. Não adianta discutir com idiotas. Mas eu repito que a única chance que nós temos, de conseguir alguma coisa com eles, é comportando-nos como homens civilizados. Só assim eles serão capazes de entender os nossos sentimentos. Mas agora... – Ele fez um gesto de negação, enquanto o prefeito respondeu, aos gritos:

- Palavras! Um monte de palavras... Não senhor! Nós faremos do nosso jeito e você pode se sentir grato porque o seu Prefeito e o seu Conselho, apesar de toda dificuldade, não deixam de defender os direitos do povo!

A voz do Prefeito cresceu, quase como um grito, abafando as últimas palavras de Hubble, que já tinha saído com Kenniston, deixando a sala de reunião do Conselho.

Do lado de fora, na praça, Kenniston disse abruptamente:

- Só existe uma coisa a fazer: ir até Varn Allan e pedir mais tempo para que possamos nos adaptar à situação.

Hubble balançou a cabeça, fazendo uma careta.

- Odeio admitir o poder daquela loira burocrata, que nos trata como crianças, mas... Não podemos, realmente, negar que ela tem razão – disse Hubble. Nós somos como crianças diante do desconhecido e, sem saber como, resolvemos lutar. O problema é que os nossos amigos estão querendo lutar do jeito errado... – então, ele completou - ... Você irá até a nave, Ken, e veja o que pode fazer. Eu vou voltar para a reunião e continuar debatendo com o cabeça dura do Prefeito, se conseguir ser paciente, bem... Boa sorte!

Hubble voltou para dentro, enquanto Ken partiu para fora da cidade. A multidão tinha aumentado muito, desde a última vez, em que ele estivera ali e havia gente do lado de dentro e de fora da cúpula. Havia duas naves estacionadas, com suas luzes brilhantes, enquanto que as pessoas, curiosas, olhavam e murmuravam... O estado de coisas parecia um vento, anunciando tempestade.

Os soldados haviam formado uma barreira de segurança, nas proximidades do portão de entrada da cúpula, tentando impressionar os alienígenas com suas armas.

Kenniston foi até eles e falou com alguns, que eram seus conhecidos:

- Estou indo até as naves, para uma conferência – e começou a atravessar a linha de segurança – mas foi parado por eles.

- Ordens do Prefeito – disse o tenente – ninguém pode passar deste ponto – eu sei quem o senhor é, senhor Kenniston, mas tenho minhas ordens. Ninguém pode sair.

- Ouça - disse Ken desesperado, fabricando uma mentira – o Prefeito me mandou como negociador.

- Traga-me uma ordem por escrito – respondeu o tenente – e falaremos sobre o assunto.

Os homens permaneciam disciplinadamente impassíveis e imóveis, enquanto Kenniston considerava a possibilidade de tentar furar o bloqueio e correr para as naves.

O tenente observava-o de uma maneira desconfiada, tão desconfiada que Ken se sentiu desconfortável. Ken falava a língua do povo das estrelas e bem poderia ser um traidor ou um espião...

- Se o Prefeito enviou você, ele irá escrever a ordem.

Sem alternativa, Ken se retirou de volta para a cidade e passou o restante da noite conversando com Hubble, enquanto o Prefeito e os Conselheiros traçavam planos de guerra, na sala de reuniões. Logo amanheceu e, de repente, um enfermeiro chegou apressado e entrou na sala do Conselho. Imediatamente após, o Prefeito, o Conselho e todos os outros saíram da sala. Garris, com aspecto cansado, mas triunfante, dirigiu-se a Kenniston:

- Venha conosco. Vamos precisar de um intérprete.

Sentindo-se velho e desesperançado, Ken se levantou e se juntou ao grupo. Hubble se aproximou do amigo e murmurou:

- Fale com cuidado Ken. Seus conhecimentos da língua deles, é a nossa última cartada.

Eles chegaram ao portal quase ao mesmo tempo, que os representantes das naves. Varn Allan e Lund eram os únicos do grupo, que Kenniston reconhecia. Os outros eram uma mulher madura e homens de variadas idades. Os visitantes olhavam para a linha de soldados, mais com admiração do que apreensão, enquanto Varn Allan franzia a testa.

O Prefeito caminhou até ela, atravessando a linha de soldados, que ficou atrás de si e, certo de que tinha a autoridade conferida por seu povo, encarou de frente o povo das estrelas e disse a Kenniston:

- Diga-lhes que este é o nosso mundo e que nós damos as ordens por aqui. Diga-lhes para pegarem suas naves e partir. Informe-lhes que este é um ultimatum e que estamos preparados para lutar.

A multidão, atrás dele, deu gritos de aprovação e um ligeiro sinal de mal estar apareceu nas faces dos alienígenas. Os gritos da multidão, a atitude do Prefeito e os soldados armados, devem ter causado dúvidas neles. Ainda assim, Varn Allan falou calmamente com Kenniston, quase não esperando o Prefeito terminar.

-Você precisa explicar uma coisa para seu povo – ela apontou para os recém chegados, que a acompanhavam – estes oficiais têm uma larga experiência em migração de massas. Eles apresentarão um plano preliminar de evacuação e será importante que você coopere...

Kenniston a interrompeu:

- Ouça, ele disse, pegue os seus oficiais e volte para as naves.

A multidão estava se movendo e forçando a linha de soldados, ameaçando os visitantes. Eles gritavam para que os alienígenas voltassem para suas naves, em uma crescente atitude de agressividade. O Prefeito perguntou a Kenniston:

- Você disse a ela? O que ela está dizendo? Você disse a ela?

Kenniston novamente se dirigiu a Varn Allen:

- Voltem para as naves, rápido! Você não percebe que eles estão à um passo de atacá-los?

Mas ainda, Varn Allan parecia não entender.

- Não há mais espaço para negociação – ela disse, como se estivesse perdendo a paciência – nós estamos aqui com ordens diretas do Conselho de Governadores e, por uma questão de civilidade, devo perguntar a vocês...

Falando educadamente, Kenniston a interrompeu:

- Estou tentando prevenir a violência. Voltem para suas naves agora e vou tentar falar com vocês mais tarde.

- Ela olhou para ele, atônita:

- Violência? Ela disse. E novamente – violência? Contra oficiais da Federação?

Ken percebeu que uma situação como aquela, onde oficiais da Federação estavam sofrendo ameaças, nunca tinha acontecido antes e teve medo da reação que eles pudessem ter. Estabeleceu-se um momento de silêncio entre eles, enquanto o tumulto e a agressividade cresciam na multidão. Abruptamente, Norden Lund começou a rir.

- Eu digo que você está lidando do modo errado com estes selvagens – ele disse – será melhor irmos embora.

- Não! – Varn Allan sentia-se agredida em seu orgulho e na autoridade que fora investida pela Federação das Estrelas, além da sua capacidade administrativa. Ela não iria fugir por causa dos gritos daquela multidão.

Ela dirigiu-se a Kenniston, com a voz afiada como o aço de uma faca:

- Eu penso que você não entendeu – ela disse – quando uma ordem é transmitida em nome do Conselho dos Governadores, essa ordem será cumprida. Diga ao seu Prefeito para ele dispersar a multidão. E rápido!

Kenniston, cerrou os punhos e gemeu de raiva.

- Pelo amor de Deus... - ele começou, e então o Prefeito, ansioso, belicoso e valente Prefeito, lançou uma fâsca no pavio pronto para incendiar.

- Diga-lhe que será melhor que eles saiam, imediatamente – ele falou tão alto que pode ser ouvido, claramente, pela multidão.

- Diga-lhes para saírem, ou vamos enxotá-los

- Enxotá-los! – gritou um homem, e outro, e centenas de outros.

- Enxotá-los! A multidão gritava, cada vez mais alto. Homens e mulheres começaram a forçar passagem entre os soldados, para atacar os visitantes. Os soldados não fizeram grande esforço para evitar o avanço da multidão.

Os rostos dos visitantes pareciam um caleidoscópico - a mulher de meia idade abriu a boca aberta em um grito, os olhos incrédulos dos homens, que não acreditavam no que viam, as bochechas de Varn Allan flamejando de irritação, Lund já se afastando e uma mistura de medo e triunfo. Varn Allan, finalmente, disse:

- Se vocês se atreverem a tocar em um oficial da Federação...

- Voltem para as naves – gritou Kenniston – voltem! A primeira onda da multidão já estava sobre eles, todos gritando, punhos cerrados e a um passo do pisoteamento.

Eles uivavam para Varn Allan, por que ela era a líder. Kenniston viu o perigo. Ele agarrou seu pulso e correu com ela em direção à nave Thanis, para salvar a vida da líder estelar. Os outros oficiais, incluindo Lund, também fugiram a tempo. Era incrível a capacidade que eles tinham, de correr. Ken arrastou Varn Allan por alguns segundos, sem que ela oferecesse resistência, o que fez Ken pensar que a mulher nunca teria sofrido violência antes. Varn Allan ficou tão admirada com isso, que não conseguia reagir, de início. Logo ela se recuperou, largou as mãos de Ken e seguiu para a nave, por conta própria.

A multidão fervia atrás deles e não era tempo para sutilezas, então Kenniston agarrou novamente o pulso da mulher e continuaram, ambos, a correr. Quando a nave Thanis parecia muito perto, Ken tropeçou e caiu, mas a mulher continuou correndo e se afastou dele. No momento em que bateu na areia fria, Kenniston viu o primeiro feixe de luz sair da nave. Ao se voltar para a multidão, ele viu o alvoroço causado pelo feixe de luz e, dessa vez, o choque foi forte. Ele se sentiu preso ao solo, como se estivesse morto, totalmente imobilizado e sem conseguir entender nada.

Quando voltou à consciência, Ken se viu em um alojamento, deitado em uma cama e os poderosos dedos de Gorr Holl massageando seu sistema nervoso, ao longo da coluna vertebral. Ken gemeu, e o capelino exclamou com alívio.

- Graças aos deuses você está de volta! Eu tenho trabalhado com você nas últimas horas.

Kenniston sentou-se dolorosamente e percebeu que estava em uma pequena cabine, sem janelas e com mobiliário projetado para acomodar as grandes porções de Gorr Holl. Ken percebeu que estava dentro da nave Thanis.

- Como vim parar aqui? – ele perguntou. Era difícil falar. Sua língua e o resto do corpo estavam entorpecidos e pareciam chumbo.

- Varn Allan trouxe você para dentro, por que ela percebeu que foi um erro derrubá-la, quando você estava tentando ajudá-la. Ela quer você recuperado, o mais rapidamente possível.

Kenniston desejou fazer uma piada, mas estava grogue demais para isso. Ele gemeu novamente e murmurou:

- O que aconteceu Gorr?

- Muitas coisas e todas ruins. Olhe aqui. Ele tocou em um ponto na parede e ela se tornou transparente, como uma janela.

Kenniston se esforçou sobre os pés e olhou através da janela. Ele pode ver todo o cenário em volta da nave, até a cúpula da cidade e, tristemente, viu os homens de Middletown trabalhando na poeira ocre, diante do portal, cavando trincheiras, enchendo sacos de areia e preparando as linhas de guerra. Gorr Holl apontou para o lúgubre desperdício de esforço e material que os terráqueos faziam. Podiam-se ver as armas pesadas distribuídas e arrumadas nos campos, em volta da cidade e toda a força policial de Middletown se movimentando, de um lado para o outro, além de centenas de armas portáteis apontadas para as naves, desafiando a Federação das Estrelas. Gorr Holl disse:

- Eles nos deram três horas para irmos embora ou eles começarão a disparar, pois suas baterias já estão em posição.

- Os tolos – Kenniston sussurrou – os pobres malditos tolos! Ele poderia chorar de vergonha, de tanta loucura e ignorância. O tempo estava acabando. Os homens de Middletown se preparavam, nos portões da cidade, para cavar a própria destruição.

- Preciso parar isso, Gorr. De alguma maneira, eu preciso parar isso.

Gorr Holl o estudou com curiosa atenção, medindo-o com o olhar.

- Quanto você estaria disposto a arriscar nessa tentativa? Não, espere antes de responder. Isso pode não ser fácil. Especialmente para você, eles desconfiam de você e pode não ser fácil.

- Este é o ponto – disse Ken. Ele se agarrava ferozmente ao menor sinal de esperança. – vamos lá! Do que se trata?

Gorr Holl disse:

- Existem outros planetas morrendo, ao lado da sua terra. E como eu lhe disse, os mais primitivos se agarram ao seu local de nascimento e não querem sair, da mesma maneira como o seu povo está fazendo. Tem havido uma... Bem, uma chamada conspiração, entre as raças primitivas, para que cessem os movimentos migratórios, e todo o nosso planejamento, sobre o qual Lal'lor falou com você, o processo de Jon Arnol para revigorar mundos mortos, o qual foi proibido pela Federação... Bem, Kenniston, nós poderíamos usar a terra, como piloto, para tentar realizar o sonho de revigorar um planeta morto. Que tal, a idéia?

- Em outras palavras – respondeu Kenniston lentamente – vocês querem envolver a mim e a meu povo, em uma experiência da sua Federação?

- Muito francamente, sim. Mas isto será, também, para o benefício de vocês. Se der certo, vocês terão a sua velha terra de volta. Se não funcionar, pior do que já está, não pode ficar. – Gorr colocou sua grande mão sobre o ombro de Ken – ouça-me, Varn Allan está, nesse momento, tentando conseguir autorização dos Governadores para usar a força e fazer cumprir as ordens. Pense rápido, Kenniston!

Kenniston pensou. Isto era como se movimentar em um labirinto desconhecido, mas ele podia sentir no ar, um pouco do efeito desagradável, que fora gerado pelo comportamento selvagem de seu povo. Por outro lado, ele não se sentia no direito de envolver sua gente em uma experiência, sobre a qual, nada sabia. Mas o fato é que, além da janela da nave, ele podia ver homens nervosos, entrincheirados e dispostos a lutar.

- O que eu posso fazer? – ele perguntou.

Gorr Holl sorriu e disse:

- Bom. Você pode trabalhar nisso, mas lembre-se de que terá aliados! Agora venha comigo e vou lhe mostrar o que fazer.



## CAPÍTULO QUATORZE

### ÚLTIMO RECURSO

O grande capelino levou-o, então e rapidamente, através de um labirinto de passagens estreitas, que atravessavam as entranhas dos Thanis. Eles não encontraram ninguém, e Kenniston percebeu que Gorr Holl estava evitando os corredores principais.

Enquanto eles atravessavam a nave, Ken tentou memorizar tudo o que podia ver, mesmo que muito rapidamente e nada importava agora. Tudo o que ele conseguia pensar era na terrível necessidade de pressa, a necessidade de evitar o desastre que estava chegando. Ken aguçou os ouvidos e ficou tenso, esperando as primeiras explosões dos ataques contra a nave Thanis. Ele sabia que era cedo, mas os minutos foram passando rápido. Gorr Holl deu uma rápida explicação de como seria a evacuação.

- A ordem de evacuação veio do Conselho de governadores por um Comitê Executivo. Mas, de acordo com a lei da Federação, você pode fazer um apelo de ordem à Assembléia de Governadores, em sessão plenária.

- Agora, lembre-se, Kenniston, ninguém pode negar-lhe o direito de recurso, então não deixe de fazer o que precisa ser feito.

Eles saíram em uma passarela sombria. Gorr Holl parou e apontou para um corredor, de uns quatro metros, logo abaixo, no final do qual, havia uma porta fechada.

- Ali é a sala do comando e Varn Allan está em contato com o Comitê, agora. Você entrar e fazer o seu apelo, mas lembre-se, Lund está lá também.

Gorr sumiu de volta para as sombras, enquanto Kenniston desceu uma escada e se dirigiu, rapidamente, pelo corredor indicado pelo capelino, até a porta no final. Ken abriu a porta e entrou em um quarto alto e estreito, onde se encontravam Varn e Norden Lund, que viraram-se para ele, assustados e surpresos, por sua entrada súbita.

Ken quase não os viu, porque outra coisa chamou sua atenção e o paralisou, congelando-o em uma espécie de temor. Duas paredes da sala eram ocupadas por mecanismos complicados e desconhecidos, todos aparentemente, automatizados. De frente para ele, na terceira parede, havia uma tela gigantesca, reproduzindo uma imagem tão clara, que mais se parecia com uma janela. Uma janela para outro mundo...

Na tela, em volta de uma mesa de plástico, preta, sentavam-se quatro figuras, sendo que três destes, eram homens comuns, trajando jaquetas e calças. Um deles aparentava bastante idade, mas não era o mais velho. Havia um que era, sem dúvida o mais velho e um terceiro, jovem e de pele escura, não muito longe da meia idade. O quarto componente à mesa não era um ser humano. Era um espicano como Magro, cabelos brancos e feição estranhamente felina, com seu rosto bonito e um aspecto levemente cruel. Aquele espicano era mais velho e mais grave do que Magro.

Os quatro eram como um quarteto de empresários, interrompidos no meio de uma conferência séria. Eles olharam fixamente para Kenniston e, meio assustado, o homem mais jovem perguntou a Varn Allan:

- Quem é esta pessoa?

Kenniston ficou imóvel, olhando para aquele quadro inusitado, para ele. Ken, então, percebeu que exista atrás daquelas pessoas, outro cômodo, muito maior e tomado de imensas telas e fabuloso material de comunicação, que deixava muito clara a distância tecnológica que existia aquele povo e o de Middletown. Nas telas Kenniston podia observar bilhões de quilômetros através do espaço, como se estivesse olhando uma paisagem natural, pela janela de uma casa do século vinte, inclusive um sol de diamante que, vindo sabe-se lá de onde, espalhava uma luz azul no ambiente. O homem jovem insistiu:

- Varn Allan! Quem é este homem?

- Ele é um dos primitivos da terra, senhor, ela respondeu irritada e, voltando-se para Kenniston: Você não tem direito de estar aqui! Saia, por favor...

- Não, disse Kenniston. Não até dizer o que tenho a dizer.

- Lund, disse Varn Allan, você pode, por favor, chamar os enfermeiros, para levá-lo?

Kenniston também insistiu.

- Não, ele disse.

Lund hesitou. Seus olhos passeavam, divertidos, do punho cerrado de Kenniston à feição séria de Varn Allan.

- Afinal, ele disse, acho que este homem é um cidadão da Federação, agora. Podemos negar-lhe o direito de expressão?

Os olhos azuis de Varn Allan piscavam, nervosamente e, então, ela falou com as imagens na tela.

- Desculpe-me, senhores. Mas talvez isso demonstrará a situação aqui, mais claramente. Eu não tive nenhuma cooperação dos primitivos, e o meu próprio subordinado está, aparentemente, tentando minar a minha autoridade. O homem mais jovem disse, impacientemente:

- Isto não é a ocasião para ouvir as queixas de disputas administrativas!

Kenniston continuava a olhar, admirado, para a tela e para o quarteto no mundo distante de Vega, que parecia ter o destino de Middletown em suas mãos. Ken tentou impressionar o Comitê:

- Vocês são o Comitê Executivo responsável pela ordem de evacuação?

O mais velho respondeu, calmamente.

- Sim, nós somos essa Comissão – e, dirigindo-se a Varn Allan - acho, Allan, que desde que a interrupção foi feita, nós podemos também esclarecer este assunto agora.

Varn Allan encolheu os ombros séria, enquanto Lund continuava sorrindo, sarcástico. Kenniston disse, então:

- Me desculpem, mas não há tempo à perder, pois em poucos minutos meu povo começará a disparar contra a nave e eu não quero que isso aconteça. Não quero mortos para a minha gente e nem para a de vocês.

O velho respondeu:

- Não haverá nenhuma matança. O raio de paralisante, usado em plena potência, pode imobilizar sua população inteira sem prejudicar ninguém.

Kenniston balançou a cabeça, desanimado.

- Isso será apenas um adiamento, pois assim que puderem, eles vão lutar. Isso é o que vocês precisam entender. Enquanto meu povo viver, lutará para ficar na terra!

As palavras de Kenniston conseguiram perturbar os alienígenas e o espicano, de cabelos brancos, lentamente comentou.

- O terráqueo tem razão. O meu povo passou por essa situação há muito tempo atrás e, no entanto, ainda temos grupos inconformados com a mudança e que criam muitos problemas...

Lund aproveitou o momento para atacar Varn Allan, dizendo:

- Esse é um ponto básico na psicologia de massa e que tenho tentado fazer com que Allan entenda.

Varn Allan respondeu, muito irritada:

- Se você tem uma sugestão a fazer, ficarei feliz em ouvir...

- Claro, disse Lund, é impossível permitir que essas pessoas permaneçam na terra. Fazer isso estabeleceria um precedente fatal para outros planetas em declínio, cujas populações devem ser transferidas. Mas minha idéia ...

Lund foi brutalmente interrompido por Kenniston, que gritou:

- O inferno com suas idéias! E, aproximando-se da tela: - Peço para revogarem a ordem de evacuação.

O velho abriu as mãos em um gesto cansado de negação.

- Isso está fora de questão.

- Então, disse Kenniston com dureza, eu apelo para a decisão seja levada ao Conselho de Governadores, em sessão plena!

Surpresos, todos olharam para o terráqueo e Lund arrematou, sorrindo:

- Então o selvagem aprendeu uma pequena lei! - Mas é claro ... Gorr Holl e seus amigos o treinaram.

Varn Allan veio até Kenniston: - Isto é uma perda de tempo, ela disse - O Conselho de Governadores vai emitir a mesma decisão.

- Isso mesmo, disse o homem da tela, de maneira brusca - é apenas um estratagema para ganhar tempo!

- No entanto, disse o espicano, em relação a Kenniston, ligeiramente divertido, sua demanda é perfeitamente legal.

O velho suspirou.

- Sim. Ele olhou para Kenniston. Sou obrigado por lei da Federação, a conceder o direito de recurso. Mas aviso-te, que a administradora Allan tem razão. O Conselho vai ratificar nossa decisão.

- Até que eles façam isso, pressionou Kenniston, eu exijo que vocês retirem da terra, as naves que criaram essa situação crítica.

O velho concordou, com relutância.

- Isso também é uma demanda legítima. As naves serão retiradas, temporariamente, para a Vega. E você irá com eles, já que todos os recursos para o Conselho de Governadores, devem ser feitos pessoalmente.

Em pessoa? O significado dessas duas palavras tão simples, atingiu Kenniston de forma assombrosa, substituindo sua esperança inicial por uma emoção sem fôlego! Algo muito mais pessoal... Essas duas palavras significavam sair da terra! Ele, John Kenniston, indo para o abismo escuro, atravessando a metade do universo estrelado, levando uma esperança desesperada, para um mundo incrivelmente distante e alienígena, para implorar a causa de Middletown à ouvidos estranhos e, com todas as probabilidades, contra ele!

Kenniston sabia, agora, o que Gorr Holl quis dizer, quando falou: "...com seus antecedentes, não será fácil..."

A voz de Varn Allan, claramente, o desafiava.

- Você concorda em ir? Resolva rapidamente. Temos pouco tempo para notificar sua gente, antes que eles comecem a atacar.

A simples menção desse ataque iminente, significava um tumulto sem precedente, na mente de Kenniston. Tratava-se de uma tragédia que precisava ser evitada, a qualquer risco ou custo. Ele respirou fundo e respondeu a Allan.

- Sim, disse ele. Sim, eu vou.

- Nesse caso, administradora Allan - disse o velho - você levará suas naves, no prazo de duas horas. Em seguida, o velho se levantou, assinalando que a reunião estava encerrada - Eu notificarei o Conselho de Governadores.

A tela ficou em branco. Varn Allan olhou para Kenniston e disse:

- É melhor você ir e contar ao seu povo, de uma vez.

Kenniston sabia, quando saiu, que a administradora estava muito brava. Mas Lund parecia, estranhamente, satisfeito.

Com a maior presteza que lhe era possível, Kenniston voltou para a cidade, caminhando em direção ao portal e, a cada passo, ele sentia o peso da responsabilidade assumida, a martelar em sua mente.

- Você estará indo para longe da terra... Você vai entrar em uma nave e essa o levará para as estrelas ... Deus!

A simples lembrança da nave e da viagem que estava por vir, causavam-lhe vertigem. Um sonho dos grandes escritores de ficção científica que, de repente, se tornara realidade para ele... Mas, apesar de tudo, era preciso manter o equilíbrio, pois havia uma população de cinquenta mil terrestres, de outra época, que precisam ser informados da situação e, pior, precisavam compreender o peso da realidade de suas vidas...

Os soldados se encontravam em pé de guerra no portal da cidade e, nervosos, logo apontaram os seus rifles para a figura que, um tanto titubeante, saíra da nave e vinha em sua direção. Mas eles logo reconheceram Kenniston e relaxaram a tensão.

- O que está acontecendo por lá? - gritou um sargento - essas naves vão atacar? São ...

- Onde está o prefeito? - Kenniston o interrompeu.

- Estão todos lá, esperando... respondeu o sargento.

- Kenniston passou por eles, entre as trincheiras meio escavadas, e dirigiu-se para Hubble e a maioria do Conselho, que se agrupavam em torno do prefeito Garris, dentro da cúpula. Eles não estavam gritando agora, mas seus rostos pareciam ansiosos, e Ken sabia que a demonstração do poder do raio paralisante, arrefecera a raiva das pessoas e lhes dera algo com que se preocupar.

O rosto gordo de Garris estava abatido com a tensão também, e ele cumprimentou Kenniston com um olhar, um tanto, desconfiado.

-O que o trouxe de volta? Eu pensei que você ficaria lá, com seus amigos.

Kenniston, se irritou com o sarcasmo do prefeito.

- Pelo amor de Deus, ele grunhiu, eu tenho lutado para salvar seus pescoços. Até concordei em ir para Vega com eles e, no entanto, é esse o tipo de recepção que me dão. Um pouco envergonhado de sua explosão, continuou, nervoso: Ouça-me. Essas naves estão saindo. Eles saem dentro de duas horas, e eu vou com eles, para tentar resolver toda essa questão de evacuação, com o Conselho de Governadores.

Um silêncio constrangedor caiu sobre todos, até que Hubble se pronunciou.

- Bom Deus, Ken, você vai para Vega? Mas isso lhe fará algum bem?

- Eu espero que sim, disse Kenniston, ignorando os outros e falando apenas com Hubble, enquanto explicava rapidamente a situação.

- Então, existe a chance de que eu possa fazer com que eles entendam nosso caso, e deixe-nos em paz.

O prefeito Garris tinha começado a entender, aparentemente. Seu rosto mudou e havia uma expectativa, uma esperança, que se aproximava, também, nos rostos de Borchard, Moretti e dos outros. Kenniston percebeu, então, quão desesperados eles tinham estado, antes da sua vinda.

Os soldados e o povo de Middletown, ainda estavam prontos para combater a evacuação, mas a futilidade de tal luta lhes havia sido esclarecida pelo poder do raio. Eles sabiam que lutar contra os alienígenas seria um fracasso e, agora, a esperança vinha de outro jeito.

- Bem, agora... disse Garris, um pouco inseguro... na verdade, é assim que eu queria as coisas, o tempo todo...

- É melhor que as coisas sejam resolvidas dentro da lei, do debate e de maneira pacífica...

O prefeito interrompeu a sua fala e, segurando a mão de Kenniston, disse:

- Você vai fazer o melhor para nós lá, Kenniston, eu sei disso! Eles não podem ser tão teimosos quanto aquela mulher chata!

Em seguida e quase sem o auxílio do microfone, Garris se virou e gritou para a multidão ansiosa:

- Tudo bem, pessoal. Não haverá qualquer briga no momento. O Sr. Kenniston vai viajar para o lugar de onde essas pessoas vieram e, com a graça de Deus, vai negociar um acordo, que seja interessante nós!

A vermelhidão do rosto do prefeito desapareceu e ele voltou à sua palidez natural, foi quando lhe ocorreu um pensamento político e ele falou a Kenniston:

- Mas se alguém estiver lá para nos representar, talvez como prefeito ...

Kenniston riu, como se o prefeito tivesse feito uma brincadeira.

- O senhor é necessário aqui, Sr. Garris. E, além disso, o senhor não fala o idioma, então não haveria nenhum uso prático, para a sua presença.

- É assim, disse o prefeito, resignado. É claro, que é assim. Sim, de fato. Agora, Kenniston, o que podemos fazer para ajudá-lo? Qualquer coisa ...

- Não, não há nada, disse Kenniston. Eu não tenho muito tempo. Só preciso pegar algumas coisas e dizer adeus a alguém. Hubble, você virá comigo?

Hubble foi e, quando voltaram para a cidade, ouviram o prefeito e as outras pessoas darem gritos de júbilos e desejos de boa sorte na missão. As mesmas pessoas que estavam prestes a entrar em uma luta sem esperança, contra armas que não podiam combater, agora, de repente, não haveria nenhuma briga. As naves estavam indo embora e um deles estava indo junto, para tentar convencer o povo das estrelas de que eles não poderiam tirar as pessoas da terra daquela maneira. Tudo ia dar certo!

Kenniston sussurrou.

- Eu gostaria que eles não fossem tão esperançosos! Isso é apenas um adiamento.

- Quais são nossas chances, Ken? Hubble perguntou.

- Cá entre nós, por Deus Hubble, eu não sei! Estou entrando em uma luta, sobre a qual, ainda não entendo nem a metade. Ken contou a Hubble o que Gorr Holl Ihe havia dito e acrescentou: Gorr e os humanóides estão do nosso lado, mas talvez eles só estejam me usando para seus próprios interesses. De qualquer forma, eu farei o meu melhor.

- Eu sei que você vai, disse Hubble. Gostaria de ir com você ... mas estou muito velho e sou útil aqui. E acrescentou: Vou chamar Carol, enquanto você arruma a mala.

A irrealidade do pesadelo atingiu Kenniston novamente, assim que ele conseguiu reunir as suas necessidades. Era como se preparar para uma corrida, durante a noite, entre Pittsburgh e Chicago, em vez de uma viagem pela galáxia. Não parecia uma coisa real ... O rosto de Carol, quando ela veio, não o ajudou. Não havia alegria na moça, e quando ele a tomou em seus braços e tentou explicar, ela apenas sussurrou: "Não, Ken ... não! Você não pode ir! Você não é como eles ... você vai morrer lá fora!"

- Eu não vou morrer, e talvez possa ajudar a todos, disse ele. Carol, escute ... se eu puder fazer isso, se eu conseguir uma saída para nós, isso será um pouco, diante do mal que o nosso trabalho trouxe para Middletown, não será?

Ela nem sequer o escutava e, procurando o seu rosto dele, com as mãos agarradas a ele, dolorosamente, afirmou de repente:

- Você quer ir!

- Se eu quero ir? Respondeu Kenniston, sim eu quero e preciso ir, mas estou com muito medo! Tudo o que sei sobre essa gente, é o mesmo que você sabe... Como posso confiar neles? Diga-me! Mas, dê-me outra opção... Vamos lutar contra eles, vamos ser imobilizados em segundos e levados, contra a nossa vontade, sabe-se lá para onde? Vamos diga-me!

- Você tem toda razão e reconheço isso. E mais, não há mais ninguém vivo, neste mundo, que seja capaz de fazer o que você vai fazer... respondeu ela, calmamente. Em seguida ela pensou um pouco e, muito séria, olhou para ele como se finalmente, visse claramente uma barreira entre eles - Essa é a diferença entre nós e sempre foi a diferença. Eu só quero as coisas antigas, as maneiras antigas e amadas. Você quer o novo. Você é um cientista, até a raiz dos cabelos!

O tempo estava acabando e uma espécie de desespero tomou conta dele, e isso o fez agarrá-la com uma força masculina, como se fosse possível negar a verdade das coisas que ela dizia.

- Eu vou, para fazer o que puder, para todos nós. Prometo que voltarei o mesmo e você vai me esperar, Carol! Você promete?

Os dois trocaram um beijo terno, mas com um sabor de que ele nunca mais voltaria e de que só restaria a lembrança dos bons momentos, vividos juntos. Quando Ken a deixou, seus olhos brilhavam com lágrimas.

Kenniston e Hubble caminharam em direção ao portal, e agora toda a cidade vibrava com uma nova expectativa e entusiasmo, acreditando que tudo daria certo. Centrado no peso da responsabilidade que estava assumindo, Kenniston mal percebia o brilho de esperança estampado nos rostos das pessoas, que gritavam: "Boa sorte, Sr. Kenniston!" e "Você fala para eles lá, Sr. Kenniston! Você fala para eles!"

Kenniston continuou para fora da cidade abobadada, atravessou a planície, e foi devorado pela barriga negra e estranha da nave Thanis, desaparecendo dentro daquele mundo, milhões de anos à frente da sua capacidade de entender as coisas do Universo!

## CAPÍTULO QUINZE

### MISSÃO PARA A TERRA

Kenniston decidiu que não mostraria medo, pois era o que eles esperavam que fizesse. Eles estavam olhando para ele, com olhares de interesse e expectativa divertida. Mas Kenniston apertou os punhos dentro dos bolsos da jaqueta e resolveu, ferozmente, desapontá-los.

Ele estava com medo, sim. A viagem espacial era uma coisa para ler e conversar muito. Especular sobre o tempo de viagem. A coisa que lhe parecia mais assustadora, era a possibilidade de pousar em outro planeta e pisar em uma superfície plana, a milhões de quilômetros da terra...

Ele ficou de pé, com Gorr Holl e Piers Eglin, na ponte do Thanis, olhando para a frente através das janelas curvas, sentindo um frio na barriga, diante da imensidão do universo.

- Não é do jeito que eu esperava que fosse, disse inseguro. Somente as estrelas à frente ...

Ken lutou contra o impulso de se agarrar a um apoio qualquer. Ele não faria isso, envergonhado, pois alguns alienígenas bronzeados, que estavam próximos, observavam curiosamente.

Um imperceptível zumbido e, às vezes, uma pequena vibração, devida à alguma manobra, eram as únicas evidências de que a nave Thanis estava se movendo.

Diretamente à frente, Kenniston observou uma área escura do espaço, em que estrelas pulsantes, brilhavam como lâmpadas. A luz azul-quente da estrela Vega era a visão central, que se destacava naquele lugar do espaço e, a partir dela, ardiavam as estrelas da Lyra distorcidas no tempo e Aquila, camufladas na parte superior esquerda pelo brilho de muitos sóis, maravilhas da Via Láctea.

Apenas essa seção de céu à frente era clara. O resto do firmamento, que se estendia para trás, era uma visão cada vez mais borrada de luz estelar deformada, cujos raios pareciam se contrair, mexer e dançar.

Gorr Holl fez um movimento com a cabeça, para Kenniston, apontando para o painel de controles, atrás dos quais, haviam quatro homens sentados.

- Você, talvez, não conheça o nosso princípio da propulsão... Trata-se de raios de reação, muitas vezes mais rápidos do que a luz, que empurram a nave contra o pó cósmico do espaço.

Kenniston suspirou.

- Eu me sinto ignorante como uma criança. A possibilidade de tais raios era totalmente insuspeita, nos meus dias, em que as equações de Einstein provaram que, se a matéria se movesse mais rápido do que a luz, ela se expandiria indefinidamente.

Gorr Holl soltou uma risadinha.

- Seu Einstein foi um grande cientista, mas abrimos novos campos de conhecimento desde então, como por exemplo, o controle de massa, que impede essa expansão e outras coisas.

Kenniston não prestava total atenção à Gorr, pois estava inebriado pelo azul claro de Vega, olhando-o arrogantemente, a partir da escuridão do espaço. A visão das estrelas dava ao terráqueo, uma leve idéia da tremenda velocidade em que eles viajavam e suas idéias pareciam pesadelos, que caíam no infinito.

Ken ainda não podia, sequer, sonhar com que tipo de ciência os ocupantes daquela nave lidavam. A começar, de como eles se protegiam dos efeitos das enormes pressões, que eram causadas por acelerações daquele nível. O fato é que eles estavam protegidos, pois a pressão não parecia ser, segundo a ótica de Ken, muito pior do que aquela que se sentia, na terra, em um elevador de qualquer edifício. O pior para o terráqueo era lidar com o medo do desconhecido. Ele pensava na imensidão dos vazios e quase entrava em pânico e, fazendo um grande esforço para não perder o equilíbrio mental, ele apertava os dentes com força, para não gritar.

- Não pense nisso, disse Gorr Holl. Lembre-se de que há uma primeira vez para todos nós! Eu pensei que não iria sobreviver minha própria primeira decolagem. Vamos para a ponte – continuou o capelino, gentilmente - Você vai se sentir melhor.

Então eles foram para a ponte e Kenniston, realmente, se sentiu muito melhor. Ele olhou para o espaço exterior, onde os grandes sóis apareciam com todo o seu esplendor, pois não

havia nem ar e nem nuvem para escondê-los. Diante daquela maravilha, o terráqueo se sentiu orgulhoso, por ser o único do seu tempo, a ter uma oportunidade como aquela.

Ele tentou imaginar as dificuldades que o aguardavam em Vega, onde deveria advogar a causa da pequena Middletown aos Governadores das estrelas. Como ele poderia fazer pessoas que viajavam, normalmente, em naves como a Thanis, entenderem a devoção, apaixonada, que seu povo tinha por um planeta tão insignificante como a terra?

No entanto, se ele não conseguisse fazê-lo, teria falhado com o povo de Middletown, que tinha tanta esperança em sua missão. Era o que ele tinha que pensar... Não no espaço, nem suas sensações sobre isso, mas na tarefa que ele tinha pela frente. Ken olhou para Gorr Holl e disse:

- Já vi o suficiente. Vamos.

Eles deixaram Piers Eglin na ponte e foram, novamente, para baixo. Quando quando eles estavam no corredor principal, sozinhos, Kenniston disse:

- Tudo bem, Gorr. Quero saber quais são as minhas chances.

O grande capelino concordou.

- Vamos nos juntar a Magro e Lal'lor. Eles estão nos esperando.

Gorr conduziu Kenniston ao longo de caminhos e corredores estreitos, até uma cabine, onde havia apenas duas portas e nenhuma janela. Foi um alívio para Kenniston estar em um lugar fechado sem janelas, de modo que não precisasse olhar para o vazio assustador e esmagador do espaço, onde . havia uma emoção selvagem, mas não era o lugar de um homem do século XX.

A enorme forma cinza de Lal'lor estava debruçada sobre uma mesa de trabalho, cheia de folhas de símbolos complicados. Magro, que estava esparramado no beliche, explicou a Kenniston:

- Ele trabalha teoremas por pura diversão e até afirma que sabe o que significam todos esses números.

Os pequenos olhos de Lal'lor cintilaram em seu rosto plano e de pouca expressão. Ele afastou os papéis e disse:

- Sente-se, Kenniston. Devemos ser aliados, agora, bem como amigos.

- Eu desejo, disse Kenniston, que alguém me diga exatamente o que essa aliança significa. Lembrem-se, eu aposto o destino do meu povo pela fé, sem saber quase nada dessa coisa toda.

- Não há nada de sinistro sobre isso, disse Gorr Holl, sentando-se sobre um canto da mesa, que era forte o suficiente para aguentar o seu peso. Como eu disse, todos nós temos o mesmo problema e a solução para esse problema gira em torno de um homem e de um processo - ele fez uma pausa - por um estranho motivo, muito peculiar, Kenniston, você foi trazido para a nossa companhia, em vez da sua própria gente. As raças humanas se espalharam pela terra há tanto tempo e continuaram a se mover e se espalhar, expandindo-se constantemente, que perderam todo o senso de identificação com seu antigo mundo de nascimento, ou de qualquer outro. Quanto a você, as coisas aconteceram diferente, o universo é seu lar e não um simples planeta, como a terra.

Kenniston estava começando a entender isso melhor, a cada minuto que passava. As magnitudes impessoais do espaço, muitas vezes tendem a tirar um homem dos velhos caminhos estreitos do pensamento. Carol estava certa sobre isso.

Gorr Holl continuou.

- Mas nós, das raças humanóides, não temos essa segunda opção. Quando os humanos vieram ao nosso mundo, nós éramos quase todos bárbaros e muito felizes em nossa barbárie. Bem, eles nos civilizaram, e agora somos aceitos como iguais. Mas ainda somos mais primitivos, nos pensamentos, do que eles. Ainda nos apegamos a nossos mundos nativos, e sempre que se torna necessário mover-nos, nós reagimos - assim como seu povo está reagindo agora - embora tenhamos aprendido a ser menos violentos. No final, é claro, sempre aceitamos. Mas, nos últimos anos ficamos mais reacionários, porque nasceu uma esperança ... esse processo de Jon Arnol...

- Bem... - disse Kenniston - Tudo o que sei de Jon Arnol é o nome dele. Qual é exatamente esse processo? Você disse que era um processo para o rejuvenescimento de planetas frios e moribundos?

Lal'lor respondeu:

- O plano de Arnol é o seguinte: iniciar um ciclo de transformação de matéria-energia, semelhante à transformação de hidrogênio-hélio, que dá a energia de um sol - para iniciar um ciclo nuclear, tão intenso, dentro de um planeta frio, capaz de fazê-lo renascer.

Kenniston o encarou, completamente atordoado.

- Mas, ele disse finalmente, isso seria equivalente a criar um forno solar, gigantesco, dentro de um planeta!

- Sim. Uma idéia ousada e brilhante. Isso resolveria o problema de muitos mundos frios e moribundos dentro da Federação - uma vez que, como você sabe, um planeta poderia viver com seu próprio calor interior, por muito tempo após o calor do seu sol primário diminuir.

Ele fez uma pausa.

- Infelizmente, quando Arnol testou seu processo em um pequeno asteróide, os resultados foram desastrosos.

- Desastrosos?

- Muito desastroso. A bomba de energia de Arnol, projetada para iniciar o ciclo dentro desse asteróide, deu errado e causou tremores terríveis. Na verdade, o asteróide foi destruído. Arnol afirma que era porque ele não tinha massa suficiente, para um teste como aquele. Suas equações foram rejeitadas...

Kenniston interrompeu:

- Por que ele não fez outro teste em um planeta maior, então?

- Os Governadores não permitiram isso, disse Lal'lor. Eles disseram que era muito perigoso.

- Mas não poderia testá-lo em um planeta desabitado, sem perigo?

Lal'lor suspirou.

- Você não entende, Kenniston. Os Governadores não querem que o processo de Arnol seja bem-sucedido. Eles não querem que os povos primitivos se apeguem aos seus mundos nativos. Esse é o tipo de patriotismo provincial a que eles se opõem, em seus esforços para estabelecer uma verdadeira comunidade avançada.

Kenniston pensou nisso. Meditou sobre o que tinha visto e ouvido, sobre essa poderosa Federação de Estrelas e, então, disse, lentamente:

- Isso se resume ao fato de que você quer usar o meu mundo, a nossa terra, para testar um esquema que seus governadores, independentemente de seus motivos, já determinaram como perigoso.

Lal'lor assentiu calmamente.

- Sim. Isso resume tudo. Mas se o teste for feito primeiro na terra, ou em algum planeta abandonado qualquer, pouco importa. O objetivo é forçar o Conselho de Governadores a permitir a continuação da pesquisa.

Gorr Holl exclamou:

- Você não vê como tudo se liga? Sozinho, sua súplica para permanecer na terra será recusada, porque você não pode apresentar qualquer alternativa à evacuação. Mas, ao avançar o processo de revitalização do planeta de Jon Arnol, como alternativa, você poderá ajudar tanto a terra como a nós!

Kenniston lutou para compreender a complexidade galáctica do problema.

- Em outras palavras, se pudéssemos persuadir os Governadores a dar a Arnol outra chance, eles atrasariam a evacuação da terra.

- Sim, disse Lal'lor. E se Arnol conseguisse, a terra e todos os mundos semelhantes, em toda a Federação, poderiam ser reaquecidos e tornados habitáveis novamente. Não vale a pena tentar?

- Quando você diz isso, disse Kenniston, sim. Sim, é. Ele estava começando a ter esperança novamente. E você acha isso ... que essa coisa de forno solar pode ser bem-sucedida? De forma segura, eu quero dizer?

- De acordo com todas as evidências matemáticas, sim. Ainda Kenniston hesitou e Gorr Holl completou: A decisão seria de seu povo, Kenniston, e não sua individualmente. Todos



assumiriam o risco, quero dizer. E lembre-se, vocês são uma população pequena, que pode ser retirada bastante facilmente, antes que algum perigo possa, realmente, causar um desastre.

Isso era verdade. Ele não precisava ter medo de arriscar a integridade de seu povo, até porque, ele não tinha poder para fazer isso e, de qualquer maneira, aquilo tudo, poderia acabar sendo uma saída para o problema de Middletown.

- Está de acordo, então? perguntou Lal'lor. Arnol tem sido meu amigo por muitos anos, e posso enviar uma mensagem para ele estar lá, quando chegarmos. Ele pode ajudá-lo a preparar seu pedido.

Kenniston olhou para eles, os três rostos familiares e não-humanos. Era preciso confiar neles, para levar adiante o que dissessem, com confiança. De repente, Ken percebeu que confiava neles.

- Tudo bem, disse Kenniston. Eu acho que qualquer esperança é melhor do que nenhuma.

- Então estamos de acordo, disse Lal'lor em voz baixa.

Kenniston sentiu-se um pouco nervoso, como se tivesse tomado uma grande decisão, algo muito além de sua própria força. Gorr Holl lançou um rápido olhar para ele e disse:

- Você precisa de algo. E acho que sei o que é.

Ele saiu e voltou, em um momento, com um grande balão plano de metal cinza. Gorr mostrou seus grandes dentes, naquele sorriso assustador.

- Felizmente, não sendo tripulação da nave, nós da equipe técnica não somos proibidos de beber. Pegue alguns copos, Magro.

O espicano, de pele branca, trouxe apenas três copos de plástico.

- Nosso sábio Lal'lor prefere estimular-se com equações, ele explicou, enquanto o homem cinza assentiu. Gorr Holl derramou, cuidadosamente, um líquido transparente do frasco.

- Tente isso, Kenniston.

O líquido tinha um sabor extremamente agradável, que pareceu explodir dentro de Kenniston, enviando ondas de calor à ponta dos dedos. Quando ele pode respirar novamente, disse ofegante:

- O que é isso?

Gorr Holl disse:

- É um destilado de fungos encontrados nos mundos de Capela. Desce liso, não é mesmo?

Kenniston, enquanto bebia novamente, sentiu suas preocupações diminuírem um pouco. Ele sentiu-se relaxado, enquanto escutava aqueles filhos de mundos alienígenas conversando. Ele entendia o que estavam falando, agora que conseguira relaxar a tensão.

- As primeiras evacuações foram muito difíceis, Magro comentou, enrolado no beliche como um gato sonolento e com um preguiçoso brilho distante nos olhos. Eu me lembro da minha. Nós fomos levados para um canto das Plêiades, com o nosso poder bélico destruído e contra a nossa vontade. Depois fomos distribuídos por pequenos mundos daquela parte da galáxia e, afinal, isso foi a nossa salvação. Se tivéssemos permanecido em nosso planeta, teríamos sido extintos, certamente...

Gorr Holl comentou:

- Você se lembra daquele acidente na estrela de Algol? Eu perdi bons amigos, então...

Kenniston escutava as conversas de antigas viagens, além das fronteiras estreladas da Federação, de perigos de nebulosas e cometas, além de nuvens cósmicas... Quedas de naves em mundos selvagens... Então, ele lembrou da história terrestre:

- Vamos falar de Magalhães e Drakes. Se vocês circunavegaram a Eclíptica eles, por sua vez, orientando-se pela estrela Polar, fizeram o mesmo com o Cabo Horn.

Lal'lor perguntou interessado:

- Algum homem do seu próprio tempo, chegou a vislumbrar as viagens espaciais?

- Não, disse Kenniston. Do meu tempo não, mas de um século antes do meu tempo. Seu nome era Melville e ele era viajante também, mas viajava nos mares da terra.

Gorr Holl balançou a cabeça.

- Que dias devem ter sido aqueles, com apenas os oceanos de um pequeno planeta, para se aventurar...

- No entanto, houve aventura suficiente nisso, disse Kenniston. O Atlântico em uma tempestade de outono, o Golfo em uma noite de luz de luar ...

Uma nostalgia tomou conta de Kenniston. Uma assustadora saudade de uma terra perdida para sempre. O cheiro de folhas queimando em noites frias de outono, ou um campo de trevo debaixo o sol de verão, os céus azuis e as colinas verdes, as montanhas nevadas e as aldeias sonolentas, as cidades antigas e as estradas entre elas... por tudo o que se passou, essas coisas nunca mais poderiam ser vistas novamente. Isso o entristecia e mesmo para o que a terra ainda era, o velho e moribundo planeta, pelo menos ainda existia a memória do mundo que ele conhecia, além das pessoas que o conheciam. Carol estava certa, os velhos caminhos e os velhos amigos eram os melhores! O que ele estava fazendo aqui, nessas imensidões alienígenas?

Kenniston viu que os outros estavam olhando para ele, com olhares estranhamente compreensivos em seus rostos, aqueles rostos alienígenas e, no entanto, familiares e amigáveis.

- Me dê outra bebida, disse ele.

Não ajudou nada, pois a saudade só aumentou. Kenniston achou por bem deixá-los e recolher-se à sua própria cabine. Ken desligou as luzes da cabine e abriu o dispositivo que fazia o papel de cortina, na janela. O abismo negro e estrelado se abriu, diante de seus olhos, até o infinito. Sentou-se à beira do beliche e olhou fixamente, maravilhado com aquela imensidão desumana, e começou a meditar sobre sua missão desesperada. Alguém estava batendo à sua porta. Ele se levantou e abriu, e a luz no corredor lhe mostrou que a visitante era Varn Allan.

## CAPÍTULO DEZESSEIS

### EM VEGA

Ela olhou rapidamente para a sala escura, e então voltou-se para ele, com um ar de complacência e perguntou:

- Posso entrar?

Ele se afastou, procurando o interruptor, mas ela disse:

- Não, não. Eu também gosto da penumbra, para olhar o espaço.

Ela pegou a cadeira junto à janela e sentou-se, permanecendo por alguns instantes em silêncio e olhando para fora, enquanto parecia que a escuridão do infinito tocava seu rosto.

Kenniston percebeu que seu sentimento de hostilidade contra a mulher dos olhos azuis, fora amainado um pouco e esperou que ela falasse. Ela sentou-se, quase rígida, mostrando-se uma pequena figura, muito agradável à vista de um homem, usando casaco e calças, mas apresentando inegáveis linhas de cansaço e tensão em seu rosto bonito. Ela se virou e olhou para ele, com olhos azuis pensativos e, intuitivamente, Ken desconfiou que Varn Allan queria lhe dizer algo, mas não sabia como começar. Será que ela também estava preocupada com o destino de Middletown?

Olhando para aquela importante autoridade da grande Federação das Estrelas, Kenniston via, apenas, a menina que se escondia por trás da poderosa mulher. Finalmente, ela entrou no assunto.

- Eu vim dizer-lhe ... devido à natureza urgente deste caso, o Conselho de Governadores nos concedeu duas horas, no dia seguinte à nossa chegada à Vega...

- Duas horas! exclamou Kenniston. Não me parece muito tempo, para se decidir o destino de um mundo.

- Os Governadores têm os problemas de meia galáxia para decidir. Eles não podem dar mais tempo do que isso, para qualquer um. Então, prepare seu caso cuidadosamente. Não haverá uma segunda audiência.

Kenniston sentia que Allan não havia vindo, apenas para lhe dizer isso, e esperou, forçando-a a falar. O terráqueo percebeu que a tensão e o cansaço da Administradora eram iguais aos seus.

Finalmente, com relutância, Varn Allan disse:

- Como Sub Administrador do setor, Norden Lund terá o direito de falar sobre esse problema, para os Governadores.

Kenniston não sabia disso, embora não fizesse diferença para ele.

- Pode ser uma grande diferença para você e para o seu povo, advertiu ela.

- De que maneira?

- Lund é ambicioso – respondeu Varn Allan - Ele quer ser um Administrador, e mais tarde, um Governador - talvez até o Presidente. Suas aspirações são ilimitadas.

Agora, Kenniston começou a entender um pouco.

- Em outras palavras, como Gorr Holl disse, Lund está atrás do seu posto.

- Sim. Seria um passo importante para ele. E para dar esse passo, ele cometeria, com muita alegria, uma injustiça. Varn Allan inclinou-se para a frente. Ele vê no problema da terra uma oportunidade inigualável para avançar. A oportunidade inédita com esse caso de tempo no passado criou, para ele, um tremendo interesse por você. Além do mais, muitos mundos estarão assistindo à próxima audiência.

Com sua seriedade peculiar, ela levantou-se e ficou de pé diante dele, falando cuidadosamente e escolhendo as palavras, para fazê-lo entender.

- Se Lund puder dominar esta audiência, se ele puder oferecer algumas provas ocasionais, de que eu tentei manipular o problema da terra e que ele tinha razão... Bem, ele não hesitará em destruir os interesses de vocês, para me prejudicar.

Kenniston tinha certeza de haver entendido a situação, mas não permitiu que seus sentimentos se mostrassem no rosto ou na voz, quando perguntou:

- Então você teme que Lund jogue sujo nessa audiência, não é mesmo?

Varn Allan assentiu, com sinceridade.

- Sim ... Eu sei que ele tem algo em mente. Ele tem me tratado de um jeito muito triunfante, desde que partimos. Mas o que é, eu não sei. Ela olhou para Kenniston com preocupação e perguntou: Você sabe? Há algo sobre o seu povo ou sobre este problema da terra, que Lund poderia usar na audiência?

Kenniston levantou-se, olhou para ela e, então, começou a rir. De uma maneira suave, primeiramente, e depois mais alto - um riso amargo e irritado, que expulsou todo o ressentimento que ele sentiu desde o início. Varn Allan olhou para ele, assustada e sem compreender.

- Isso, disse ele, é realmente cômico. Você vem à terra, representando a lei da Federação, como a senhorita toda poderosa, olhando-nos como se fossemos um monte de ovelhas... Nos ordena isso e aquilo. Acha difícil, até mesmo, falar com os pobres primitivos... E então, de repente, quando seu próprio trabalho precioso está em perigo, você vem correndo para mim e pede ajuda!

O rosto de Varn Allan ficou branco, de incrédulo. Os olhos azuis começaram a brilhar com força e toda a sua figura ficou rígida. Kenniston disse-lhe com brutalidade:

- E você sabe o que? Não me importa quem será o administrador, você ou Lund! Nenhum dos dois faz o meu tipo... Se ele pode tomar o seu cargo e se isso vai dar mais poder para ele – para mim, não faz nenhuma diferença!

Kenniston percebeu, olhando para a palidez da administradora, que suas palavras tiveram um forte efeito e que, afinal de contas, a oficial competente e brilhante, também tinha emoções, como qualquer outra mulher e que ele tinha chegado ao caminho do coração dela.

- Então você pensa assim... Varn Allan suspirou. Então, você acha que eu imploro sua ajuda, para salvar minha posição?

Sua voz se ergueu, então, impulsionada por uma raiva que parecia quase mais do que sua pequena figura poderia conter. Era como se ele tivesse tocado uma fonte, que lançasse uma paixão quente e inesperada.

- Minha posição ... meu ranking oficial! Você acha que eu sou como Lund e que o poder de dar ordens, é um prazer para mim? O que você, um primitivo, saberia de uma tradição de serviço para a Federação? Você acha que eu queria essa carreira? Para seguir a tradição familiar, eu gastei anos de estudo, quando outras meninas estavam dançando e brincando... Você acha que a minha idéia de uma vida feliz é essa? A prisão de cabines em naves espaciais e missões em mundos hostis? Você acha que tudo isso é tão caro para mim, que eu iria implorar ajuda a um primitivo, só para manter a minha posição?

Ela sufocou sua própria indignação e virou-se para a porta. Kenniston, assustado com essa explosão violenta, obedeceu a um impulso repentino e pegou seu braço.

- Espere! Não vá. Eu...

Ela olhou para ele com os olhos ardentes e respondeu:

- Deixe-me ir ou vou chamar um segurança.

Kenniston não a soltou e disse embaraçado:

- Não, espere. Eu estava fora de mim. Desculpe...

Era verdade. Ele estava envergonhado de si mesmo e não sabia, exatamente, por que se sentia assim, mas algo dentro dele, o incomodava terrivelmente. Ken odiava a injustiça e, naquele momento, sentiu-se um injusto.

Varn Allan olhou para ele, com os olhos que ainda estavam cheios de raiva, mas depois de um momento, ela se afastou da porta.

- Vamos esquecer isso, disse ríspidamente. Eu tenho culpa disso tudo, por falar, emocionalmente como ...

- Como um primitivo. Kenniston terminou por ela, que acrescentou:

- Exatamente. Como um primitivo!

Kenniston riu. Sua hostilidade por ela e pelo seu tipo orgulhoso e arrogante, poderia até continuar, mas ele havia perdido aquele complexo de inferioridade, que tanto o incomodara, desde que a conheceu. Tudo mudou, quando a oficial altiva e competente da Federação, revelou-se como uma garota triste e solitária.

- Não, não, eu não estava rindo de você, disse Ken apressadamente. Diga-me agora, por que você achou necessário criar esse negócio de Lund comigo?

- Foi para salvar minha posição, disse ela amargamente. Foi porque tive medo de perdê-los, de...

- Oh, tudo bem, já pedi desculpas por isso, disse ele com impaciência. Cristo, mas vocês são sensíveis!

Por um momento, Varn Allan ficou em silêncio. Então, ela disse:

- Você acha que não vai fazer diferença, para você, se Lund ou eu falamos na audiência, que somos ambos contra o seu povo... Você está enganado, Kenniston.

- Você e ele, são ambos a favor de evacuar-nos da terra, lembrou Ken, então, qual é a diferença?

- Há uma grande diferença, disse ela com sinceridade. Talvez eu tenha cometido erros ao lidar com seu povo, mas o meu desejo foi realizar uma evacuação suave e pacífica. Lund gostaria de lidar dramaticamente com este problema da terra, isto é, com o uso da força.

- Com o uso da força? Kenniston endureceu. Eu disse a vocês o que isso significaria. Se vocês tentassem a força!

- Eu sei, e acredito em você o suficiente para querer resolver este problema de evacuação, pacificamente, mesmo que isso envolva atrasos. Essa é a minha ideia do dever de um administrador. Mas Lund é diferente, devido ao seu passado estranho, e devido ao fato de que este caso da terra concentra toda uma longa controvérsia sobre a evacuação de mundos, todos os olhos estarão nesta audiência, e ele usará isso para avançar na carreira, independentemente de quais eventos desastrosos possam ser desencadeados na terra.

A lógica da mulher era clara, o suficiente, para mostrar a Kenniston o que esperar de Lund e haviam todos os motivos para muita preocupação. Mas o que Lund poderia falar sobre o problema da terra e que seria uma surpresa? Ele queria saber. Varn Allan sacudiu a cabeça.

- Eu não sei. Pensei que talvez você pudesse saber. Ele tem algo, tenho certeza.

- Não sei de nada mesmo. Mas talvez Gorr e os outros possam ter alguma idéia. Vou tentar descobrir – respondeu Kenniston, levemente agitado.

Ken olhou para Varn Allan e, qualquer que fosse o seu sentimento sobre ela, tinha que admitir que estava convencido de sua sinceridade. Ela tinha um real apego ao dever e, embora suas idéias de justiça, talvez, não fossem iguais, não significava que a administradora fosse injusta.

Ele disse, então:

- Obrigado por me dizer isso. E novamente... Desculpe-me por ter sido grosseiro.

Ela respondeu com sobriedade:

- Eu sei que você está sob pressão, devido a essa viagem e à ansiedade. Mas... Não deixe Gorr e os outros incentivá-lo a esperar demais. A evacuação em si, não pode ser evitada. O que me preocupa é o jeito como a coisa será feita. E acrescentou, com repentino cansaço: Gostaria de ser uma menina da sua Middletown, que nunca deixou o mundo dela e para quem, as estrelas eram apenas luzes no céu.

Ele balançou a cabeça.

- Você ainda teria suas preocupações, acredite. Carol, agora mesmo, está mais chateada do que nunca.

- Carol? Essa seria a garota que vi com você?

Ele assentiu.

- Sim. É a minha noiva. Ela foi criada naquela nossa antiga cidade. Escola, piqueniques, festas, que roupa vestir e, então de repente - bang! Ela está aqui neste futuro louco, e talvez nem seja permitido continuar terra!

Varn Allan respondeu, com um sorriso amargo:

- Quão estranho deve ser, ter crescido em um pequeno planeta, ter vivido aquela rotina minúscula e circunscrita. De certa forma, eu a invejo. E sinto muito por ela.

Ela se virou para sair, e Kenniston estendeu a mão.

- Sem ressentimentos, então?

Ela ficou por um instante completamente intrigada com seu gesto, depois entendeu e, sorrindo, colocou sua mão embaraçosamente na dele. Mas logo a retirou, apressadamente, e saiu.

Kenniston olhou amigavelmente para ela. Sua hostilidade tinha desaparecido e, embora soubesse que ela estaria lá, depondo contra ele na questão da evacuação, que achava tão necessária, isso não o preocupava tanto, como o assunto Norden Lund.

Quanto mais ele pensava em Lund, mais se preocupava. Finalmente, Ken resolveu ir à cabine de Gorr Holl e conversar com o grande capelino. Gorr Holl ficou logo chateado.

- Isso é ruim. Lund poderia causar problemas, se ele tiver algo. Mas, o que poderia ser?

- Eu pensei que talvez você soubesse.

- Não sei de nada, afirmou o capelino. Aguarde um minuto ... Piers Eglin tem estado um pouco com Lund, ultimamente. Talvez ele saiba de algo.

Kenniston levantou-se.

- Piers sempre quer falar comigo sobre a cidade velha. Se ele souber alguma coisa, talvez me diga.

Mas foi só no dia seguinte - o estranho dia artificial da nave espacial - que Ken teve a chance de falar com o pequeno historiador e o terráqueo, então, perguntou a Eglin sem rodeios:

- Você sabe o que Lund esconde na manga, para a audiência?

A pergunta pegou Piers Eglin de surpresa. Ele desviou o olhar, com uma expressão cançada e murmurou:

- Por que você me pergunta? O que eu poderia saber?

Kenniston olhou para ele.

- Você mente mal, Piers. O que você sabe?

Eglin começou a balbuciar, quase incoerentemente.

- Kenniston, ouça ... você não deve me envolver em seus problemas! Eu gosto de você e eu gostaria de poder ajudá-lo ... mas eu sou um historiador, e isto é a minha vida. Sua antiga cidade na terra é como um sonho e, para salvá-la, faria qualquer coisa. Qualquer coisa!

- De que diabos você está falando? Kenniston se exasperou. O que Middletown tem a ver com isso?

O pequeno historiador disse febrilmente:

- Você não entende a sua importância. Vocês do passado irão morrer, mas essa cidade incrível pode ser preservada para sempre, o maior dos tesouros históricos. Posso preservá-lo, mantê-lo para estudo futuro, se eu tiver apoio oficial...

Uma luz surgiu em Kenniston.

- E Norden Lund vai te dar esse apoio? Em troca do que? O que você fez para ajudá-lo?

Eglin sacudiu a cabeça com tristeza.

- Não posso dizer nada. Honestamente, não posso.

Eglin estava quase com lágrimas, quando foi embora, enquanto Kenniston ficou profundamente perturbado.

Ken contou a Gorr Holl e aos outros, a sua conversa com o historiador. Magro pareceu desconcertado.

- Mas o que Piers pode fazer para ajudar Lund? Não entendi.

- Talvez ele tenha ouvido algumas pessoas fazendo ameaças, lá em Middletown... Sei lá... comentou Kenniston, meio perdido.

Gorr Holl balançou a cabeça.

- Apenas boato não valeria muito. E de qualquer forma, Piers não estava perto de seu povo, muito depois daqueles primeiros momentos - ele passou todo o seu tempo na cidade velha.

Lal'lor disse lentamente:

- Eu não gosto disso. Tente descobrir o que Piers fez, Kenniston.

Ken percebeu que nos dias seguintes Piers Eglin, definitivamente, o estava evitando. Ele nem viu o pequeno historiador, novamente, até terem entrado no sistema de Vega.

Kenniston ficou sentado por horas, naquele dia, na sala da ponte do Thanis, olhando incrédulo o sistema solar alienígena, que se moldava fora do vazio, os planetas girando em curvas majestosas, através do brilhante círculo da luz de Vega.

A nave se dirigia para o quarto planeta do sistema e Kenniston viu o globo planetário saltar para encontrá-los, e novamente ele sentiu a pressão, magicamente, controlada. Enquanto a nave se lançava vertiginosamente para baixo, Ken foi tomado por um medo absurdo, de que iriam bater contra o solo.

Ele vislumbrou uma vasta paisagem, cujas cores dominantes eram bastante antigas. Montanhas altas e negras apareciam além de amplas planícies azuladas. Então, a nave veloz varreu uma grande extensão de amarelo vívido - um oceano dourado que desviou o brilho de Vega de forma cegante. E depois uma cidade. Um continente branco e imponente e uma cidade que, mesmo vista da estratosfera, era suficiente para tirar o fôlego de Kenniston. Havia um enorme aeroporto de nave espacial, onde o Thanis aterrou suavemente. Vega. Ele estava aqui. E quase não podia acreditar, nem mesmo agora.

Gorr Holl desabotoou as tiras de segurança. O capelino estava quase tão tenso, quanto o próprio Kenniston.

- Jon Arnol deve estar aqui esperando por nós, disse Gorr rapidamente. Seu laboratório fica do outro lado deste planeta. Vamos até lá, Kenniston!

Jon Arnol? Kenniston quase se esqueceu dele, na emoção desta fabulosa chegada. No tremendo fascínio de estar aqui, achou difícil manter sua mente focada. Tudo em sua cabeça girava, porque ele estava aqui.

Kenniston desembarcou com Gorr Holl, em um grande vestíbulo dentro do aeroporto. Tudo era novidade para Ken. A bela luz, de um sol azul, atingia o chão metálico, um ar estranho, carregado de aromas fracos e diferentes, entrava nas narinas. Lund e Varn Allan estavam lá, e a mulher disse-lhe:

- Suas acomodações ficam no Centro do Governo. Eu posso levá-lo até lá.

Gorr Holl, olhando para um homem escuro e magro que se apressava em direção ao Thanis, disse apressadamente:

- Não, você não precisa se incomodar. Vamos levar Kenniston aos seus aposentos.

O homem magro e escuro estava subindo as escadas, em direção ao vestíbulo era, talvez, uns dez anos mais velho do que Kenniston, com um rosto desgastado e os olhos de um sonhador, além das mãos instáveis de um homem que está trabalhando sob grande pressão.

Varn Allan viu o homem e disse:

- Eu vejo Jon Arnol. Achei que era isso que você tinha em mente. Mas não terá sucesso, Gorr.

- Talvez seja desta vez, retrucou o capelino.

Norden Lund, olhou para Arnol quando entrou, riu e, sem dizer nada, saiu. Varn Allan parecia querer falar com Kenniston, mas não o fez e falou apenas com Gorr.

- Então você é responsável por ele estar no tribunal amanhã, Gorr.

Kenniston, sentiu-se preocupado com ela e desejou que Lund não tivesse sorrido, de forma tão presunçosa, como o fez. Aquele sujeito era irritante. Arnol acabara de chegar até eles e estava saudando Lal'lor, como um velho amigo e, também, sorrindo para Magro e Gorr Holl. Seu sorriso e seus movimentos, eram rápidos e bem coordenados, como se os nervos tensos do corpo agissem independentemente do cérebro.

- Eu acho que temos uma chance desta vez, Lal'lor! Ele disse, ansiosamente.

Por Deus, completou Gorr, eu acho que nós fazemos! Este negócio da terra pode ser apenas a chance que esperamos, a chance de enfiar o projeto de Arnol pelas gargantas deles, gostem ou não! É um lance de sorte! Este é Kenniston, da terra.

Jon Arnol ficou um pouco envergonhado quando se virou para Kenniston.

- Me desculpe, se eu pareci egoísta. Eu sei que você teve seu próprio problema terrível. Mas se você soubesse quanto tempo tenho esperado por uma oportunidade... Eu sou um cientista. Nada é mais importante para mim do que o meu trabalho, mas a realização de toda a minha vida tem sido retida pelos políticos.

Gorr Holl interrompeu.

- Agora escute, este não é um bom lugar para conversar! Vamos ao Centro do Governo. Podemos conversar nos aposentos de Kenniston e temos bastante planejamento para fazer, antes de amanhã!

Kenniston desceu a escadaria com eles e, por um momento, todo o problema da Terra parecia incrivelmente longe. Ele estava em um mundo alienígena, sob um sol estranho, e ao seu redor existia toda uma movimentação típica de um aeroporto estelar, onde grandes naves vinham de diversos pontos da galáxia. De alguma forma, ele percebia a realidade desse comércio incrível, que fazia parte de sistemas de sóis, os mais distantes. Naves que trilhavam rotas brilhantes, entre as nebulosas e as constelações, aportando mundos sem nome, à distâncias além da imaginação. Algo nele levantou-se em um misto de admiração e orgulho, lembrando que os homens da terra haviam viajado pelos mares desconhecidos, e agora faziam parte desse progresso inacreditável.

Jon Arnol tinha um carro à espera, um carro que apresentava uma pequena relação com aqueles que Kenniston conhecia, exceto que se elevava do chão. Era elegante e baixo, e Ken sabia que deveria ser muito rápido, mas a velocidade parecia ser controlada ao longo da incrível rede de rampas, estradas e pontes elevadoras, que atravessavam a cidade. Eles foram rápido, mas não tão rápido que não fosse possível apreciar a vista da cidade.

Ken apreciou a visão da cidade. A esplêndida luz azul da coloração de Vega, o fazia sentir-se como um bárbaro ignorante, a descer das colinas da Babilônia. Era mais uma nação do que uma cidade, muito grande e impressionante para se compreender de imediato. Já o anoitecer estava se acumulando em seus caminhos profundos, luzes suaves brilhavam e o trânsito e a multidão fluíam, como o murmúrios de uma brisa amena. Enquanto isso, os outros falavam, ansiosamente, sobre a audiência do dia seguinte e sobre a grande chance, por tanto tempo esperada.

Kenniston olhou para as ruas cheias e brilhantes, os milhares de estranhos, que seguiram seus caminhos. Aquele lugar parecia o centro da galáxia, a capital de mil mundos. Homens, mulheres e humanóides, roupas de seda e peles peludas, além de costas encolhidas com asas. Vozes humanas e não humanas, música alienígena, que mexia com os nervos e muitas naves no céu, voando pelo profundo crepúsculo.

Ken ouviu a voz de Gorr, como se viesse de muito longe, a falar com ele. Gorr queria lhe mostrar uma série de edifícios, que se erguiam como cordilheiras brancas, com seus topos raspando o céu. Veio à sua mente que aquele seria o Centro de Governo, o lugar que seria o seu destino, o lugar onde ele deveria se levantar sozinho e falar pela terra distante, para esses estranhos das estrelas.



## CAPÍTULO 17

### JULGAMENTO DAS ESTRELAS

Kenniston apertou as mãos, sob uma mesa de plástico, brilhante, tentando manter a sanidade.

Isso tudo é real, dizia para si mesmo, quase com ferocidade. Isto está acontecendo, e não estou louco. Eu sou John Kenniston. Há apenas algumas semanas eu estava em Middletown. Agora estou em um lugar chamado Palácio Vega. Eu ainda sou John Kenniston. Somente o mundo mudou.

Mas ele sabia que não era assim. Ele sabia que o Palácio Vega e o anfiteatro de mármore, em que se sentava eram apenas sombras em um terrível pesadelo, do qual ele não conseguia acordar.

Inseguro, ele olhou para cima. A assistência chegava e sentava-se em silêncio, passando a observá-lo, curiosos, com milhares de olhos esmagadores, humanos e desumanos, alguns apenas curiosos e outros profissionais.

Os anfitriões da Federação das Estrelas, O Conselho de Governadores, estavam em sessão plenária. Incontáveis representante de lugares distantes, tão distantes quanto algumas galáxias. Para eles, Ken deveria parecer algo, um tanto quanto irreal. Pareceria impossível para eles, que estivessem diante de um homem, que vinha de um passado distante e esquecido.

A voz ponderada de Varn Allan invadiu seus pensamentos. Ela estava terminando o relatório sobre Middletown.

- Esta é uma situação complexa. Ao procurar uma solução para o caso, eu pediria que vocês se lembrassem de que essas pessoas, são um caso especial, para o qual não há precedentes. Na minha opinião, eles têm direito a uma consideração especial. Portanto, a minha recomendação é a seguinte: que a evacuação proposta seja adiada temporariamente, até que essas pessoas possam ser condicionadas, psicologicamente, à idéia de uma mudança tão radical. Esse condicionamento, na minha opinião, permitiria que a evacuação possa ser realizada sem dificuldades.

Ela olhou para Norden Lund, que se sentara ao seu lado na mesa da administração.

- Talvez o Sub-Administrador Lund tenha algo a ser adicionado a esse relatório.

Lund sorriu.

- Não. Eu reservarei o meu direito de falar, até mais tarde. Seus olhos tinham um brilho de vitória antecipada.

Houve um momento de silêncio. E Kenniston podia ouvir a sua própria respiração, além de leve ruído, causado pela movimentação da assembléia super educada e civilizada.

O porta-voz do Conselho, um homem baixo, que estava sentado à uma mesa próxima das autoridades, se levantou e disse:

- O Conselho de Governadores reconhece Kenniston, do Sol Três.

Isso significava que era a sua vez de falar e que os governantes da galáxia, estavam prontos para ouvi-lo.

Seu povo também estava esperando. Seu povo esperava no crepúsculo de um lugar frio, que era chamado agora de Sol Três, porque a terra é o terceiro planeta de um sol, que já foi amarelo, quando na força da sua juventude. Seu pequeno mundo, cujo antigo nome era terra, tinha sido quase esquecido nestes salões de governo galático. Os moinhos, as donas de casa, os ricos e os pobres, o povo de Middletown, tudo parecia ser parte de um romance irreal, uma vez que a realidade era, agora, uma reunião a milhões de anos luz da terra.

Varn Allan olhou para ele e sorriu. Ken respirou fundo e se forçou a falar. Forçou as palavras a saírem, tão firmes quanto possível, dos estreitos corredores escuros do medo.

- Nós não pedimos para entrar em seu tempo. Tendo vindo, estamos sob a lei da Federação, e não desafiamos sua autoridade como tal. Nós não queremos causar problemas. Nosso problema é psicológico ...

Kenniston tentou explicar aos homens da Federação, algo sobre o que a vida tinha sido antes da manhã fatídica de junho. Ele tentou fazê-los entender como seu povo era tão ligado ao seu mundo e por que, de forma humilde, tanto lutavam por seu espaço na terra.

- Eu entendo os problemas tecnológicos de apoiar a vida, em um mundo como o nosso. Mas nós conhecemos privações e sofrimentos antes. Não temos medo deles. E acreditamos que, com o tempo, podemos resolver esses problemas.

- Nós nem pedimos ajuda a vocês, embora sejamos agradecidos por isso. Tudo o que pedimos é que nos deixem sozinhos, para que resolvamos os nossos problemas, à nossa maneira.

Ken se calou. O silêncio e milhares de olhos observando, caíram sobre ele, com um peso esmagador. Kenniston lutou por uma última palavra. Havia tanto que ele deixara de dizer - tanto que nunca poderia ser colocado em palavras... Como falar da história da raça dos homens, o orgulho e a tristeza desde o seu início? Finalmente ele completou:

A Terra é a mãe que nos acalanta. Não podemos deixá-la morrer!

Estava feito. Para o bem ou para o mal, estava feito e acabado. Jon Arnol inclinou-se para onde ele se sentou, ao seu lado na mesa.

- Magnífico! Ele sussurrou... E novamente: Magnífico!

O porta-voz perguntou:

- É através da aplicação das teorias de Jon Arnol, que você deseja trazer a vida ao Sol Três?

Antes que Kenniston pudesse responder, o próprio Arnol gritou:

- Nesse ponto, peço permissão para falar!

O porta-voz consentiu e Arnol levantou-se. A energia feroz que o conduzia, não poderia ficar contida por muito tempo em uma cadeira. Ele pareceu enfrentar toda a Junta de Governadores ao mesmo tempo, virando seu olhar escuro e desafiador sobre eles.

- Vocês me negaram outra chance de testar meu processo - apesar do fato de que nenhum cientista respeitável possa desafiar minhas equações. Vocês me negaram essa chance, por considerações políticas, que são conhecidas por todos aqui. As mesmas considerações que, deliberadamente, fez meu primeiro teste falhar, escolhendo para ele um mundo muito pequeno para a explosão de energia, que foi lançada em seu núcleo! Mas a terra não é um mundo pequeno demais para este caso... A experiência terá sucesso, lá. Eu peço que vocês deixem isso ser feito! Lembrem-se, este processo irá resolver, não só o problema imediato, aqui colocado ante vocês, mas também todos os futuros problemas dos mundos moribundos. Vocês acham que a evacuação, a transferência de populações, é uma solução melhor, mas vocês não podem continuar mudando as populações para sempre!

Ele fez uma pausa. Então sua voz soou severamente.

- Vocês também não podem, por uma filosofia política preconcebida, reter o progresso científico para sempre. Eu digo que vocês não têm o direito de negar aos povos da Federação, o bem incalculável que este processo pode trazer. E, portanto, peço permissão para provar meu processo, usando o planeta Sol Três como objetivo!

Jon Arnol se sentou. Houve muitos sussurros nas fileiras dos Governadores e uma enorme movimentação de cabeças. Kenniston olhou com preocupação para eles. Impossível definir...

- Eu acho, Jon Arnol sussurrou, que nós conseguimos!

O porta-voz levantou o martelo, prestes a sinalizar o início da votação, quando Norden Lund interrompeu:

- Eu agora reivindico meu direito de falar.

Foi concedido. E Kenniston sentiu seu coração parar de bater, quando a voz de Lund soou pelo anfiteatro.

- Há um fato sobre esse chamado povo de Middletown, que não foi mencionado - um fato que minha superiora nem sequer descobriu! Um fato que foi aprendido com os registros, guardados em sua própria cidade velha. Registros esses decifrados pelo especialista linguístico e histórico de nosso grupo.

Kenniston ficou tenso. Então estava chegando agora, seja lá o que for que Lund tivesse descoberto, através de Piers Eglin.

- Foi-lhes dito que estes habitantes de Middletown são um povo amável e inofensivo. Foi-lhes pedido para desculpá-los, dar-lhes indulgências especiais e ignorar suas pequenas violências. E por que? Porque são criaturas patéticas, vítimas inocentes de uma aberração galáctica, que os lançou muito à frente do tempo, em um fenômeno inexplicável... O rosto de Lund se endureceu e sua voz trovejou, com ira.

- Não foi uma espécie de fenômeno natural que os trouxe para o nosso tempo. Foi um ato de guerra!

Ele fez uma pausa, para que todos entendessem isso. Kenniston viu o rosto de Varn Allan. Ela estava olhando para Lund com espanto. Lund continuou.

- Deixem Kenniston negar isso, se ele puder! Foi a explosão de uma bomba atômica hostil, que rompeu o *continuum* e atirou sua cidade através do espaço-tempo. Essas pessoas são as crianças da guerra, nascidas e criadas em uma era de guerras. Lund deu e respirada e continuou:

- Considerem a violência da máfia, as ameaças feitas contra os funcionários da Federação, a recusa em aceitar uma autoridade pacífica. Considerem que, neste momento, essas pessoas bondosas de Middletown, estão preparadas para a guerra, suas trincheiras cavadas, suas armas no local, prontas para disparar na primeira nave de federação que pousar!

A voz de Lund caiu para um nível mais baixo e mais tenso.

- Eu aviso que essas pessoas estão apodrecidas com a praga da guerra. Durante séculos, nós da Federação, lutamos para encontrar a libertação da guerra, e a encontramos. A galáxia ficou limpa dessa doença hedionda que, agora, reaparece com essa gente, e nós... os defensores da lei da Federação - estamos vacilando diante de uma demonstração de força, simplesmente, primitiva e hedionda!

Kenniston ficou de pé e Jon Arnol agarrou-o, forçando-o a se sentar. Varn Allan inclinou-se sobre a mesa, dizendo a ele em um tom desesperado:

- Não Kenniston! Mantenha a paciência!

O porta-voz perguntou a Lund:

- Qual é a sua recomendação ao Conselho de Governadores?

Lund sussurrou:

- Mostrem a essas pessoas que não podem afastar a autoridade pacífica, com uma ameaça de guerra. Removam-nas, o mais rápido possível, para um mundo isolado nas fronteiras da galáxia - um mundo tão remoto, que não possam infectar o pensamento civilizado da Federação, com sua filosofia de brutalidades!

Kenniston se afastou do alcance de Arnol e caminhou até Lund. Pegou-o pela frente da jaqueta e inclinou-se sobre ele, com um rosto tão branco de raiva, que Lund se assustou.

- Quem é você, berrou Kenniston, para nos julgar?

As palavras sufocaram em sua garganta. Ken empurrou Lund para trás, com violência, e se virou para os Governadores.

- Sim, nós lutamos e temos nossas guerras! Nós lutamos porque tínhamos que fazê-lo, para que o pensamento, o progresso e a liberdade pudessem viver em nosso mundo. Vocês nos devem por isso! Vocês nos devem pelos homens que morreram, para que um dia pudesse existir uma Federação das Estrelas. Vocês também nos devem o poder atômico. Podemos ter abusado disso - mas é a força que construiu sua civilização, e nós a demos a vocês! Pensem nessas coisas, vocês homens do futuro! Vocês vieram da terra e toda a sua civilização está enraizada em nosso sangue. Vocês vivem em paz, porque nós morremos em guerras. Lembrem-se disso, quando vocês se sentarem em julgamento sobre o passado! Ken ficou em silêncio, então, tremendo, e Varn Allan veio até ele e o levou de volta para a cadeira. Lund estava de pé e disse:

- Eu deixarei as próprias ações de Kenniston como meu argumento final. Lund se sentou e o porta-voz tirou o martelo. Kenniston sentiu o peso da dúvida invadir sua alma, a raiva e o medo, temendo ouvir as palavras de julgamento, que ele sabia que viriam.

- É decisão final do Conselho de Governadores, que a população do Sol Três seja evacuada, de acordo com a ordem oficial já pendente. Nenhuma experiência com o processo Arnol, em uma escala planetária, pode ser considerada segura neste momento. É o desejo dos Governadores que as pessoas do Sol Três sejam assimiladas, de forma pacífica, na Federação.

Espera-se que sua atitude, no futuro, seja tal que torne possível isso. Se não for assim, então deveremos mostrar a eles a inutilidade da resistência armada. A audiência está concluída

Kenniston percebeu que Arnol estava dizendo para ele se levantar. Ele se levantou e saiu do anfiteatro com os outros, mas ainda ouviu a voz de Varn Allan falando amargamente com Norden Lund.

Nada foi claro, para Ken, depois disso, até ele voltar para seus aposentos e Gorr Holl lhe oferecer uma bebida. Magro e Lal'lor esperaram o veredicto. Varn Allan ainda estava com eles e Arnol.

- Desculpe, Kenniston, disse Varn, e ele sabia que ela era sincera. Ele balançou sua cabeça.

- Foi minha culpa. Se eu não tivesse perdido a paciência ...

- Não se culpe, Kenniston. Perdoe-me, mas Lund disse apenas a verdade ... Por que você, ou alguém do seu povo, não me disse nada, sobre essas coisas? Você estava, mesmo, envolvido com a guerra, no seu próprio tempo?

Ele balançou a cabeça.

- Nós não estávamos envolvidos em nenhuma guerra. A bomba que nos lançou fora do nosso próprio tempo, veio em tempo de paz! Tudo o que se seguiu, nunca soubemos, porque não estávamos lá!

Ela caminhou no quarto, franzindo a testa e depois disse:

- Vou tentar prolongar a ordem de evacuação o maior tempo possível. Isso pode suavizar, um pouco, o golpe para o seu povo. Eu costumava influenciar os Coordenadores - Agora eu não sei. Lund me abalou bastante.

Kenniston percebeu que este dia, também, foi um dia de derrota para ela, e que fora uma derrota injusta. Mas ele estava muito envolvido em seu próprio desespero, para pensar sobre isso. Foi sua vez de dizer:

- Me desculpe.

Ela sorriu e virou-se para ir, mas antes, parou e colocou a mão no ombro de Kenniston e disse:

- Não torne isso muito difícil. Ninguém poderia ter feito um trabalho melhor do que você fez.

Ela se foi e os homens permaneceram.

- Bem, disse Gorr Holl, foi uma boa tentativa. Eu voto por uma bebida.

Magro respondeu:

- Será uma novidade amarga para o nosso povo, Gorr. Eles começavam a ter esperança. O capelino concordou.

- Eu sei disso...

Gorr ofereceu um copo para Jon Arnol, que estava sentado olhando para a parede.

- Creia, disse ele, seu processo terá de ser testado algum dia. Mais cedo ou mais tarde, eles vão ter de aceitar...

Arnol respondeu:

- Talvez. Mas isso não faz bem o seu povo - todos os povos humanóides, que apoiaram e financiaram meu trabalho, colocaram suas esperanças nisso e eu estou decepcionando todo mundo...

- O inferno que você está! disse Gorr.

Kenniston pensava em seu povo, lá na terra, esperando ansiosamente por seu retorno.

Pensava em Carol, e disse devagar:

- Não posso voltar. Não posso encará-los e dizer-lhes que falhei.

- Eles vão superar isso, disse Gorr Holl, numa tentativa de ser reconfortante. Afinal, ir a um mundo estranho não é um choque tão grande como ser lançado no tempo. E eles suportaram isso.

- Isso aconteceu sem que eles soubessem o que estava acontecendo, disse Kenniston, isso faz a diferença. Além do mais, eles ainda estavam em um lugar familiar. Não. Eles não se acostumarão com isso. Eles vão lutar contra a deportação. Ken abriu as mãos em um gesto desanimado - Isso é o que não posso fazer com que ninguém, nem mesmo você, entenda! Eles

pertencem à terra. É como uma extensão de si mesmos. Eles arriscarão qualquer perigo, desafio ou ameaça, para ficar na terra!

Seu olhar encontrou o rosto amargo de Jon Arnol, distraído e desapontado com a situação. O pulso de Kenniston deu um súbito salto e ele disse abruptamente:

- Qualquer perigo, qualquer ameaça ... Sim, pelo céu! - De repente, ele foi abalado por uma esperança terrível e desesperada. Ele se levantou e atravessou a sala, até Jon Arnol.

- Você disse que tem um pequeno cruzador de estrelas e equipe técnica própria?

Arnol confirmou.

- Sim. Está tudo pronto e equipado para partir, acrescentou amargamente, enviei-lhes uma mensagem na noite passada, para preparar tudo, que iríamos para a terra. Tive a certeza de que a nossa chance havia chegado.

Kenniston perguntou novamente:

- Diga-me, Arnol. Você realmente acredita no seu processo?

Arnol levantou-se. Seus olhos de repente ficaram quentes e ele pareceu entender o homem do Terra.

Kenniston insistiu:

- Você acredita nisso o suficiente, para desafiar uma ordem do Conselho?

Arnol enrijeceu e, após um breve momento, ele disse:

- Explique isso, Kenniston.

Kenniston explicou. Tremendo bastante, com a intensidade de sua idéia, ele falou. E, gradualmente, os olhos de Arnol assumiram um brilho febril.

Ele, então, murmurou.

- Poderia ser feito rapidamente, lá na terra. Os antigos poços de calor eliminariam a necessidade de cavar, para instalar o material..

Mas, então, ele sacudiu a cabeça, com uma espécie de medo:

- Não! Isso significaria a minha demissão do Colégio dos Cientistas, exílio pelo resto da minha vida. Não posso fazer isso, Kenniston.

- Você trabalhou e esperou por muitos anos, Kenniston lembrou-o cruelmente. Algum dia você morrerá esperando e seu processo será esquecido... E perdido. Eu não vou mais insistir... mas, aqui está a sua chance, se você quiser tomar. Sua chance de experimentar seu processo de rejuvenescimento do planeta terra!

Ken esperou em silêncio. Gorr Holl e os outros assistiram. Os olhos do capelino brilhavam.

Arnol colocou a cabeça entre as mãos e sussurrou.

- Eu não posso, não posso! E ainda - eles nunca darão permissão... eu sei. O trabalho de toda a minha vida desperdiçado...

Kenniston ficou observando, enquanto Jon Arnol sofria, dividido entre o desejo e o medo. Ele se esforçava para tomar uma decisão e, finalmente, disse:

- Nós teríamos que deixar a sua gente decidir, Kenniston. Eles devem concordar em aceitar o risco.

- Eu os conheço, e sei que eles concordarão! Kenniston exclamou. E se eles concordarem?

Tenso e suando, Arnol respondeu.

- Se eles estiverem dispostos, eu vou fazer!

Uma grande excitação tomou conta de Kenniston. Uma chance - uma última chance, afinal! Ele olhou para Gorr Holl, Magro, Lal'lor e perguntou:

- Vocês estão conosco nisso?

Gorr Holl soltou uma gargalhada.

- Se estamos com você? Nós humanóides lutamos há muito tempo nesta guerra. Você acha que vamos abandonar agora?

Os olhos de gato de Magro brilhavam, concordando com tudo.

Jon Arnol disse com entusiasmo:

- Minha nave está estacionada no Porto do Sul, perto daqui. Não demorará para chegar ao meu laboratório na montanha.

Lal'lor completou: - "Eu também ..." – Mas Gorr Holl disse-lhe:

- Você, homem cinza, deve ficar aqui e cobrir-nos. Diga que levamos Kenniston para conhecer o lugar.

O espicano suspirou.

- Tudo bem, Gorr. Mas ... tente ter cuidado. Todos vocês.

Eles deixaram o apartamento e meia hora depois, a nave de Arnol estava cortando a noite, no caminho do outro lado da estrela Vega.

## CAPÍTULO DEZOITO

### O RETORNO FATÍDICO

Outra noite chegou. Sob as estrelas brilhantes e desconhecidas para Kenniston, os picos das montanhas daquele planeta distante e a atividade febril no pequeno planalto, onde se encontrava estacionada a nave particular de Jon Arnol. As luzes se acenderam, iluminando o pequeno grupo de edifícios longos e baixos, o pátio de abastecimento com o seu guindaste e a massa de metal de um pequeno cruzador de estrelas que, pelo aspecto, demonstrava ser bastante usado.

Uma ampla escotilha permitia a entrada, pelo casco da nave. Kenniston e seus três companheiros estavam embarcando, cuidadosamente, uma coisa maciça e negra, de formato ovóide, que era transportada em dispositivo com rodas.

- Você não precisa se preocupar - não há perigo de detoná-lo, enquanto não for eletroafundado, disse Jon Arnol de forma tranqüilizadora.

- Ouça, se esta bomba de energia pode mudar um planeta inteiro, eu a estou tratando com muito respeito! - brincou Gorr Holl.

Kenniston sentiu a irrealidade de sua situação. O esquema inteiro parecia-lhe louco e desconhecido. Essa grande massa negra, que ele tocara com sua mão - como poderia mudar o futuro de um mundo? Ele tentou combater essas dúvidas. Os cientistas desse universo dos últimos dias, mestres de um conhecimento muito além do seu, haviam afirmado a solidez da teoria de Arnol e isso deveria ser o suficiente e, além do mais, já era tarde demais para perguntas.

Todos estavam mortos de cansados. Eles haviam trabalhado sem descanso durante todo o dia, ajudando Arnol e sua equipe técnica a carregar os suprimentos e equipamentos, incompreensíveis, necessários para o experimento. A pequena nave estelar era o escritório de Arnol e já o tinha levado em muitas viagens de pesquisa em toda a galáxia. Os jovens ansiosos da tripulação, que trabalharam e sonharam ao lado de Arnol durante tanto tempo, não fizeram perguntas. Se eles adivinharam ou não, o que sua missão deveria ser, Kenniston não tinha como saber. O piloto-chefe dirigiu-se a Arnol, e disse as palavras assustadoras, porém tão esperadas:

- A nave está cheia e pronta para decolar, quando quiser.

- Assim que acabarem, disse Arnol. Ele olhou para Kenniston e para os outros, com um sorriso cansado e triunfante. Em cerca de vinte minutos, estaremos a caminho.

Foi então que Kenniston viu o movimento de uma nave, desenhando uma distante curva de fogo ao longo do céu e vindo em direção ao planalto.

Os outros também viram, é claro. Eles esperaram, enquanto a equipe técnica trabalhava rapidamente, e Kenniston disse:

- Deve ser Lal'lor, com uma mensagem!

- Sim, disse Arnol. Ninguém mais poderia saber que estávamos aqui.

No entanto, inquietação cresceu quando eles observaram a nave pousar. Kenniston pensou desesperadamente:

- Ninguém poderia saber! Não teríamos sido seguidos!

Todos se dirigiram, apressados, para a nave e Kenniston acompanhou o grupo. Ele se viu, de repente, correndo com os outros, através da superfície plana do campo de pouso e foi quando saiu da nave a figura corpulenta de um homem. Não era Lal'lor. Era um personagem que ele nunca tinha visto - um homem corpulento, com cabelos grisálhos e um olhar de autoridade no rosto quadrado.

Atrás do estranho veio Varn Allan, e com ela, rosto brilhando de triunfo, vinha Norden Lund. Kenniston parou, com o coração afundando em frio desespero. O recém-chegado estava de pé, examinando com olhos assustados e incrédulos, a agitada atividade ao redor da nave de Arnol.

- Eu não teria pensado que isto fosse possível! Disse ele, ofegante.

- Lund, você estava certo. Eles iriam fazer sem permissão.

Lund completou triunfante:

- Sim, senhor. Eu suspeitei. E foi por isso que os segui. Você pode ver por si mesmo. E completou para Kenniston e os outros:

- Deixem-me apresentar a vocês o nosso visitante. Este é o Coordenador Mathis.

Varn Allan ainda estava de pé e olhando para eles, com o rosto chocado e incrédulo, no brilho branco das luzes de trabalho. Parecia que ela não podia acreditar no que via.

- Eu não acreditei, disse ela, falando com Kenniston lentamente. Quando o Coordenador me informou sobre o que Lund havia lhe dito, que você estava fazendo. Recusei-me a acreditar e vim com ele, para provar que ele estava errado.

Ela fez uma pausa e seus olhos azuis ficaram muito sérios, concentrados em Kenniston.

- Mas eu estava errada. Você é um bárbaro completo e sem respeito pela lei. Estou começando a pensar que o melhor para seu povo, será mesmo ser evacuado para um planeta incipiente, mais de acordo com o estado evolutivo de vocês!

Mathis, o Coordenador, estava olhando severamente para Jon Arnol.

- Você foi muito longe desta vez, Arnol. Você conhece a penalidade por quebrar a lei da Federação, mesmo que este Kenniston ainda não tenha aprendido.

- Prisão, disse Lund tranquilamente. Prisão e exílio para todos eles. Espero, senhor, que se lembrará que fui eu quem expôs esse enredo criminal, depois que a minha superiora mostrou uma simpatia aberta para com os criminosos.

- Eu vou lembrar disso, disse Mathis com autoridade. Agora contate o Vega Center, para denunciarmos o que acontece por aqui.

Lund virou-se para voltar à nave que o trouxera. Kenniston sabia que lá, ele entraria em contato instantâneo com o Centro do Governo. Então, Kenniston deu vazão a todo o seu instinto primitivo de conservação e atacou Lund. Ele avançou decidido, agarrou Lund pelo ombro, obrigando-o a se voltar e aplicou-lhe um murro no maxilar, derrubando-o.

Mathis recuou, horrorizado pela violência. Varn Allan correu em direção a Kenniston, enquanto Lund tentava se levantar.

- Pare, Kenniston! - ela o ordenou. Você não está no seu mundo bárbaro agora. Você não pode ...

Ela não teve chance de terminar. Lund levantou-se rapidamente, tirando uma pequena arma de vidro do bolso. Ele havia previsto as reações de Kenniston o suficiente para vir armado.

A imagem peluda de Gorr Holl apareceu atrás do Sub-Administrador. Sua enorme mão segurou o braço armado de Lund e, em seguida, o levantou no ar, como uma criança. Seus dedos poderosos apertaram e Lund deixou cair a arma de vidro.

- Me deixa ir! gritou Lund, ofegante. Eu ordeno a você ...

- Você poderia ter matado alguém - Gorr Holl estremeceu e sacudiu Lund agitado. Você não tem ordens para mim, pequeno homem!

Ele olhou em volta, ainda segurando Lund.

- E agora? Disse Mathis - ...eu exijo em nome da Federação ...

Como ninguém prestava atenção em suas palavras, ele se calou.

Arnol interveio e dirigindo a Kenniston, ele disse:

- Nós já estamos sujeitos a penalidades pelo que fizemos. Prisão e exílio. Eles não podem fazer muito mais do que isso e já passamos por isso antes. Você ainda está no jogo?

- Sim! Kenniston olhou para Varn Allan e Mathis e disse com pesar:

- Sinto muito, mas vocês dois vieram na hora errada e agora terão que ir conosco... e quanto a você, Lund, também não podemos deixá-lo para dar o alarme.

Os olhos dos dois inimigos se encontraram com frieza.

- Isso não vai ficar assim. Nosso desaparecimento e o seu, será notado muito em breve.

Arnol se virou para seus homens e disse:

- Vocês não são responsáveis por meus planos e ainda não estão sob nenhuma penalidade. Portanto, vocês podem decidir, agora, se vão ou não comigo.

O Piloto Chefe deu um passo à frente. Ele era um jovem alto com um sorriso imprudente e olhos, que não eram dados para mostrar medo.

- Eu conduzi esta banheira por toda a galáxia, e por muitas vezes, para sair agora, disse ele. Não sei sobre os outros meninos, mas eu vou.



Os outros, técnicos e tripulantes, gritaram em concordância.

- Trabalhamos duro e esperamos muito tempo por esta chance! Estamos com você, Arnol!

Os olhos escuros de Arnol se impregnaram de uma névoa, que era muito parecida com lágrimas de gratidão. Então sua voz soou alto, com a força do líder.

- Prepare-se para a decolagem! As naves do governo cairão sobre nós, assim que derem pela ausência do Coordenador, de Varn Allan e de Lund!

Os homens começaram a correr em direção ao cruzador. Kenniston foi com eles, procurando ficar perto de Varn Allan e com Gorr Holl vindo logo depois, trazendo Lund à força e se fazendo surdo aos seus protestos. Magro trouxe Mathis, que pálido, nada falou e nem resistiu.

As escotilhas foram fechadas. As válvulas de escape fecharam-se no lugar. Ao seguir Arnol, ao longo de uma passagem estreita, Kenniston ficou ciente da confusão em que se transformou a nave. Luzes de advertência piscavam e em algum lugar, no fundo das entranhas do cruzador, a maquinaria levantou para a vida, ajustando-se a um zumbido constante.

Arnol abriu a porta de um confortável aposento e pediu que Varn Allan entrasse

- Acho que esse é o mais confortável, Allan. Você entenderá se nós fecharmos a porta.

Ela entrou sem dizer uma palavra. Lund e Mathis foram empurrados para a cabine oposta, o primeiro ainda fazendo ameaças. Arnol olhou as luzes de advertência.

- Tudo pronto, disse ele. Vamos.

No cruzador, Kenniston sentou-se aturdido, sentindo o efeito dos últimos segundos, tensos, dos preparativos e mais o cansaço do trabalho acelerado. Então uma campainha tocou e, rápida, a pequena nave subiu para o infinito. Pouco se percebia da tremenda aceleração, que era maior do a da nave Thanis. Kenniston já se sentia como se fosse um veterano em viagens estelares e, agora, o destino era a terra! A velha terra...

Como em um sonho, Kenniston viu o planeta em que estavam desaparecer na distância, em questão de segundos. Mas isso era só o começo, pois a nave ainda estava na fase de aceleração e somente entraria em velocidade cruzeiro, quando já estivesse afastada alguns milhões de quilômetros do planeta. Era tudo uma questão de segurança. E, então, veio a escuridão infinita do espaço vazio, recheado de ponto brilhantes, que eram estrelas distantes. A impressão que Kenniston tinha era de que eles estavam estáticos, mas o cientista da terra sabia que estavam a uma velocidade muitas vezes superior a da luz!

A voz de Gorr Holl soou gentil:

- Ken, teremos algum tempo de viagem e não há nada a se fazer, enquanto isso. Aproveite esse tempo para se recuperar. Vá dormir, homem!

O grande capelino o conduziu até um aposento disponível e Ken, finalmente, relaxou e dormiu, acordando horas depois, ainda cansado da tensão dos últimos dias. Ele olhou para fora. O cruzador estava, agora, em um espaço profundo, em busca da terra. Ken se dirigiu para a ponte, onde encontrou Magro e o Piloto Chefe.

- Eu tenho tentado operar com aparelhos de dissimulação, disse o spicano. Por enquanto eles ainda não sabem onde estamos. Mas, será apenas uma questão de tempo até nos encontrarem.

- Sim, respondeu o piloto, e as naves de controle estarão atrás de nós como cães. Não teremos muito tempo na terra.

Kenniston ficou em silêncio. Então ele perguntou:

- Onde está Arnol?

- Você vai encontrá-lo no compartimento da bomba.

Kenniston atravessou uma série de escadas, em busca de Arnol e quando chegou ao compartimento da bomba, sentiu novamente aquela sensação de dúvida, olhando para aquela bomba escura. Até o presente momento, a rapidez dos acontecimentos tinha desviado a sua atenção da bomba, mas agora, parecia fantástico que ele deveria colocar as esperanças das últimas pessoas da terra, nessa coisa negra, que só tinha sido testada uma vez, e esse teste terminou desastrosamente ... Mas Jon Arnol sentou-se na luz fraca e sorriu, um sorriso feliz e pacífico.

- Eu tenho admirado a minha obra, Kenniston. Isso parece bobo, não é? Mas eu coloquei a maior parte da minha vida nessa coisa e esperei - quanto tempo eu esperei! E agora, em mais algum tempo ...

Seu olhar se voltou, com carinho, para a bomba preta metálica e em forma de ovo, encaixada em seu suporte. Era o sonho do cientista. Um poder capaz de reviver a terra...

- Essa bomba, realmente, pode recarregar o calor do interior da terra? Como? – as palavras saíram da boca de Kenniston, quase sem contrôle, devido ao nervosismo.

Arnol respondeu, pacientemente.

- Posso imaginar o quanto você há de se sentir incomodado com a incerteza e, creia, teria grande prazer em lhe explicar minhas equações. Mas como posso, sem primeiro ensinar-lhe tudo o que as idades trouxeram em termos de novas ciências? E prosseguiu: - Mas, apesar de ser um cientista primitivo, em relação à ciência atual, você é um cientista. Vou tentar fazer você entender o princípio, pelo menos. Você sabe que a maioria dos solos deriva sua energia de uma reação nuclear, que muda quatro átomos de hidrogênio para um átomo de hélio, por uma série de transmutações envolvendo carbono e nitrogênio. Certo?

Kenniston balançou a cabeça, em sinal de concordância.

- Sim, esse ciclo de carbono-nitrogênio foi descoberto no meu tempo. Os cientistas o chamaram de Phoenix Solar. A pequena fração de peso atômico, que sobra após o ciclo, é a fonte da radiação solar.

- Exatamente, disse Arnol. O que você não sabe, é que os cientistas das idades seguintes, desde então, conseguiram desencadear reações cíclicas similares em outros elementos mais pesados. Essa é a chave do meu processo. A maioria dos planetas, como sua terra, têm um núcleo central de ferro e níquel. Em nosso tempo, uma transformação de ferro em níquel, em reação cíclica foi alcançada no laboratório, liberando energia. Perguntei-me: em vez de em um laboratório, por que não começar essa reação, no núcleo de um planeta?

- A idéia seria reproduzir a reação solar básica, dentro desse planeta? Perguntou Kenniston, com incredulidade.

- Na verdade, o ciclo do ferro-níquel não produz uma radiação tão fantástica como o seu Solar Phoenix, corrigiu Arnol. Contudo, criaria um forno solar gigante dentro de um planeta e elevaria a temperatura da superfície desse mundo em muitos graus.

Kenniston se interessou, vivamente, pela experiência.

- Não haveria o perigo de que a reação nuclear atravessasse a superfície?

- Não pode explodir, explicou Arnol. O ciclo só pode alimentar o níquel e o ferro, enquanto que a esfera externa maciça de silício e alumínio, ao redor do núcleo, deverá conter a reação para sempre - e acrescentou: - é por isso que a bomba de energia, que desencadeia a reação, deve ser detonada no núcleo. E é por isso que podemos iniciar rapidamente o processo em sua terra - porque os antigos poços de calor fornecem acesso ao núcleo profundo, sem a necessidade serem elaborados exames preliminares.

Kenniston concordou, pois a teoria lhe pareceu suficientemente sólida.

- Mas quando você testou antes - ele completou - o planeta foi quase destruído por terremotos, que foram causados pela convulsão no núcleo.

- Planetóide, disse Arnol com cansaço. Não planeta. Não expliquei isso o suficiente? A massa era pequena demais para sustentar a explosão. Arnol ficou, de repente, irritado. Eu fui muito tolo, quando concordei em realizar o teste naquele planetóide... Mas eu repito, Kenniston, que sei o que estou fazendo. Todo o Colégio da Ciência não conseguiu encontrar falhas em minhas equações e você terá concordar com eles.

- Sim, disse Kenniston. Sim, eu tenho de concordar.

Mas quando deixou Arnol, Ken ainda se encontrava bastante apreensivo. Essa criação artificial de um forno solar no coração de um planeta, era tão monstruoso para sua mente, como a confecção do fogo deve ter sido para o primeiro homem. E se, por sua fé em Jon Arnol, ele acabasse destruindo a terra, em vez de ajudá-la? Uma decisão ficou clara em sua mente: Se houvesse a possibilidade de que a superfície da terra pudesse ser assolada por terremotos destrutivos, ninguém deveria permanecer para a detonação da bomba, a não ser por sua própria vontade.

De repente, com um estranho sentimento de culpa, ele pensou em Varn Allan. Ela, Lund e Mathis, passageiros naquela aventura, contra as suas vontades, deveriam ter a chance de se proteger, caso as coisas dessem errado e ele desejava lhes dar essa certeza, pelo menos.

As portas das cabines tinham um simples bloqueio de combinação, e os números haviam sido entregues em todas as mãos, para um caso de necessidade. Kenniston abriu a cabine de Varn Allan e entrou.

Ela estava sentada, um pouco triste, a contemplar a imensidão do espaço, do lado de fora da nave. Pelo aspecto de cansaço, no rosto da mulher, Ken observou que ela não dormira.

Varn Allan se levantou e virou-se para ele, desafiadoramente.

- Você recuperou o bom senso e abandonou este projeto criminoso? disse ela, muito séria.

- Nada disso, respondeu Ken, eu vim apenas dizer-lhe que você, Lund e Mathis poderão deixar a terra, antes de começar a experiência.

- Você acha que estou preocupada com a minha própria segurança? - gritou Varn Allan. São os milhares de pessoas que você está ameaçando, por esse desafio louco da lei da Federação.

- Para o diabo com a lei da Federação, respondeu ele, grosseiramente.

Os olhos dela faiscaram.

- Você aprenderá pela força. As naves de controle estarão na terra, antes que vocês possam fazer isso.

Exasperado, ele agarrou os ombros da mulher, de maneira brutal e, então, aconteceu o totalmente inesperado. Varn Allan começou a chorar. A ira de Kenniston desapareceu, como que por encanto. Ela que sempre parecia tão auto-suficiente... era perturbador vê-la em lágrimas!

Após um breve momento, ele acariciou amavelmente o ombro da moça.

- Desculpe, Varn. Eu sei que você estava tentando me ajudar lá no Vega Center. E deve parecer-lhe que eu sou ingrato. Mas não sou! Apenas eu tenho que tentar, ou serei obrigado a ver as pessoas de Middletown, no desespero, tentando lutar contra sua Federação.

Varn Allan para ele, com os olhos molhados e murmurou:

- Estou me comportando como uma idiota emocional.

Kenniston a encarou, com as mãos ainda em seus ombros. Ela o empurrou de volta e parecia evitar seus olhos, enquanto dizia:

- Eu sei que você é sincero, Kenniston. Mas também sei que isso é errado, que você não pode desafiar, com sucesso, o poder de todas as estrelas.

Kenniston estava estranhamente deprimido, quando a deixou. Ainda tentou não pensar nisso - tentou não se lembrar do toque dela, tentou não reconhecer a emoção sufocante, que havia invadido sua alma.

- Isso é apenas uma loucura, murmurou para si mesmo. E há Carol ...

Kenniston decidiu que não mais a procuraria novamente, em todas as horas e dias, que o pequeno cruzador varreu, à toda a velocidade, o vazio galáctico. Ele estava, de alguma forma, com medo de vê-la mais uma vez.

A tensão crescia em Kenniston, à medida que a fraca luz vermelha do sol terrestre se aproximava. Quando o cruzador assumiu a velocidade de desaceleração, após os planetas externos sem vida, ele olhou para frente, em direção à velha terra.

- Nós deveremos trabalhar rápido, uma vez que estivermos lá. Jon Arnol comentava com seus técnicos. Ele também demonstrava tensão. - Logo as naves da Federação deverão estar a caminho daqui, para tentar nos impedir.

Kenniston não respondeu. Aquela dúvida fria era uma sombra, que crescia em sua mente, à medida que ele observava o fragmento cinza da velha terra crescer à sua frente.

Seu povo estava lá, esperando. O que ele estava trazendo para eles e seu planeta moribundo? Uma nova vida ou, definitivamente, a morte da velha terra e a evacuação compulsória da população?

## CAPÍTULO DEZENOVE

### DECISÃO DE MIDDLETOWN

Com os nervos à flor da pele, Kenniston atravessou o pó e a desolação da planície, em direção à brilhante cúpula de Nova Middletown. Arnol e Gorr Holl estavam com ele. O vento frio era como ele se lembrava, e mais o sol vermelho e fraco.

- Perfeito! sussurrou Arnol. Perfeito! Um mundo como eu sonhei para um teste!

- Aqui estão eles, disse Gorr Holl, apontando para o portal.

Os vigias armados reconheceram Kenniston e o grande capelino. Logo a notícia se espalhou e o portal se encheu de gente, para recebê-los. Em poucos minutos a multidão estava ao redor deles, gritando e atropelando-os, em sua excitação. Ken logo visualizou os velhos rostos conhecidos - Bud Martin, Joh Borzak, Lauber e a figura imponente de McLain, que se dirigiu a ele.

- O que aconteceu lá, Kenniston? Qual foi o veredito? Eles vão nos deixar em nossa velha terra?

Kenniston levantou a voz e gritou com a multidão:

- Todos para a praça! Chamem todo mundo. Vou explicar tudo sobre lá! A praça! A praça!

Alguns começaram a correr de volta para a cidade, para levar a notícia pelas ruas. Outros queriam abraçar Gorr Holl, felizes por vê-lo de volta. Todos olhavam curiosamente para Jon Arnol, querendo saber quem ele era, mas Kenniston sacudia a cabeça, pois tudo seria dito na praça, que era não ficar repetindo a mesma história, para um e para outro.

Ken procurou o rosto de Carol na multidão, pois ansiava vê-la mas, no entanto, em algum lugar de sua mente, havia uma estranha reticência em revê-la, encará-la, e ele não conseguia entender o que estava acontecendo. Carol não estava lá e Ken sabia que seria assim, pois ele mesmo, sempre lhe recomendava que evitasse a multidão excitada, por uma questão de segurança.

O prefeito Garris se aproximou dele no portal, antes de Hubble e do Conselho da Cidade.

- Você falou as coisas para eles, Kenniston? Disse ele. Você os fez entender a nossa situação?

Kenniston respondeu:

- Eu gostaria de fazer meu relatório na praça, onde todos podem ouvir.

O prefeito lançou-lhe um olhar preocupado, meio assustado, e recuou. Kenniston pegou na mão de Hubble:

- Eu tenho que falar com você, Hubble, disse ele. Eu fiz algo, e não sei ...

Ele falou em voz alta para o cientista mais velho, enquanto eles atravessavam as ruas. A reação de Hubble foi a mesma coisa que a de Kenniston teve, quando ouviu o assunto pela primeira vez. Ele recuou e disse:

- Bom Deus, Ken! Você é louco ... é muito perigoso ...

Mas quando ele ouviu mais, sua preocupação mudou para uma atenção grave e, em seguida, um interesse científico.

- No entanto, parece lógico, por todos os princípios de nossa própria ciência física. Hubble olhou para Jon Arnol. Se eu pudesse falar com ele, mais claramente...

- Isso não seria bom, disse Kenniston com um sorriso amargo. Essa é a parte terrível da coisa toda... A ciência deles está a um milhão de anos além de nós.

Hubble virou-se para Gorr Holl. Ele tinha trabalhado ao lado do grande capelino peludo. Conhecia-o e confiava em sua habilidade como técnico atômico. Confiante, ele perguntou ao capelino:

- O processo de Arnol vai funcionar?

Gorr Holl respondeu simplesmente:

- Eu acredito nisso o suficiente para arriscar minha vida, ajudando-o a tentar.

Kenniston traduziu isso e Hubble pareceu tranquilizar-se.

- Parece uma ótima jogada, Ken... Acho que vale a pena tentar.

Kenniston subiu os degraus do prédio que funcionava como Câmara Municipal e se dirigiu ao microfone. Diante dele estavam reunidos milhares de cidadãos - um caleidoscópio de rostos ansiosos, animados, aguardando...

Este era o momento que ele temia - o momento que pensou, inúmeras vezes, que não poderia suportar. Era mais difícil do que imaginara, dizer as palavras que deveria dizer... Não havia uma maneira de gentil de contar aquela história impressionante... Então ele disse, quase brutalmente:

- A decisão que eles tomaram não foi a que nós queríamos! Eles resolveram que vão realizar a evacuação... Como já era de se esperar, a multidão explodiu em gritos de revolta, gritos de "vamos lutar" e coisas assim. O prefeito Garris expressou a reação apaixonada de todos, em Middletown.

- Nós não vamos deixar a Terra! E se eles querem comprar uma briga, eles conseguiram! Kenniston ergueu as mãos, pedindo silêncio.

- Esperem! Gritou no microfone. Ouçam! Vocês podem não ter que ir, e vocês pode não ter que lutar. Existe uma chance ...

Kenniston, então falou, o tão simples quanto foi possível, sobre a idéia experimento proposto por Jon Arnol.

- A Terra ficaria quente novamente - talvez não tão quente como antes, mas quente o suficiente para que você pudesse viver aqui, confortavelmente, para sempre.

Houve um longo silêncio. Ken sabia que o conceito era grande demais, para que pudesse ser entendido imediatamente. Mas eles estavam tentando entender. Estavam tentando comparar a idéia com algo familiar, uma vez que era quase impossível para um terráqueo de 1950, entender uma escala planetária, no nível em que se discutia ali. Eles procuravam por um significado pessoal, que pudessem comparar para entender.

Finalmente, John Borzak, um homem corpulento, grisalho e que passara toda a vida nos moinhos, deu um passo à frente e disse:

- Quer dizer, Sr. Kenniston que, talvez, possamos voltar para Middletown?

- Sim. Foi a resposta sêca de Ken.

Uma voz se levantou tão alta, que abalou as paredes dos prédios.

- Voltar para Middletown! Vocês ouviram isso? Podemos voltar para Middletown!

Kenniston se sentiu tocado pela simplicidade daquelas pessoas. Para eles, qualquer coisa que fosse feita com o planeta, significava principalmente uma coisa - a possibilidade de retornar à pequena cidade, monótona, além das colinas. A cidade onde ainda estavam as suas casas. O cientista fez um gesto para eles, novamente, pedindo silêncio.

- Eu tenho que avisá-los! Esse experimento nunca foi tentado em um mundo como a terra. É possível que ele possa falhar. Se assim for, a superfície da terra poderá ser destruída por terremotos.

Eles fizeram uma pausa. Kenniston viu a sombra do medo atravessar seus rostos e viu, também, como eles se voltaram a conversar. Sacudiram as cabeças e olharam, ansiosamente, para frente e para trás. Finalmente, uma voz se fez ouvir:

- O que você e o Dr. Hubble pensam? Vocês são cientistas. Qual o seu conselho?

Kenniston hesitou. Então ele disse devagar:

- Se eu estivesse sozinho na Terra, eu tentaria isso. Mas não consigo aconselhá-los.

Vocês devem tomar suas próprias decisões.

Hubble pegou o microfone:

- Não podemos aconselhá-los, porque não conhecemos o processo. Estamos lidando, aqui, com a ciência de uma era futura e que está muito além de nós. Só podemos lidar com esses cientistas, na base da fé.

- Eles dizem que a teoria é totalmente viável. Nós advertimos sobre a possibilidade do fracasso. Depende de vocês decidir o quão grande é o risco e quanto vocês estão dispostos a apostarem. Kenniston virou-se e falou com o prefeito Garris.

- Diga-lhes para pensar com cuidado. Em seguida, peça uma votação - aqueles a favor de tentar, irão para um lado da praça, aqueles contra, para o outro. Além disso, para Hubble, ele disse:

- Eles deveriam ter meses para decidir uma coisa assim, em vez de minutos!

Hubble respondeu:

- Talvez seja melhor assim, pois não dá tempo para que sejam colocados os interesses políticos...

O prefeito Garris falou com a multidão. Houve uma turbulência crescente na praça, enquanto as pessoas tentavam argumentar, umas com as outras. Era preciso reunir opiniões, uns dos outros, sobre o que deveriam fazer. Trechos de conversas acaloradas chegavam aos ouvidos de Kenniston:

- Esses caras de fora fizeram tudo muito bem, até agora. Eles fizeram com que esta cidade voltasse a funcionar. Eles sabem o que estão fazendo! – diziam alguns.

- Eu não sei. Suponha que isso traga terremotos terríveis... Mas eu preferiria me sentar em um terremoto, do que ir para a Via Láctea! - Diziam outros.

Por fim, o prefeito Garris perguntou:

- Vocês estão prontos para votar?

Eles estavam. Tão prontos quanto seria possível, naquelas circunstâncias. Kenniston observou que seu coração batia aceleradamente e, ao lado dele, Jon Arnol percebeu isso. Kenniston explicou ao cientista do futuro, como as coisas eram resolvidas na terra do seu tempo. Esse processo era chamado de democracia e Jon achou tudo muito interessante, embora ainda bastante primitivo.

Por algum tempo, o movimento da multidão foi um pouco indeciso. Então, gradualmente, o movimento de separação ficou claro. Aqueles a favor do experimento, para o lado direito da praça ... Aqueles contra, para a esquerda ... Logo a diferença entre as duas facções se ampliou e Kenniston viu que na esquerda havia umas poucas duzentas pessoas.

A votação foi realizada e o experimento foi aprovado. Os joelhos de Kenniston fraquejaram, enquanto ele olhava para Arnol, quase chorando de alívio e alegria. Ele próprio se sentia tomado por uma excitação selvagem e, mesmo assim, quase não podia sufocar o medo que sentia. Todos estavam comprometidos, agora, ele, Arnol e a população de Middletown. Todos juntos, para a vida ou a morte! Ken voltou ao microfone:

- Vamos fazer essa coisa, assim que pudermos. Temos pouco tempo, antes que as naves da Federação cheguem, para nos evacuar. Todos devem se preparar para sair debaixo da cúpula, quando a bomba de energia for detonada. É uma medida de segurança. Ninguém deverá estar sob a cúpula...

- Aqueles de vocês que votaram contra o experimento, terão a chance de deixar a terra antes que ele ocorra. A nave pode levar uma grande quantidade de pessoas, então vocês poderão viajar com tranquilidade. E, dirigindo-se ao prefeito: Você vai assumir agora? Comece o trabalho de organizar a partida - precisamos de cada minuto que temos!

Hubble entrou na conversa:

- Eu acho melhor deixar Jon Arnol ver o eixo.

Logo a equipe técnica de Arnol começou o trabalho de analisar o grande eixo de calor, com ajuda de Gorr Holl, Magro e do próprio Arnol, enquanto Kenniston e Hubble, permaneciam a observar, tentando aprender um pouco, daquela super tecnologia. Arnol finalmente disse:

- Está feito. Ele vai até o cerne. Mas os eixos semelhantes, nas outras cidades abobadadas próximas daqui, terão que ser explodidos e selados, primeiro. Kenniston ficou assustado:

- Mas isso levará tempo ...

- Não, não muito tempo. Alguns dos meus homens podem resolver isso, rapidamente.

Claro que eu trouxe mapas da terra - e há apenas meia dúzia de cidades abobadadas.

Kenniston perguntou:

Quanto tempo demorará para preparar as coisas por aqui?

- Se realizarmos um milagre, respondeu Arnol, poderemos estar preparados até o meio dia de amanhã.

Kenniston concordou.

- Eu vou fazer o meu melhor para ajudá-lo. Apenas deixe-me ter dez minutos com minha namorada, primeiro.

Dez minutos não foi muito. Não muito, para um homem que acabara de atravessar meio universo, para ficar com sua garota. Mas o tempo era o que eles não tinham, um limite inexorável estava se fechando sobre eles a cada segundo, e mesmo assim Ken arranhou algum tempo, para ficar com Carol e matar a saudade. Ele tinha que fazer isso, apesar da terrível decisão que havia sido tomada e o que seria feito com a terra. Ken tinha que vê-la, silenciar seus medos e tranquilizá-la o melhor que pudesse.

Carol estava esperando, como se soubesse que ele viria. E para o espanto de Kenniston, não havia medo em seu rosto. Seus olhos estavam iluminados, de uma maneira, que ele não tinha visto desde os tempos que a conhecera.

- Ken, isso pode ser feito realmente? Ela perguntou. Será que vai, realmente, funcionar e tornar a terra mais quente?

- Estamos tão certos disso, que estamos jogando tudo o que temos, disse ele. Claro, sempre há uma chance de fracasso ...

Ela nem sequer ouviu isso. Suas mãos agarraram seus braços e ela estava excitada. Foi quase sem fôlego, que ela comentou:

- Mas isso não importa! Vale a pena correr o risco, se há alguma chance de ser bem-sucedido! Se nos permitir voltar para Middletown ...

Ele viu a esperança se renovar nos olhos dela, enquanto sussurrava:

- Apenas pensar nisso - de voltar para nossa cidade, nossas casas – já é motivo suficiente de arriscar tudo...

Kenniston, mais uma vez, teve a oportunidade de observar o amor que aquele povo tinha por sua cidade. De fato, a saudade da cidade velha significava a saudade da vida antiga. Ele a pegou em seus braços e a beijou. Tocou seus cabelos e pensou: Ela me ama, mas apenas como parte de uma vida que se foi, não eu sozinho, não o John Kenniston sozinho, mas o Kenniston de Middletown. Ela só será feliz comigo novamente, se pudermos mudar nossa vida e voltar ao que éramos, antes da bomba atômica.

Por que esse pensamento, de uma vida junto a Carol, não lhe trazia alegria? Por que ele se surpreendia sempre a pensar em Varn Allan? Apesar de tantos problemas a serem enfrentados e do tempo escasso, a todo momento ele se lembrava da mulher dos olhos azuis. Ken foi despertado dos devaneios, por uma pergunta de Carol:

Como era lá, Ken

Ele balançou sua cabeça.

- Estranho - hostil - e lindo, de uma maneira terrível.

Ela completou:

- Eu acho que isso mudou você, um pouco. Eu acho que isso mudaria qualquer um.

Ela estremeceu um pouco, como se o toque dele, agora, fosse um sopro gelado de abismos alienígenas, uma mancha de mundos sobrenaturais.

- Não, Carol, disse ele. Não fui mudado! Mas não posso ficar agora. Tenho que voltar - cada minuto é precioso ...

Quando voltou para os outros, Kenniston viu que Nova Middletown se tornara um lugar movimentado. Muitas vezes o chamavam, mãos agarraram-no, atrasando sua caminhada, todos queriam fazer perguntas e Ken se sentiu feliz em se juntar aos outros, ao redor do grande eixo de calor. Gorr Holl sorriu ele.

- Agora, prepare-se para trabalhar!

Ken trabalhou duro, por um tempo que pareceu uma eternidade. Maquinistas e especialistas em chapas de metal, de Middletown, foram chamados. Todos os homens e equipamentos disponíveis. Grandes cargas foram trazidas da nave. Martelos faziam um barulho ensurdecedor, moldando o metal em forjas improvisadas. As máquinas de rebite também deram a sua contribuição de barulho. Gradual e dolorosamente, com muito suor e esforço, um andaime de vigas de aço foi montado acima da boca do grande eixo, onde Magro trabalhava, com seus técnicos, sobre complexos painéis eletrônicos. Estavam sendo montados os dispositivos de temporização e o controle de rádio que, de uma distância segura, detonaria a carga.

Kenniston teve pouco tempo para pensar, pois era preciso concentrar-se no trabalho. No entanto, sua mente se revertia, estranhamente e com frequência, para Varn Allan, trancada em

sua cabine a bordo do cruzador, enquanto ele se perguntava quais seriam seus pensamentos. Chegou a manhã. A cidade deveria ser evacuada até o meio dia e, prontamente, os homens e as mulheres de Middletown se reuniram para executar a missão.

Eles não levariam muita coisa para fora da cidade, afinal, não precisariam de muito. Uma espécie de ovoide negro, uma ferramenta, foi colocada em posição no corpo do eixo e, além disso, foram montados quatro pequenos objetos redondos, de aparência diferente de tudo o que os terráqueos já tinham visto.

- Bombas Capper, que montamos no laboratório da nave, no caminho para cá, explicou Arnol. Eles vão descer um instante após a bomba de energia, e explodirão no eixo, no ponto exato antes do nível zero, selando o eixo.

Kenniston observava atento, enquanto os técnicos colocavam as bombas Capper em suas posições, uma acima da outra, dentro do quadro de vigas. O dispositivo seria disparado pelo relé eletrônico, da caixa de controle remoto. Kenniston sentia um nervosismo crescente, a medida que o momento fatídico se aproximava. Sua preocupação era com as milhares pessoas de Middletown, que confiaram nele, acreditando nos seus amigos cientistas do futuro, com a mesma fé que acreditavam nas pessoas da terra.

Ken esperava não sobreviver para contar, caso o experimento fracassasse. Um guindaste tinha sido preparado, para lidar com a bomba de energia. A equipe de eletrônicos estava trabalhando, desesperadamente, para concluir a intrincada fiação dos mecanismos do sistema. Uma das vigas de suporte tinha apresentado uma falha e, com esforço desumano, os trabalhadores do aço trabalhavam para substituí-la.

Mais algumas horas, agora, e a coisa seria feita. Ao meio dia, ou um pouco depois, eles saberiam se a terra seria um lugar de vida ou de morte.

Então, um dos homens de Arnol veio correndo. Ele corra todo o caminho, desde a nave e estava sem fôlego. Seus olhos estavam selvagens. O homem gritou para Arnol:

- Uma mensagem no sistema do Esquadrão de Controle! Eles dizem que estão se aproximando da terra e nos ordenam que cessemos as operações, imediatamente!



## CAPÍTULO VINTE

### ENCONTRO COM O DESTINO

Kenniston sentiu o impacto das notícias como uma catástrofe, esmagando todas as suas esperanças. Ele ficou parado, olhando para os técnicos que se entreolhavam, aguardando as ordens dos líderes. Como um eco sinistro, o aviso de Varn Allan voltou à mente de Ken:

- Você não pode lutar contra a lei da Federação!

Mas Jon Arnol, furioso por ver o sonho de uma vida ameaçado de ruir, no último momento, correu para o mensageiro. Ele pegou o colarinho do homem.

- Você pensou em usar um indicador de distância, nas mensagens dessas naves?

O homem balançou a cabeça, positivamente.

- Sim. As leituras foram...

- O diabo com leituras! Quão longe da terra estão essas naves?

- Eu estimaria que eles estão a três ou quatro horas de distância, se estiverem à toda velocidade

- Eles virão a toda velocidade, não se preocupe, disse Arnol com tristeza. Seu rosto era uma máscara de suor, os olhos piscando devagar, enquanto ele se voltava para os outros.

- Podemos ficar prontos à tempo?

- Os controles de disparo estão dentro, respondeu um técnico. Levará uma hora ou mais para preparar os temporizadores.

Kenniston recuperou um pouco de esperança, quando soube do limite de tempo que enfrentavam.

- Certamente, podemos estar prontos a tempo, Arnol! Eu vou começar a acionar as pessoas, para deixarem a cúpula!

O prefeito Bertram Garris não estava muito longe. Com seus olhos redondos e pálidos de preocupação, o Prefeito observava o trabalho em torno do grande eixo. Kenniston foi até ele.

- Comece a evacuação imediatamente, mande as a encosta das colinas. Apenas os doentes e os idosos podem ir de carro - o restante deve caminhar. Não podemos arriscar um engarrafamento de trânsito agora!

- Sim, ofegou o prefeito. Sim, imediatamente. Ele pegou o braço de Kenniston, olhando além dele, a massa ovoide negra da bomba. Como se tivesse vergonha de mostrar o terror que sentia, Garris balbuciou:

- Quão perigo existe, Kenniston?

Kenniston deu-lhe uma palavra reconfortante.

- Não se preocupe. Vá junto e tire essas pessoas da cidade! Ken desejou que ele próprio, pudesse ir também...

As próximas horas foram um pesadelo. Trabalhando sob pressão, valorizando cada segundo, parecia que tudo conspirava contra eles. O metal, os mecanismos, as próprias ferramentas pareciam determinados a traí-los.

E, no entanto, finalmente, a forma escura da bomba de energia balançou sobre a boca do eixo. O último dos temporizadores foi instalado, e foi feito!

- Preparem seus equipamentos, Kenniston disse-lhes de forma tensa. Vamos lá. Ainda há muito a ser feito.

Ele saiu com Hubble, Arnol e os outros. A cidade estava como ele a tinha visto pela primeira vez - vazia, imóvel, sem vida. O povo tinha ido embora. Quando ele desceu para o portal, conseguiu ver a massa escura que se afastava, já longe na planície. As milhares de pessoas passando, lentamente, pelo declive da cordilheira distante.

Ansioso, ele prescrutou o céu. Ainda não havia nenhum sinal do Esquadrão de Controle. Arnol enviou sua equipe técnica para a frente, com os mecanismos de controle remoto e instrumentos de gravação. Gorr Holl, Magro e Hubble foram com eles. Então Kenniston e Arnol correram em direção à nave. Um pequeno grupo de pessoas os acompanhou – eram os cidadãos que desejavam serem evacuados da terra – eles esperavam embarcar na nave.

Kenniston olhou para eles com espanto. Dos duzentos, apenas uns poucos tinham chegado à nave. Arnol disse-lhes secamente:

- Vocês podem embarcar agora.

Alguns deles pegaram suas bagagens e se prepararam para embarcar na grande nave estelar. Kenniston contou: Dois homens, três mulheres e uma criança.

- Bem, disse ele ao grupo:

- O que vocês estão esperando? Entrem!

- Eu acho... começou a dizer um homem, mas parou para limpar a garganta. Continuou: ...Eu acho que prefiro ficar com todos os outros...

O homem pegou sua bagagem e começou a se afastar, apressando-se para alcançar a multidão distante. Por fim, os outros também desistiram de embarcar e partiram em direção aos seus amigos de Middletown, que já iam bem distante na planície.

Arnol sorriu.

- Entre o seu povo, Kenniston, até mesmo os covardes são corajosos. Deve ser ainda mais difícil, de certa forma, para aqueles que decidiram ir.

Eles entraram na nave e foram procurar por Mathis, Norden Lund e Varn Allan trancados em suas cabines. Varn Allan não falou, mas o Coordenador disse friamente:

- Então, você realmente vai fazer isso?

- Nós vamos, disse Arnol. Meu piloto chefe está prestes a retirar esta nave daqui. Vocês estarão seguros.

Norden Lund disse amargamente:

- Espero que dê tudo errado e que sua experiência seja um fracasso! Mas, mesmo que isso não aconteça, mesmo que você seja bem sucedido, você não ganhará. Você ainda terá a lei da Federação para enfrentar. Vamos ver isso!

- Não duvido. E agora devemos ir, respondeu Jon Arnol.

Ele se virou para sair, mas Kenniston ficou parado, trocando um olhar com Varn Allan. O rosto da mulher estava um pouco pálido, mas não parecia enraivecida, como era o caso de Lund. Ela, simplesmente, retribuía o olhar de Ken e eles pareciam estarem apaixonados. Ele queria falar com ela, queria falar sobre algo que sentia, mas não conseguia encontrar as palavras adequadas e, além disso, a situação era urgente demais, para que um casal de enamorados pudesse ter um tempo para conversar. Ele só pode dizer, finalmente:

- Me desculpe, as coisas não deveriam ser assim, Varn. Adeus ...

- Espere, Kenniston.

Ele parou e ela se aproximou, pálida e calma, com aqueles seus olhos azuis brilhando, como em um dia de verão.

- Eu vou ficar aqui, enquanto você faz isso.

Ele a encarou, espantado, enquanto ouvia Mathis exclamar:

- Você está louca? Em que você está pensando?

Varn respondeu, calmamente:

- Eu sou a administradora deste setor de mundos. Se meus erros causaram essa crise, não fugirei das conseqüências. Eu vou ficar.

Lund gritou para Mathis:

- Ela não está pensando em suas responsabilidades! Ela está pensando neste primitivo, esse Kenniston!

Ela se virou, como se fosse dar uma resposta furiosa, mas não o fez, apenas olhou para Kenniston, com uma expressão que dizia tudo sem a necessidade de palavras, enquanto Mathis completou com frieza:

- Eu não pedirei que você venha conosco. Mas esteja certa de que sua conduta será lembrada, quando sua promoção for avaliada.

Varn fez uma reverência respeitosa para Mathis e deixou a nave. Kenniston, seguindo-a, sentiu uma forte emoção, que não ousava reconhecer, tão inusitado lhe parecia tal sentimento por uma alienígena. Kenniston, Varn Allan e Jon Arnol saíram para a luz vermelha do sol moribundo enquanto a nave, com um zumbido suave, alçava ao céu e a última massa escura de pessoas desaparecia no horizonte.

- Vamos, antes que seja tarde! Exortou Arnol.

Quando eles chegaram à sala do grande eixo, Gorr Holl, Magro, Hubble e os técnicos, estavam lá, esperando. Gorr Holl foi o primeiro a se expressar, quando os viu.

- Eu pensei que você ficaria na nave, Varn!

A administradora analisou, rapidamente, a situação e perguntou a Jon Arnol:

- Falta muito?

- Está tudo pronto! Respondeu Gorr, se adiantando, enquanto Kenniston olhava admirado para a impressionante parafernália de painéis e aparelhos, completamente estranhos para ele.

O rosto de Jon Arnol suave e suas mãos tremiam. Neste momento, ele estava enfrentando o clímax de toda a vida. Todos os anos de trabalho, pesquisa, dor e esforço...

Finalmente, ele sentenciou:

- Pode avisá-los agora, Kenniston.

Lá na planície, à distância segura, a multidão aguardava o sinal de Kenniston, que chegou através do velho e eficiente rádio.

- Vai começar! Mantenha-se atrás do cume! Vai dar tudo certo...

Um grande silêncio caiu sobre a multidão. Primeiro um, depois dois, e logo centenas, se ajoelharam para orar, enquanto outros, centenas, ficaram sem falar e, simplesmente, assistindo solenemente por cima da crista de elevação. Aqui e ali, uma criança começava a chorar.

Lentamente, como se estivesse vivendo um sonho estranho e fatídico, Kenniston voltou para a sala do eixo, onde Arnol e os outros estavam de pé, dando os últimos retoques na grande operação. Lá fora, a cúpula da cidade brilhava solitária, na vastidão estéril da planície.

Kenniston, em um instinto nervoso e inesperado pegou a mão de Varn Allan, que retribuiu ternamente. Naquele último minuto, antes que os dedos de Arnol pressionassem o padrão final, na placa de controle, Varn Allan olhou para Kenniston, silenciosa, pensando na imensidão da criação e no incontável de tempo e seres humanos que passaram por ali, antes deles, amando e odiando, criando e destruindo...

- Eu vejo agora, ela sussurrou, que, apesar de tudo o que perdemos, desde que essa coisa toda começou, também ganhamos algo precioso: Uma coragem cega e desconhecida - Estou feliz por ter ficado!

Arnol respirou fundo e sentenciou:

- Está pronto!

Por um longo e eterno momento, a terra morta não se revelou. Então, Kenniston sentiu um tremor sob seus pés - uma vez, duas vezes, quatro vezes. Eram as ondas de choques das bombas Capper, selando o grande eixo. Arnol observava a movimentação nos painéis digitais, super coloridos. Os tremores cessaram e, agora, era muito tarde para mudar qualquer coisa, até mesmo a emoção...

A seguir, veio um ruído do fundo da terra. Lá de dentro, do núcleo, nasceu um tremor, um estremeção forte, que vinha lentamente para cima, das pedras estereis e para toda a superfície. Era como se um coração morto de repente, começasse a bater novamente. Para vencer exultante, para criar um planeta renascido...

As indicações nos painéis dos mostradores ficaram bastante agitadas. Gradualmente, os mostradores voltavam ao normal. Todos, exceto uma fila deles, em que Arnol e sua equipe, se concentraram, mais especificamente. Kenniston não estava aguentando o terrível silêncio.

- Tem ... gaguejou ele, com voz rouca.

Arnol voltou-se lentamente para ele e falou, como se fosse difícil para ele falar.

- Sim. A reação foi iniciada. Há uma grande chama de calor e vida dentro da terra agora. Levará semanas para que o calor e a vida fluam até a superfície, mas virá.

Arnol virou as costas para Kenniston e se dirigiu à sua equipe. O que ele tinha a dizer era para os jovens cansados, que haviam trabalhado tanto tempo na equipe. Ele disse:

- Aqui, neste pequeno planeta terra, há muito tempo, um dos nossos antepassados primitivos, acendeu um fogo. E em todos os outros mundos distantes daqui, em algum momento, essa história se repetiu e se repete...

Kenniston não ouviu mais nada! Apenas sentia que Varn Allan estava agarrando-se a ele, enquanto Gorr Holl gritava festejando. Veio um barulho assustador do coração da terra,

acompanhado de um tremor, que foi sentido pelos cidadãos de Middletown, lá fora na colina e eles ficaram apavorados, pensando que o mundo iria se acabar. Mas a voz emocionada de Hubble soou serena e trouxe Ken de volta, ao equilíbrio.

- Diga-lhes, Ken. Ele conseguiu! Todo o perigo acabou, e em semanas o calor do núcleo começará a chegar à superfície ...

Kenniston escolheu as palavras, um pouco teatral, usou novamente o velho rádio para comunicar o sucesso da experiência e a volta da esperança no futuro, aos amigos que esperavam ansiosamente, no frio da colina.

- Foi um inverno frio na terra, há um milhão de anos. Mas agora, ou melhor, em alguns dias, a primavera estará voltando para a terra. Primavera!

O povo entendeu a mensagem e veio um grito de alegria! Eles começaram a rir e a chorar, a gritar e a gritar...

Eles ainda comemoravam, quando as grandes naves de controle chegaram e, mais uma vez, a planície se transformou em estacionamento de naves estelares.

## CAPÍTULO VINTE E UM

### ACORDANDO O MUNDO

Lentamente, durante todas aquelas semanas, a primavera vinha chegando. Era primavera na velha terra e, a cada dia, o vento soprava um pouco mais suavemente e já os primeiros tufos de grama começavam a brotar no solo da planície. Mas, apenas por notícias, Kenniston ficava sabendo dessas coisas, pois confinado com os outros em um prédio de Nova Middletown, parecia-lhe que o tempo não passava.

As semanas de espera pelo Comitê Especial dos Governadores, que vinham de Vega, as semanas de audiências, a coleta de testemunhas e a cuidadosa explanação dos motivos. E agora, os dias de espera pelo veredito final. Arnol estava preocupado. Ele era um homem feliz. Falava pouco, mas era um vencedor e era certa a vitória nas audiências. Gorr Holl e Magro não estavam preocupados. O grande capelino, até mesmo agora, que esperava a decisão dos juízes, continuava alegre.

- Diabos, o que eles podem fazer? – disse ele a Kenniston – o que está feito, está feito. O método Arnol se mostrou viável e agora toda a galáxia sabe disso. Eles, agora, não têm mais motivos para tirar as pessoas de seu próprio mundo.

Magro completou:

- Não podem mais forçar o seu povo a deixar a terra, agora que ela está começando a aquecer. Isso não faria sentido.

Kenniston disse:

- Eles podem nos prender pelo resto de nossas vidas, mas não podem mudar o resultado do nosso trabalho.

Gorr Holl sorriu alegremente.

- Lembre-se, homem, nós somos apenas primitivos e emotivos, e eles vão ter de dar um desconto por isso.

Quando eles foram levados para a grande sala do veredito, os olhos de Kenniston se arregalaram, não por causa dos réus, mas por causa de Varn Allan. Ele sabia que a carreira dela estava em jogo nesta audiência, mas ela não parecia chateada e encontrou seu olhar, com um pequeno sorriso. Lund, ao lado dela, olhava atento e parecia bastante preocupado. Ele lançou um olhar duro a Kenniston, mas Kenniston teve que desviar os olhos, quando a leitura do veredito começou. O velho homem que começou a ler o veredito era um dos quatro juízes e não apresentava nenhum sinal de amizade na face. Ele falou como alguém que, relutantemente, cumpria um dever difícil.

- Vocês são os líderes dessa coisa toda e deverão assumir as reponsabilidades, por haverem desafiado as leis da Federação e os Governadores – ele disse - aqui caberia, perfeitamente, uma sentença de prisão perpétua. Ele olhava friamente para os réus.

Gorr Holl sussurrou:

- Ele está tentando nos assustar, mas não me parece muito confiante.

O velho juiz continuou.

- Mas, neste caso, é muito difícil chegar-se a um veredito, simplesmente aplicando a lei, pois somos obrigados a admitir que os atos que vocês cometeram, criaram uma nova situação. O Conselho dos Governadores poderá, agora, aprovar o uso método de Arnol em outros planetas...

Kenniston achava muito difícil de acreditar que uma grande e longa batalha pela sobrevivência de mundos, pudesse terminar naquelas frases.

- ...em outros planetas, e nos presenteia com um impasse legal. Punir vocês, agora, poderia ser perfeitamente legal, mas não seria moral.

Gorr Holl suspirou de alívio, mas de uma maneira tão ruidosa que quebrou o respeitoso silêncio da sala.

- Não será possível, conseqüentemente, fazer mais do que demitir os oficiais da Federação envolvidos, como reprimenda por conduta inadequada, ante o Conselho dos Governadores.

Nesse momento, em que tudo acabara, Kenniston percebeu que sentira pouca emoção, apesar de tudo, pois as questões envolvidas no julgamento eram de natureza tão vasta, que pouco influenciavam a ele, pessoalmente. Ele sabia que tudo passaria e que, no final, se sentiria bem e agradecido pelos resultados conseguidos mas, nesse momento, o juiz se dirigia diretamente a Varn Allan e Lund.

- Para além da questão principal, ainda resta a conduta de responsabilidade oficial, no trato com o problema da evacuação dos terráqueos. Estamos obrigados a expressar a censura oficial do que parece ser uma falta imperdoável, de um problema psicológico, pela Administradora encarregada Varn Allan, aqui presente, além do seu Sub Administrador, Norden Lund, que tentou dificultar as ações administrativas de sua superiora, por razões egoísticas.

A voz fria terminou com algumas breves e duras frases.

- Nós recomendamos para a Administradora Allan: rebaixamento de posto. Para o Sub Administrador Lund: também rebaixamento de posto. Esta audiência está concluída.

Kenniston olhou para Varn Allan, através da grande sala. A face dela não apresentava mudança e, silenciosamente, ela se virou e saiu. Gorr Holl estava batendo, nervosamente, na mesa e Magro dizia algo, excitado, mas deixou a sala e foi atrás de Varn Allan. A mulher viu que ele vinha e o esperou, mas Norden Lund estava entre eles, com a face pálida e controlando a raiva. Sua voz estava alterada, quando ele se dirigiu a Kenniston:

- Então, finalmente, vocês primitivos destruíram a minha carreira?

Varn Allan o interrompeu, com desprezo:

- Você se arruinou por si mesmo, Norden, com sua ambiciosa conspiração.

Norden virou-se e caminhou, abandonando o grupo. Varn Allan olhou para ele, suspirou e disse:

- Você faz inimigos mortais.

Ele não pensara nisso, dessa maneira, e perguntou a ela:

- Você é minha inimiga, também? Porque? O que eu lhe fiz?

Ela balançou a cabeça gravemente.

- Não. Isso não foi obra sua. Em uma nova e confusa situação, eu falhei. Isso é tudo.

- Isto é o inferno! - ele explodiu - eles foram injustos com você! Você fez o seu melhor e ...

- ... E não foi suficientemente bom, ela terminou. E então sorrindo, completou - não é uma tragédia. O fardo de um Administrador não é fácil, mas não me arrependo de nada.

Ele nunca admirara a coragem dela, como agora. Gostaria de lhe dizer muitas coisas, mas ela o interrompeu, dizendo:

- Este é um grande dia para você, Kenniston, por que graças a você, eles estão permitindo que, quem do seu povo desejar, volte para a velha Middletown. Isto não é ótimo?

- Sim, eu entendi que hoje é um grande dia.

- Você poderá voltar para lá com a sua Carol. Ela vai adorar...

Ele começou a dizer, "Varn..." - mas ela o interrompeu:

- Isto não é um adeus. Ainda nos veremos antes de deixarmos a terra, mas, por agora, volte para ela.

Emocionado, Ken respondeu:

- Sim. Sim, vou encontrá-la imediatamente e esperar a próxima oportunidade de rever vocês.

Varn se foi e Ken ficou observando-a, até que ela desaparecesse. Então, lentamente, ele deixou e enorme e já vazio prédio, ganhando a rua, onde foi surpreendido por um tremendo clamor e um enorme tumulto.

A praça estava lotada, mas uma larga via fora disponibilizada para a multidão, que se dirigia ao portal. A banda da Escola Secundária de Middletown, em seu melhor uniforme, marchava pela pista, em direção ao portal.

Atrás da banda, em um conversível verde brilhante e aberto, vinha o Prefeito Garris, de pé no banco de trás, sem chapéu, com o rosto rosado, sorrindo com o sol e agitando o chapéu alegremente para a multidão. Seguindo o carro do Prefeito, vinha uma longa linha de outros carros - alguns muito antigos, outros mais novos e reluzentes, os sedãs das famílias, lotados de

gente emocionada, muita festa mesmo. A caravana se formara para o povo voltar, triunfante, à velha Middletown.

Kenniston viu as pessoas animadas que cercavam Jon Arnol, Hubble, Gorr Holl e Magro. Como não queria se juntar ao grupo, Ken voltou e circulou pela praça, passando por ruas temporariamente abandonadas, até o quarteirão de Carol e sua tia.

Carol soltou um grito feliz quando ele entrou.

- Oh, Ken, então você está livre! Eles disseram que seria hoje, e eu estava esperando e esperando ...

- Sim, tudo acabou, disse ele, parado e sem saber o que dizer para ela, até que a Sra Adams surgisse.

- Então, podemos sair daqui agora, como os outros? – disse a senhora Adams, ansiosamente - nós podemos voltar para Middletown agora?

- Assim que vocês estiverem prontas, posso pegar o jipe - disse ele.

- Venho embalando as coisas a dias - respondeu ela - não ficaria neste lugar sobrenatural por mais um minuto! Imagine, ouvi dizer que muitos jovens vão ficar aqui, por escolha! Eles dizem que, agora, gostam mais da Nova Middletown!

Kenniston sentiu uma curiosa sensação de irrealidade, quando pegou o jipe e carregou suas coisas para, em seguida, se juntar ao lento tráfego que saía da cidade abobadada. Poderia tudo terminar assim? Poderia ser verdade que ele voltaria para a antiga cidade, a velha vida, depois de tudo o que tinha feito e visto?

Debaixo da grande cúpula, entre as altas torres brancas e visualizando o portal... O Sol vermelho ainda brilhava devagar, mas um vento mais suave do que a terra havia sentido por um milhão de anos, estava soprando pela planície, mexendo os tímidos e pequenos rebentos de grama nova, trazendo um sopro de nova vida calorosa.

Carros à frente deles e carros atrás deles, rodando em direção à saída, ansiosos por ver a cidade velha. Logo eles passavam pela pequena nave cruzadora de Jon Arnol e, em seguida, pelos grandes titãs estacionados na planície, envoltos na majestade de gigantes, que conheciam os segredos do infinito. Ken olhou novamente para as grandes naves espaciais, e pensou nos vastos espaços de estrelas, por onde aquelas máquinas viajavam e, então, olhou para a frente e continuou seu caminho.

Finalmente, os ansiosos cidadãos chegaram a antiga Middletown.

Ao longo das ruas familiares, as casas já estavam começando a ganhar vida. Persianas levantadas, janelas e portas abertas, mulheres ocupadas com vassouras em varandas empoeiradas. As vozes estridentes de crianças e os latidos de cachorros misturavam-se à barulhenta impaciência das buzinas.

Uma pequena jornada pela velha Mill Street e, finalmente, a velha casa acinzentada, do mesmo jeito que eles tinha deixado. Kenniston parou o jipe na calçada. A Sra. Adams saiu, subiu lentamente os degraus e destrancou a porta. Ela ficou por um momento, olhando para dentro.

- Nada mudou, sussurrou. Mas toda essa poeira. Vou ter que limpar ...

De repente, sentou-se na cadeira ao lado da janela e começou a chorar.

Carol não entrou de uma só vez. Sentindo uma estranha sensação de tensão, Kenniston perguntou: "Você também está feliz, Carol?"

Ela assentiu com a cabeça, meio sorridente e olhando para a rua cheia de vida.

- Sim, Ken.

Ele respondeu:

- Bem ... Eu quero voltar para Nova Middletown, para ver Gorr e os outros antes de partirem. Mas voltarei logo.

Ela olhou, muito séria, para ele e disse:

- Não, Ken. Não volte para mim.

Ele olhou para ela, atônito.

- Carol, o que você quer dizer?

Seu rosto suave estava bastante equilibrado, ao responder:

- Quero dizer que você não nos pertence mais, Ken. Você mudou quando você saiu para lá. Você vai mudar mais e mais, nos dias que se seguem - vai se tornar mais e mais um estranho,

nessa nova vida – a moça ainda acrescentou: - mas eu não posso mudar. Não é assim. Você levaria uma vida miserável comigo, agarrando-se às coisas antigas.

Ken sabia que ela falava a verdade, mas, e ainda assim, tentou protestar.

- Mas e os planos que fizemos juntos, Carol ...

Ela balançou a cabeça.

- Eu fiz esses planos com outro homem, um homem que não está mais aqui, e nunca mais estará novamente.

Carol estendeu a mão para o rapaz, beijou-o e, então, entrou e fechou a porta. Kenniston ficou um momento, hesitando. Então, lentamente, voltou para o jipe e partiu de Middletown.

Voltando para a cidade da cúpula, ele podia ver novamente, as naves espaciais estacionadas na planície. E a própria cidade ainda vivia. Era o povo mais jovem de Middletown, que tinha escolhido permanecer por lá - os jovens tinham em mente, novos sonhos.

Outras naves espaciais viriam, pois a terra era agora, habitável novamente. Os povos das estrelas distantes, viriam e se misturariam com as pessoas de Nova Middletown, enquanto que os jovens daqui iriam para outros sóis e, gradualmente, toda a estranha história de Middletown, seria absorvida pelo fluxo da história.

Kenniston acelerou o jipe em direção à cidade abobadada. Ele sentia uma sensação nova de liberdade e uma profunda gratidão por Carol, por não tentar detê-lo, mas sentia, também, uma incerteza e um pouco de medo. Velhos e novos horizontes se estendiam diante dele agora, os horizontes ilimitados do espaço, as intermináveis avenidas do pensamento novo. Ele ainda era filho da terra, da velha terra, mas se ficasse na terra, seria um estranho e solitário.

Kenniston encontrou os outros ainda na praça, conversando juntos - Gorr Holl, Magro, Arnol e Varn Allan. Eles o viram e Gorr acenou, chamando-o. Enquanto dirigia em direção aos amigos, Ken viu os olhos ansiosos de Varn Allan, à sua espera e, de repente, ele soube que aquela era a mulher da sua vida e que nos anos vindouros, não estaria mais sozinho.

FIM



# A Cidade do Fim do Mundo

Por  
Edmond Hamilton

Este livro digital não pode ser vendido e foi criado como parte do Projeto 1000 Livros, por pessoas que acreditam no livro digital gratuito como ferramenta de democratização da leitura.

Se você também acredita, COMPARTILHE !

**Edição Criada e Formatada por:**

**<http://www.elivros-gratis.net>**

Tradução de Ubiratan Jardson dos Montes

Contato: [ubiratandosmontes@hotmail.com](mailto:ubiratandosmontes@hotmail.com)

Conheça o Projeto 1000 Livros em:

<http://www.elivros-gratis.net/projeto1000livros>